



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Tatiana Mazza da Silva-Surer

Trajetórias de mudança dos predicados *acabar*, *acontecer* e
começar sob perspectiva discursivo-funcional

São José do Rio Preto
2014

Tatiana Mazza da Silva-Surer

Trajetórias de mudança dos predicados *acabar*, *acontecer* e
começar sob perspectiva discursivo-funcional

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Leite
Gonçalves

São José do Rio Preto
2014

Silva-Surer, Tatiana Mazza da.

Trajetórias de mudança dos predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* sob perspectiva discursivo-funcional/ Tatiana Mazza da Silva-Surer. -- São José do Rio Preto, 2014.

190 f. : il.

Orientador: Sebastião Leite Gonçalves

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Semântica. I. Gonçalves, Sebastião. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 41(038)

Tatiana Mazza da Silva-Surer

Trajetórias de mudança dos predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* sob perspectiva discursivo-funcional

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa
UNESP – São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglio Hattner
UNESP – São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Angélica Terezinha Carmos Rodrigues
UNESP – Araraquara

Prof^a. Dr^a. Taisa Peres de Oliveira
UFMS – Três Lagoas

São José do Rio Preto
06 de agosto de 2014

Ao meu avô Mazza (in memoriam) e à minha família, eu dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, eterna admiração ao profissional e, sobretudo, à pessoa que é. Sou muito grata por ter sido sua orientanda durante esses seis anos. Obrigada pela confiança depositada em minha pessoa e em meu trabalho e pela amizade que construímos.

À Profa. Dra. Mathilde Evelien Keizer, da Universidade de Viena, pela orientação deste trabalho durante a minha estadia na Áustria e pelo carinho e preocupação. Poder disfrutar dos seus conhecimentos me fez enriquecer muito como pesquisadora.

À Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa, pela amizade, pelo exemplo de profissional e pelas sugestões que fez ao meu trabalho desde o projeto até a defesa.

À Profa. Dra. Marize Mattos Dall'Aglio Hattner, por me incentivar a fazer o doutorado-sanduiche e me mostrar que isso poderia trazer contribuições não só ao meu trabalho, mas também a minha pessoa. Obrigada também pelas inúmeras sugestões no decorrer deste trabalho, no exame de qualificação e de qualificação especial.

À Profa. Taisa Peres de Oliveira, por ter aceito a participar da banca de defesa e, também, pelas suas contribuições durante nossos bate-papos.

À Profa. Vânia Cristina Casseb-Galvão, por participar da banca de defesa e pelas contribuições ao trabalho, por meio de seus artigos sobre a interface GR/GDF.

À Profa. Dra. Anna Flora Brunelli, por sempre estar disposta a me ouvir ou a ler os meus e-mails. Obrigada por levantar o meu astral, por meio de palavras de carinho e sabedoria.

Aos Profs. Drs. Kees Hengeveld, Lachlan Mackenzie e Daniel Velasco, por discutirem os dados do meu trabalho em todas as etapas desta pesquisa.

À Profa. Dra. Hella Olbertz, por debater meu trabalho na Universidade de Amsterdam e por sempre estar disposta a discutir sobre as perífrases verbais em Português.

Ao meu avô Mazza, por ter me ensinado a persistir nos meus sonhos. Nos momentos mais difíceis, lembrei-me da lição deixada por ele: eu quero, eu posso e eu vou conseguir.

Aos meus pais, por terem sempre me dado o apoio emocional e financeiro. Agradeço a eles também por terem cuidado perfeitamente da minha filha, durante os meus estudos na Áustria. Sem eles, eu não teria conseguido chegar nem na metade do caminho.

À Maria Eduarda, minha amada *Miss Sunshine*, mesmo tão pequena, soube ser forte para entender as escolhas da mamãe. Obrigada por ser o meu horizonte e a força que me fez chegar até aqui.

Ao meu marido Paul, meu exemplo de pesquisador, que, mesmo sem entender de Linguística e, muito menos, de história da língua portuguesa, foi o meu primeiro interlocutor. Obrigada por todos momentos que facilitou a nossa vida para eu poder pesquisar e pelo marido e pai sensacional que é. *Danke, mein Schatz!!!*

A todos os meus amigos que, mesmo na distância, se fizeram presente. Em especial, gostaria de agradecer ao Michel Fontes, por estar sempre disposto a discutir a GDF comigo.

À Universidade de Viena, por ter me aceito como aluna durante os seis meses do doutorado-sanduíche.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação do IBILCE.

À CAPES, pelas bolsas de doutorado e doutorado-sanduíche.

E a Deus e a Nossa Senhora por sempre terem me dado a força necessária para seguir.

No começo era o verbo

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá, Onde a criança diz:
eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
Funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta,
que é a voz
De fazer nascimentos -
O verbo tem que pegar delírio.*

(Manoel de Barros)

RESUMO

Nosso objetivo nesta tese é analisar a multifuncionalidade dos predicados acabar, acontecer e começar, na história do português brasileiro, assumindo como quadro teórico duas teorias de mudança linguística – Lexicalização e Gramaticalização – na interface com a Gramática Discursivo-funcional (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008). Lexicalização caracteriza-se como processo por meio do qual itens ou construções entram para o léxico da língua com um significado específico (LEHMANN, 2002a), e Gramaticalização, como processo que leva itens ou construções lexicais a assumirem, em contextos específicos, funções gramaticais ou, se já gramaticalizados, a continuar a desenvolver novas funções gramaticais, envolvendo, no decorrer do processo, pragmatização crescente de sentidos e recategorização dos itens ou construções (HOPPER & TRAUGOTT, 2003). Em acordo com modelo de descrição proposto pela Gramática Discursivo-funcional, assumimos como hipótese que a trajetória de mudança percorrida pelos predicados em análise respeita a ordem hierárquica das camadas e dos níveis de representação gramatical. A investigação empírica toma por base corpora compostos de textos históricos do português brasileiro de diferentes gêneros do discurso dos séculos XVIII ao XXI e também de dados de fala do português brasileiro contemporâneo dos séculos XX e XXI. Como resultado da pesquisa em corpora, levantamos para o predicado acabar sete diferentes padrões de uso, para acontecer, dois diferentes padrões de uso, e para começar, quatro padrões de uso, e mostramos que todos os predicados convergem, em suas respectivas trajetórias de mudança, para o mesmo padrão de uso como operador argumentativo. Essa constatação nos permitiu propor um percurso de mudança envolvendo os diferentes padrões de usos de cada um dos predicados, o qual, na arquitetura da Gramática Discursivo-funcional, segue das camadas mais baixas para as mais altas do Nível Representacional (nível das representações semânticas) e do Nível Representacional para o Nível Interpessoal (nível das representações pragmáticas), comprovando assim a hipótese inicialmente assumida e a adequação do modelo gramatical adotado.

Palavras-chave: *Gramaticalização; Lexicalização; Gramática Discursivo-Funcional.*

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the multifunctionality of the predicates acabar, acontecer and começar, in the history of Brazilian Portuguese, assuming as a theoretical framework two theories of linguistic change – Lexicalization and Grammaticalization – in interaction with the study of Functional Discourse Grammar (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008). Lexicalization is considered here as the process through which single items or constructions become part of the language lexicon with a new specific meaning (LEHMANN, 2002a), while Grammaticalization is regarded as the process which leads items or lexical constructions to acquire, in specific contexts, grammatical functions or, if those items have already undergone grammaticalization, to continue and develop new grammatical functions. The latter process covers, throughout its development, a rising level of pragmatization of meaning and recategorization of the items and constructions involved (HOPPER & TRAUGOTT, 2003). In accordance to the model of description proposed by the theory of Functional Discourse Grammar, our hypothesis predicted that the trajectory of change perceived in the analyzed predicates would respect the hierarchical order of the layers and the levels of the grammatical representation. Empirical investigation was conducted on corpora composed of: (i) historical written texts of various discourse genres from the 18th to the 21st century; and (ii) Modern Brazilian Portuguese spoken data from the 20th to the 21st century. The results of the corpora investigation led to the findings of seven different patterns of use for the predicate acabar, two different patterns of use for the predicate acontecer and four different patterns of use for the predicate começar. We were also able to establish that all predicates converged, in their respective trajectories of change, to the same pattern of use: that of an argumentative operator. This conclusion allowed us to propose a path of change regarding the different patterns of use found for each one of the predicates; path which, in the architecture of Functional Discourse Grammar, moves from the lower layers to the higher layers of the Representational Level (level of semantic representations) and from the Representational Level to the Interpersonal Level (level of pragmatic representations), confirming therefore the initial hypothesis and the adequacy to the grammatical model adopted.

Keywords: Grammaticalization; Lexicalization; Functional Discourse Grammar.

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS

LISTA DE QUADROS

	p.
Quadro 01: A relação léxico e gramática (adaptado de LEHMANN, 2002a, p.3)	23
Quadro 02: Os processos de lexicalização e <i>folk etymology</i> (adaptado de BRINTON e TRAUGOTT, 2005)	27
Quadro 03: Os processos de gramaticalização e degramaticalização (adaptado de BRINTON e TRAUGOTT, 2005)	27
Quadro 04: Estágios de evolução da língua (HUMBOLDT, 1822, <i>apud</i> HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 18-19)	29
Quadro 05: Conceitos lexicais e conceitos gramaticais (adaptado de HEINE <i>et al.</i> , 1991)	35
Quadro 06: Correlação entre categorias metafóricas, classes de palavras e tipos de constituintes (adaptado de HEINE <i>et al.</i> , 1991, p.53-54)	39
Quadro 07: Nível Interpessoal (SOUZA, 2009, p. 47)	47
Quadro 08: Categorias semânticas (adaptado de HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 136)	51
Quadro 09: Nível Representacional (SOUZA, 2009, p. 51)	52
Quadro 10: Critérios de gramaticalização dentro de cada nível (adaptado de KEIZER, 2007)	58
Quadro 11: Traços léxico-gramaticais para morfemas livres em Inglês (adaptado de KEIZER, 2007)	59
Quadro 12: Gramaticalização de <i>will</i> (adaptado de KEIZER, 2012)	60
Quadro 13: Fatores que explicam a interface entre GDF/GR (adaptado de CASSEB-GALVÃO, 2011)	61
Quadro 14: Desenvolvimentos atestados na gramaticalização de tempo e aspecto (transcrito de HENGEVELD, 2011)	63
Quadro 15: Critérios de Auxiliaridade (adaptado de FONSECA, 2010)	67
Quadro 16: Propriedades prototípicas dos Predicados Encaixadores e Verbos Auxiliares (baseado em WACHOWICZ, 2007)	74
Quadro 17: Constituição dos <i>corpora</i>	81

LISTA DE FIGURAS

	p.
Figura 01: Arquitetura geral da Gramática Discursivo-Funcional (adaptado de HENGEVELD e MACKENZIE, 2012, p. 46)	45
Figura 02: Lexicalização e Gramaticalização de [<i>acabar de</i>]	128
Figura 03: Lexicalização e Gramaticalização de [<i>acabar por + infinitivo</i>]	130
Figura 04: Gramaticalização de [<i>acabar + gerúndio</i>]	131
Figura 05: Lexicalização e Gramaticalização de [<i>acabar + que</i>]	132
Figura 06: Trajetória de mudança de <i>acabar</i> e sua atuação na estrutura hierárquica da GDF	134
Figura 07: Gramaticalização de <i>acontecer</i> de verbo pleno a predicado encaixador	153

Figura 08:	Lexicalização e Gramaticalização de [<i>acontece + que</i>] e sua atuação na estrutura hierárquica da GDF	154
Figura 09:	Comportamento de <i>acontecer</i> na estrutura hierárquica da GDF .	154
Figura 10:	Lexicalização de [<i>começar a</i>]	175
Figura 11:	Gramaticalização de [<i>começando que</i>]	176
Figura 12:	Trajetória de mudança de <i>começar</i> e sua atuação na estrutura hierárquica da GDF	177

SUMÁRIO

	p.
INTRODUÇÃO	15
Cap. 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1.1. Os processos de mudança linguística	21
1.1.1. Lexicalização	21
1.1.2. Gramaticalização	28
1.1.2.1. A distinção lexical e gramatical	33
1.1.2.2. Unidirecionalidade e os mecanismos de Gramaticalização	36
1.2. Gramática Discursivo Funcional	42
1.2.1. Nível Interpessoal	46
1.2.2. Nível Representacional	49
1.2.3. Nível Morfossintático	53
1.2.4. Nível Fonológico	55
1.3. A implementação da Gramaticalização dentro da Gramática Discursivo-Funcional	56
1.4. Auxiliaridade, Copularidade e Encaixamento	63
1.4.1. Verbo pleno x Verbo auxiliar	63
1.4.2. Verbo auxiliar x Verbo copular	69
1.4.3. Verbo auxiliar x Predicado encaixador	72
Cap. 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	75
2.1. Composição dos corpora	75
2.1.1. Delimitando o português brasileiro	76
2.1.2. <i>Corpora</i> do trabalho	78
2.2. Critérios de análise	82
Cap. 3. OS PREDICADOS ACABAR, ACONTECER E COMEÇAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	91
3.1. Os processos de mudança linguística dos predicados <i>acabar</i>, <i>acontecer</i> e <i>começar</i> sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional ...	91
3.1.1. <i>Acabar</i>	92
3.1.1.1. A multifuncionalidade de <i>acabar</i>	93
3.1.1.2. A trajetória de mudança linguística de <i>acabar</i> e a interface com a GDF	124
3.1.2. <i>Acontecer</i>	135
3.1.2.1. A multifuncionalidade de <i>acontecer</i>	136
3.1.2.2. A trajetória de mudança linguística de <i>acontecer</i> e a interface com a GDF	149

3.1.3. <i>Começar</i>	155
3.1.3.1. A multifuncionalidade de <i>começar</i>	156
3.1.3.2. A trajetória de mudança linguística de <i>começar</i> e a interface com a GDF	171
CONCLUSÕES	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	182

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, investigamos a multifuncionalidade dos predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* na história do português brasileiro, tendo como aparato teórico a interface entre duas teorias de mudança linguística – Lexicalização (LEHMANN, 2002) e Gramaticalização (HOPPER e TRAUGOTT, 2003) – com a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008).

Lexicalização caracteriza-se como processo por meio do qual itens ou construções entram para o léxico da língua com um significado específico (LEHMANN, 2002a), e Gramaticalização, como processo que leva itens ou construções lexicais a assumirem, em contextos específicos, funções gramaticais ou, se já gramaticalizados, a continuar a desenvolver novas funções gramaticais, envolvendo, no decorrer do processo, pragmatização crescente de sentidos e recategorização dos itens ou construções (HOPPER e TRAUGOTT, 2003).

O modelo da Gramática Discursivo-funcional (GDF), desenvolvido por Hengeveld e Mackenzie (2008), prevê que, na produção de todo e qualquer enunciado, estão envolvidas operações gramaticais de Formulação e de Codificação, as quais são sempre alimentadas pelos componentes cognitivos/conceituais e contextuais, esses extra-gramaticais. Operações de formulações partem de decisões assumidas no Nível Interpessoal (NI) e, na sequência, no Nível Representacional (NR), o que significa dizer que o NI representa uma unidade linguística em termos de sua função comunicativa, e o NR, em termos de sua categoria semântica. A essas duas operações de formulação se seguem operações de codificação, que se processam, primeiramente no Nível Morfossintático (NM) e, em seguida, no Nível Fonológico (MF). Claro, então, está que a cada um dos níveis de representação gramatical correspondem manifestações puramente linguísticas de natureza pragmática, semântica, morfossintática e fonológica, respectivamente. Importante ainda a destacar, para os propósitos

trabalhos que exploram mais os predicados *acabar* e *começar*, mas nenhum dedicado especificamente às funções desempenhadas por *acontecer*, a não ser referências esparsas sobre esse predicado abordado a partir de outras temáticas, como, por exemplo, o trabalho de Pezatti (1993), que trata de ordem de palavras, o de Garcia (2004), que aborda a tipologia semântica de verbos, e o de Gonçalves *et al.* (2008), sobre subordinação sentencial.

A maioria dos trabalhos sobre *acabar* e *começar*, como o de Longo e Campos (2002), o de Wachowicz (2007) e o de Bertucci (2011), dedica-se mais à análise das funções aspectuais desses predicados em construções do tipo [*acabar de + infinitivo*] e [*começar a + infinitivo*], e enfatiza o funcionamento dos predicados nessas construções ou como verbo auxiliar ou como predicado encaixador.

Uma descrição mais detalhada acerca desses mesmos predicados, com foco na gramaticalização, é encontrada em Travaglia (2002), que apresenta uma análise diacrônica das diferentes funções por eles desempenhadas, fundamentada na noção de frequência de uso. No entanto, mesmo esse trabalho do autor não trata de algumas funções desses predicados, como, por exemplo, a função de semi-cópula de *acabar* e a função de operador argumentativo de *acabar* e *começar* em construções do tipo [*acabar que*] e [*começar que*], em razão de essas construções, segundo o autor, não apresentarem frequência expressiva na língua, o que deixa algumas funções desses predicados ainda carentes de descrição.

Sob a perspectiva da GDF, Bastos *et al.* (2007) mostram que a expressão de certas categorias modais no interior da oração completiva obedece ao tipo de unidade semântico-funcional do Nível Representacional que a completiva representa, ou seja, uma oração completiva não pode comportar um elemento modal semanticamente de nível mais alto do que aquele que ela representa. Dentre os vários tipos de predicados que selecionam complementos representados por uma das categorias do nível representacional (*p-*, *ep-*, *e-* ou *f-complemento*, conforme esquema dado acima), os autores constataam que os predicados *começar* e *acabar*, em construções do tipo [*começar/acabar + gerúndio*], selecionam

um *ep*-complemento e, em construções do tipo [*começar a/acabar de + infinitivo*], selecionam um *f*-complemento, no interior dos quais ocorrem apenas expressões de modalidade orientada para o participante, compatíveis, portanto, com a unidade representada pela completiva. Ao final do artigo, estendendo a análise dos predicados fasais, os autores consideram os casos em que *acabar* e *começar* encaixam orações finitas, não podendo, portanto, ser analisados como predicados fasais típicos. Construções do tipo [*acabar + que*] e [*começar + que*] introduzem complementos representados por Atos Discursivos, um *A*-complemento, unidade do Nível Interpessoal, e indicam “que, de uma série de argumentos, aquele expresso no complemento começa ou termina a argumentação” (p. 210). Na descrição que os autores oferecem, estão ausentes casos envolvendo o predicado *acontecer*, que também comporta um funcionamento discursivo que se conformaria a casos de complementação em construções do tipo [*aconteceu + oração*]. Embora os autores não estejam preocupados com o grau de gramaticalidade dos predicados que requerem complemento, as funções que eles descrevem para *acabar* e *começar* podem ser interpretadas como casos de menor e maior gramaticalidade dos predicados, com usos menos gramaticais encaixando complementos identificados com camadas mais baixas do Nível Representacional, e usos mais gramaticais encaixando complementos de camadas mais altas do mesmo nível ou do Nível Interpessoal, como pretendemos mostrar em nossas análises.

Para comprovarmos a trajetória de mudança percorrida pelos predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* na história do português, passamos pelas seguintes etapas de investigação:

- (i) descrevemos as funções que esses predicados exercem na construção textual;
- (ii) verificamos os contextos que favoreceram o surgimento das diferentes funções assumidas pelos predicados, identificando aquelas decorrentes de gramaticalização e aquelas decorrentes de lexicalização;

(iii) analisamos o comportamento desses predicados dentro da arquitetura da GDF, com intuito de descrever a atuação deles dentro nos níveis e camadas da representação gramatical;

(iv) propomos trajetórias de mudança percorridas por esses predicados até eles assumirem funções mais discursivas, procurando observar em que medida essas trajetórias refletem a estruturação dos níveis e camadas da GDF.

Em termos metodológicos, para a comprovação empírica da investigação que empreendemos, tomamos por base *corpora* constituídos de textos históricos do português brasileiro de diferentes gêneros do discurso dos séculos XVIII ao XXI e também dados de fala do português brasileiro contemporâneo dos séculos XX e XXI. Somente quando necessário, recorreremos a dados de escrita disponíveis na internet para discutirmos funções reconhecidamente desempenhadas pelos predicados em análise e ausentes nos *corpora*. Lançamos mão de um conjunto de critérios que nos permitiram avaliar o valor semântico do predicado, o estatuto semântico da construção encaixada e o gênero textual em que ocorrem todos os *types*; para os casos em que os predicados integram construções perifrásticas, aplicamos também critérios de auxiliaridade que permitem identificar um auxiliar prototípico.

A pesquisa nos *corpora* selecionados nos permitiu levantar para o predicado *acabar* sete padrões de uso, para *acontecer*, dois padrões de uso, e para *começar*, quatro padrões de uso. Para todos os predicados, constatamos que a trajetória de mudança segue sempre em direção a uso como operador argumentativo, associado a construções que se assemelhariam a predicados que encaixam complemento.

Diferentemente de resultados para os mesmos tipos de predicados descritos anteriormente, os resultados alcançados nessa investigação permitiram-nos comprovar teórica e empiricamente a hipótese de que a abstratização de significados dos predicados analisados é reproduzida nas camadas e níveis do componente gramatical, obedecendo-se tanto a ordenação hierárquica das camadas do Nível Representacional quanto a ordenação do Nível Representacional para o Nível Interpessoal.

Para dar conta da nossa proposta de investigação, brevemente sumarizada nos parágrafos anteriores, estruturamos esta tese em quatro capítulos.

No **primeiro capítulo**, oferecemos os pressupostos teóricos de nossa pesquisa, apresentando, num primeiro momento, as teorias de mudança linguística – Lexicalização e Gramaticalização – e as bases da GDF, para, num segundo momento, recorrendo a trabalhos já existentes, mostrar a viabilidade de uma abordagem nessa interface. Ainda neste capítulo, tratamos das diferenças entre verbo auxiliar, verbo copular e predicado encaixador.

O **segundo capítulo** trata dos aspectos metodológicos da pesquisa, dedicados à composição dos *corpora* e à explicitação dos critérios que nortearam nossas análises para estabelecer o comportamento discursivo, semântico e sintático dos predicados estudados.

No **terceiro capítulo**, apresentamos os resultados das análises dos predicados investigados, a partir dos critérios apresentados e discutidos no capítulo II. A análise de cada predicado é dividida em duas partes: na primeira parte, expomos o funcionamento sintático, semântico e pragmático das construções formadas pelos predicados analisados, e, na segunda parte, estabelecemos as relações entre a mudança linguística proposta para cada predicado e o reflexo nos níveis e camadas da GDF.

Por fim, nas **considerações finais**, retomamos os principais resultados da pesquisa e propomos possíveis encaminhamentos para a continuidade da investigação.

Fecham o trabalho as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos deste trabalho. Num primeiro momento, discutimos os processos de lexicalização e de gramaticalização e a teoria da Gramática Discursivo-Funcional, uma vez que nossa investigação é realizada na interface entre dois processos de mudança linguística – Lexicalização e Gramaticalização – e a Gramática Discursivo-Funcional. Na segunda parte deste capítulo, discutiremos as noções de auxiliaridade, de copularidade e de encaixamento, a fim de caracterizarmos as diferenças entre verbo pleno, verbo auxiliar, verbo copular e predicado encaixador.

1.1. Os processos de mudança linguística

A maioria dos trabalhos sobre os predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* (TRAVAGLIA, 1991, 2002; WACHOWICZ, 2007) leva em consideração apenas os pressupostos da gramaticalização, mas, neste trabalho, consideramos os processos tanto de gramaticalização quanto de lexicalização. Embora esses processos tenham características em comum, o foco das mudanças de um item ou de uma construção é, no caso da lexicalização, a entrada para o léxico e, no caso da gramaticalização, o ganho de estatuto gramatical. Nesta seção, discutiremos os pressupostos teóricos desses dois processos para, no capítulo 3, mostrarmos como eles se implementam na mudança por que passam os predicados *acabar*, *acontecer* e *começar*.

1.1.1. Lexicalização

No âmbito dos trabalhos sobre lexicalização, o termo *lexicalização* é usado para caracterizar dois fenômenos diferentes. De uma perspectiva sincrônica, serve para codificar categorias conceituais e, diacronicamente, é usado para indicar tanto a entrada de

itens/construções para o léxico como também sua colocação para fora da regras produtivas de gramática.

Brinton (2002 *apud* BRINTON e TRAUGOTT, 2005) define a lexicalização como um processo pelo qual novos itens passam a existir por meio de processo de formação de palavras, de fusão ou de aumento de sua autonomia.

Enquanto processo de formação de palavras, a lexicalização inclui processos comuns como composição, derivação e conversão. Os dois primeiros, segundo Brinton (2002 *apud* BRINTON e TRAUGOTT, 2005), são típicos casos de lexicalização, uma vez que envolvem processo de fusão, que apaga fronteiras entre morfemas independentes, dando origem a lexemas unificados. Sobre o processo de conversão, há alguns questionamentos se este seria também exemplo de lexicalização, pois embora dê origem a novos lexemas, não há o envolvimento de perda de fronteiras morfológicas, mas, para Brinton e Traugott (2005), a conversão de classes menores, mais funcionais, para maiores, mais lexicais, é tratada como lexicalização.

A lexicalização como fusão, sincronicamente, se refere a diferentes caminhos de se codificar o mesmo conceito. Numa perspectiva histórica, explica o desenvolvimento de uma forma mais complexa em uma sequência mais simples, podendo esse desenvolvimento ser acompanhado de mudança de significado. O lexema *garlic* (*alho*, em português), resultante dos lexemas do inglês antigo *gar* e *leek*, é exemplo de fusão dentro da perspectiva histórica.

Na maioria dos casos de lexicalização, observa-se que há um aumento na fusão entre as partes originais e uma perda de sua autonomia. Por outro lado, há também casos em que o processo envolve aumento de autonomia, como nos casos de decliticização¹. A decliticização é considerada, por alguns autores, como Lessau (1994 *apud* BRINTON e TRAUGOTT,

¹ Jeffers and Zwicky (1980) definem decliticização como um processo por meio do qual clíticos são usados ou passam a ser usados como palavras independentes.

2005), como caso de degramaticalização e, por outros, como Campbell (1991 *apud* BRINTON e TRAUGOTT, 2005), como caso de lexicalização.

No final do capítulo de definição de lexicalização, Brinton e Traugott (2005) apontam a necessidade de explorar a relação entre lexicalização e gramaticalização. Segundo os autores, esses dois processos usados para a construção da linguagem são partes importantes da faculdade linguística do usuário da língua.

Lehmann (2002a) explora esse assunto, apresentando novas tendências sobre gramaticalização e lexicalização, e mostra, então, que a diferença entre gramática e léxico está no fato de que aquela se detém a signos que apresentam uma formação regular e os trata de forma analítica, enquanto este reúne os signos formados irregularmente e os trata holisticamente. Para representar a atuação do léxico e da gramática, Lehmann apresenta o quadro a seguir:

Abordagem	Idiossincrática	Regular
	Holística	Analítica
Nível de Complexidade	↔	
Alto	sintaxe fraseológica	
↕	léxico	gramática
Baixo		
	morfemicon	flexão
	formação de palavra	

Quadro 01: A relação léxico e gramática (adaptado de LEHMANN, 2002a, p.3)

No eixo horizontal, há a diferença entre o léxico e a gramática e, no eixo vertical, há a hierarquia dos níveis de estrutura gramatical. Esse último eixo é representado parcialmente no léxico. A parte mais idiossincrática do léxico é o *morfemicon* onde se encontram todos os morfemas lexicais e gramaticais de uma língua. Uma análise holística de uma construção significa que a construção entrou para o inventário lexical da língua e, se o uso for

proeminente, é o início de seu processo de lexicalização. Já uma construção analisada analiticamente é tratada como gramatical, em que as propriedades das partes ou do todo colaboram para determinado padrão linguístico regular e, se o uso da construção for frequente, há indícios de um início de processo de gramaticalização.

No decorrer de seu texto, Lehmann (2002a) traz exemplos de como ocorrem os processos de lexicalização e gramaticalização. Um dos exemplos apresentados é o do verbo *acabar*, em Espanhol, seguido das preposições *de* e *por*, classificadas pelo autor como preposições primárias que servem para governar os complementos selecionados pelo verbo. Segundo Lehmann, *acabar* rege um complemento e, junto dele, uma preposição, que, no caso do nosso estudo sobre *acabar* em português, pode ser a preposição *com*, *de* ou *por*. A ocorrência da preposição junto ao verbo poderia ser entendida como lexicalização da construção verbo-preposição, mas o autor defende que essa construção permanece descontínua, não apresentando evidências de reanálise, ou seja, não há formação de constituinte envolvendo o verbo e a preposição governada por ele. O verbo mantém-se como uma unidade lexical que determina a ocorrência de uma preposição em seu complemento. No final de sua argumentação, o autor afirma que a propriedade do verbo de escolher seu complemento com preposição é uma propriedade léxico-gramatical e, portanto, a preposição poderia fazer parte deste lexema.

Colaborando com os estudos sobre lexicalização, Moreno Cabrera (1998) defende que a lexicalização é “processo de criação de itens lexicais a partir de unidades sintáticas”² e, segundo o autor, os processos de lexicalização e gramaticalização são complementares e têm como base os mecanismos cognitivos de metáfora e metonímia.

² “The process creating lexical items out of syntactic units.” (MORENO CABRERA, 1998, p. 214)

A gramaticalização, segundo Moreno Cabrera, é um processo metafórico, uma vez que a passagem do léxico para gramática requer abstratização e similaridades entre o significado-fonte e significado-alvo.

Como representante de um processo metonímico, tem-se a lexicalização, que se realiza no caminho inverso ao da gramaticalização, ou seja, ocorre no sentido da gramática para o léxico. As unidades que servem de base para a lexicalização são palavras ou sintagmas sintaticamente determinados e presos aos contextos de uso; sendo assim, ao se lexicalizarem, levam consigo características da base do processo. Um exemplo dado pelo autor é a forma lexical em inglês *reading*, que surge a partir do uso como forma gerundiva do verbo *read*, indicando processo, e passa a atuar como substantivo *the reading* (a leitura), mas mantém claramente a característica processual de que algo está sendo lido. Essa manutenção de características é considerada como indício de um processo metonímico.

Essa distinção apresentada por Moreno Cabrera (1998), embora seja bem fundamentada pelo autor, causa estranhamento, uma vez que o autor se vale da escala de Heine *et al.* (1991) para explicar que, enquanto os processos de gramaticalização seguem a escala *pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade* na direção *pessoa > qualidade*, os processos de lexicalização percorrem a escala na direção contrária, ou seja, de *qualidade* a *pessoa*. Sendo assim o autor considera a lexicalização e a gramaticalização como imagens espelhadas, diferentemente da visão de Lehmann (2002a), que defende que lexicalização e gramaticalização se relacionam de maneira ortogonal, como vimos no quadro 1, de modo que a relação espelhada ocorre entre lexicalização e *folk etymology*³ e gramaticalização e degramaticalização. Além disso, é questionável a diferenciação entre lexicalização e gramaticalização pelos processos cognitivos de metáfora e metonímia,

³ Em *folk etymology*, um item lexical que pode ter sido complexo e tenha se tornado opaco para os falantes é reanalisado e recebe uma estrutura morfológica que não tinha antes e que seja parcialmente mais transparente.

relacionando lexicalização à metáfora e gramaticalização à metonímia, uma vez que a gramaticalização envolve tanto processos metonímicos como metafóricos.

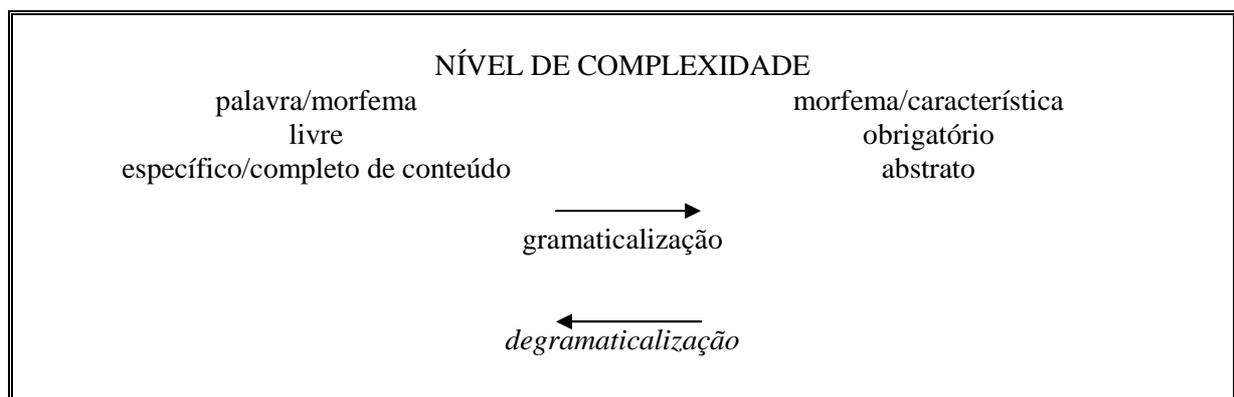
Alguns autores como Wischer (2000) veem esses dois processos como paralelos, mas operando em diferentes níveis da linguagem, pois, enquanto a lexicalização lida com um sintagma que se torna mais lexical, a gramaticalização lida com um sintagma que se torna mais gramatical. O que há em comum nos dois processos é a redução fonética gradual, reanálise sintática, desmotivação, fossilização e convencionalização.

Sobre as diferenças entre lexicalização e gramaticalização, discute-se se a lexicalização seria um tipo de degramaticalização, visão defendida por alguns autores como Ramat (1992) e van der Auwera (2002). Esses autores defendem que a lexicalização é similar a um processo de degramaticalização, reverso ao processo de gramaticalização, ou seja, o item perde características gramaticais e, em contrapartida, ganha características mais lexicais e entra, portanto, no léxico da língua. Segundo van der Auwera (2002), a lexicalização corresponde à parte final da degramaticalização, em que o item já não tem mais nenhuma função gramatical.

Contrário a essa visão, Lehmann (2002a) aponta que a lexicalização é a fusão e a coalescência de dois ou mais morfemas, destruindo a construção sintática regular, eliminando a estrutura interna e conduzindo a relações internas irregulares. A lexicalização envolve não somente fronteiras morfológicas, mas também irregularidade, opacidade e idiomatização. Para Lehmann (2002a), como já discutimos anteriormente, lexicalização é o processo reverso de *folk etymology*, enquanto *degramaticalização* é processo reverso de *gramaticalização*. Nos esquemas abaixo, Brinton e Traugott (2005), baseados em Lehmann (2002a), representam a atuação dos processos de lexicalização, *folk etymology*, gramaticalização e degramaticalização e mostram que os dois primeiros atuam na constituição do componente, enquanto os dois últimos atuam no nível de complexidade.



Quadro 02: Os processos de lexicalização e *folk etymology* (adaptado de BRINTON e TRAUGOTT, 2005)



Quadro 03: Os processos de gramaticalização e *degramaticalização* (adaptado de BRINTON e TRAUGOTT, 2005)

Como podemos constatar, a relação entre lexicalização e gramaticalização é interpretada de diferentes maneiras, mas, em todas elas, considera-se que a lexicalização e gramaticalização devem envolver fusão e ser unidirecional. Na visão de Ramat (2001) e van der Auwera (2002), o léxico é constituído de formas de conteúdo que passaram por um processo de lexicalização (mais gramatical > menos gramatical > lexical), oposto ao de gramaticalização (lexical > menos gramatical > mais gramatical), e, por isso, eles consideram a lexicalização como um exemplo de *degramaticalização*. Já na visão de Lehmann (2002a), no léxico se encontram os itens aprendidos e estocados, podendo ser gramaticais ou lexicais. Sendo assim, a lexicalização não seria um processo oposto ao de gramaticalização.

No nosso trabalho, analisaremos como processo de lexicalização casos de itens ou construções que entram para o léxico, ou seja, como uma determinada estrutura com um significado específico passa a integrar o léxico da língua.

1.1.2. Gramaticalização

Os interesses na investigação das origens e do desenvolvimento de categorias gramaticais não são recentes. De acordo com Heine *et al.* (1991), os estudos que poderiam ser considerados precursores da gramaticalização datam do século X, com os chineses, que reconhecem a diferença entre signos plenos e vazios, afirmando que estes se originam daqueles. No século XVIII, os filósofos franceses apontam que a complexidade gramatical e o lexema abstrato são derivados, historicamente, de lexemas concretos. Ainda segundo esses autores, na mesma ideia de desenvolvimento das palavras gramaticais a partir de lexemas, no século XIX, Tooke apresenta a noção de “abreviação” ou “mutilação”, que consiste no desenvolvimento de advérbios, preposições e conjunções (palavras secundárias) a partir da abreviação de nomes e verbos (palavras necessárias).

Segundo Hopper e Traugott (1993), Franz Bopp, gramático comparatista, também no século XIX, estuda, nas línguas européias, o desenvolvimento de auxiliares e flexões a partir de material lexical. Humboldt (1822 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 18-19), na palestra intitulada *On the genesis of grammatical forms and their influence on the development of ideas*, afirma que as estruturas gramaticais das línguas são precedidas de um estágio evolucionário em que somente ideias concretas poderiam ser expressas, propondo a existência de quatro estágios para entender como os significados atingem o estágio morfológico, mais gramatical, como mostrado no quadro 04, na página seguinte.

Estágio I (estágio pragmático)	Somente coisas são denotadas, objetos concretos cujas relações não são feitas de modo explícito no discurso, mas são inferidas pelo ouvinte.
Estágio II (estágio sintático)	A ordem em que os objetos são apresentados torna-se habitual e a ordem fixa das palavras introduz o presente estágio; algumas palavras começam a se especializar para funcionar de modo mais relacional no discurso.
Estágio III (cliticização)	Nesse estágio, as palavras funcionais ligam-se às palavras materiais.
Estágio IV (estágio morfológico)	Os pares aglutinativos se fundem, tornando-se uma única palavra complexa. Além disso, nesse estágio, algumas palavras funcionais podem continuar suas trajetórias como indicadores puramente formais de relações gramaticais.

Quadro 04: Estágios de evolução da língua (HUMBOLDT, 1822, *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 18-19)

O neogramático alemão Georg von der Gabelentz (1891, *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 20) estudou as origens e a evolução das formas gramaticais, que, ao entrarem gradativamente em desuso, são substituídas por novas formas. Ele sugere que esse processo de evolução seja o resultado de duas tendências em competição, uma em direção à *facilidade da articulação* e a outra em direção à *distintividade*. Segundo o autor, pronúncias relaxadas provocam mudanças que desgastam as palavras, tornando as distinções menos acentuadas. Gabelentz aborda também a noção de espiral evolucionária para a explicação do desenvolvimento de categorias gramaticais.

A ideia de evolução, vista tanto em Humboldt (1822 *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 1993) como em Gabelentz (1891 *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 1993), é muito criticada pelos estudiosos da gramaticalização, pois ficaria subentendido que os estágios iniciais são menos complexos que os mais avançados. Não é demais recordar que essas eram as primeiras ideias sobre mudança e, portanto, não parece adequado afirmar que, de fato, imperasse a crença da existência de estágios mais e menos evoluídos da língua.

Como sabemos, foi Antoine Meillet, em seu artigo *L'évolution des formes grammaticales* (1948 [1912]), que reconheceu a importância desse processo de mudança linguística e que cunhou o termo *gramaticalização* tal como é basicamente ainda hoje empregado. Diferentemente da primeira geração dos indoeuropeístas, Meillet mostra que a

discussão tem de sair do campo da origem das formas gramaticais e ir para o campo de suas transformações. Em seu artigo, Meillet descreve dois processos pelo qual emergem novas formas gramaticais. Um deles é a **analogia**, que consiste na emergência de novas formas a partir de um paradigma já existente. O outro é a **gramaticalização**, que se refere à “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”⁴. Essa atribuição se desenvolve por meio de uma espécie de *continuum*, e, nos casos em que se pode conhecer a origem da palavra gramatical, a fonte era uma palavra lexical. Enquanto a analogia afeta o eixo paradigmático, a gramaticalização opera no eixo sintagmático, ou criando formas novas ou introduzindo categorias gramaticais sem expressão linguística. Sendo assim, a gramaticalização muda o sistema linguístico como um todo. Nas palavras de Meillet:

Enquanto a analogia pode renovar os detalhes das formas, mas na maioria das vezes deixa intacto o plano global do sistema existente, a gramaticalização de certas palavras criadas a partir de formas novas, introduzidas de categorias que não têm expressão linguística, transforma o sistema inteiro.⁵

(MEILLET, 1948 [1912], p. 133)

Segundo o autor, a gramaticalização ocorre devido à perda de expressividade. Com o uso frequente de um item linguístico, o valor expressivo dele diminui, tornando-o desgastado. Junto à perda de expressividade, pode ocorrer também um suposto enfraquecimento da forma fonológica e do significado concreto. Por meio da gramaticalização, segundo o autor, as funções de um item linguístico podem ser rejuvenescidas por meio de novos contextos de usos.

⁴ “L’attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome” (Meillet, 1948 [1912], p. 131).

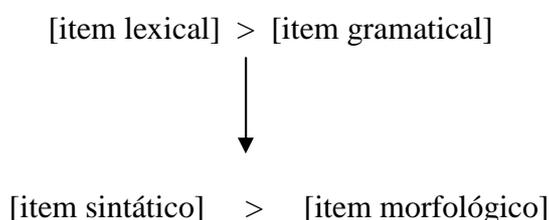
⁵ “Tandis que l’analogie peut renouveler le détail des formes, mais laisse le plus souvent intact le plan d’ensemble du système existant, la <<grammaticalisation>> de certains mots créés des formes neuves, introduit des catégories qui n’avaient pas d’expression linguistique, transforme l’ensemble du système.”

Para Meillet, a gramaticalização não tem um fim, ou seja, constantemente a necessidade de expressividade faz com que se criem palavras surpreendentes que, em um determinado estágio, vão se desgastar, passando a ser utilizadas apenas como acessórios gramaticais. Como diz Meillet,

As línguas seguem, assim, uma espécie de desenvolvimento em espiral: elas reúnem palavras acessórias para a obtenção de uma expressão intensa; essas palavras se enfraquecem, se degradam e se transformam em simples ferramentas gramaticais; adicionadas palavras novas ou palavras diferentes à expressão, o enfraquecimento recomeça, assim sem fim.⁶

(MEILLET, 1948 [1912], p. 140-141)

A definição dada por Meillet contempla a passagem do lexical para o gramatical e dentro do gramatical há a passagem do sintático para o morfológico, conforme esquema abaixo, extraído de Gonçalves (2003).



Kurylowicz (1965, p.52, *apud* LEHMANN, 2002b [1982], p.6) define o processo de gramaticalização como “o aumento do uso de um morfema, que avança de um status lexical

⁶ “les langues suivent ainsi une soire de développement em spirale: elles ajoutent des mots accessoires pour obtenir une expression intense; ces mots s’affaiblissent, se dégradent et tombent au niveau de simples outils grammaticaux; on ajoute de nouveaux mots ou des mots différents en vue de l’expression, l’affaiblissement recommence, et ainsi sans fin”

para um status gramatical ou de um menos para um mais gramatical, por exemplo, de um formante derivacional para um formante flexional”⁷.

Com o avanço dos estudos funcionalistas, as definições de gramaticalização ampliam seu escopo e passam a considerar a relação dos itens dentro de uma construção e o uso dessa construção em um contexto específico, como podemos observar nos trabalhos de Hopper e Traugott (1993) e Bybee (2002). Hopper e Traugott (1993) afirmam que a gramaticalização é um processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos, a assumir funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Bybee (2002) também define a gramaticalização como um processo pelo qual “um item lexical torna-se um morfema gramatical dentro de construções particulares”⁸. Bybee, assim como Traugott, nos trabalhos de (2007), (2013) entre outros acredita que a gramaticalização está atrelada à criação de novas construções. Para a autora, o desenvolvimento de construções gramaticais está relacionado à linguagem em uso, uma vez que os significados e as funções das construções não são fixos e categóricos, permitindo a variação, que acaba levando a uma mudança gradual no tempo. As construções gramaticais são consideradas unidades automatizadas e convencionalizadas e, devido à alta frequência de repetições dos itens lexicais, seus significados sofrem mudança, via os processos de generalização e inferência pragmática.

Como podemos ver, o estudo da mudança linguística de itens isolados cedeu espaço para a investigação de expressões maiores com padrões de usos específicos. Junto dessa nova forma de investigação, como apontam Traugott e Dasher (2005), nota-se que há um destaque para os processos metonímicos em detrimento dos processos metafóricos, devido ao fato de o

⁷ “The increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e.g. from a derivative formant to an inflectional one.”

⁸ “a lexical item becomes a grammatical morpheme within a particular construction”

sentido de uma construção ser interpretado como resultante de relações associativas, relacionais e indexais.

Oliveira (2013), baseada nos trabalhos cognitivistas de Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Croft e Cruse (2004), aborda a gramaticalização como construcionalização, em que a construção é entendida como um esquema virtual e abstrato, apresentando uma forte vinculação entre forma e sentido. Como aponta a autora, essa vinculação pode ser identificada por meio de uma série de traços definidores, entre eles, o fato de que o sentido de uma construção não corresponde a soma das partes constituintes e de que a forte vinculação semântico-sintática de uma construção não permite inversão de ordem interna entre os constituintes ou inserção de material.

No âmbito dos estudos da gramaticalização de construções, a relação função/forma passa a destacar o eixo estrutural, sob o qual os aspectos formais – níveis fonológico, morfológico e sintático – não são apenas consequências das motivações semânticas ou pragmáticas, mas decorrem da correlação direta com traços de sentido. Sendo assim, a clássica relação função/forma é revista e cede espaço para uma abordagem que aproxima esses dois domínios numa relação de pareamento função/forma.

Nos recentes trabalhos sobre gramaticalização dentro da GDF, Keizer (2007; 2012), Hengeveld (2013) propõem que o caminho de mudança é do Nível Representacional para o Interpessoal, uma vez que as unidades semânticas originam unidades pragmáticas⁹. De acordo com os objetivos do nosso trabalho, a visão de gramaticalização adotada por estes autores permite-nos explicar as trajetórias de mudança dos predicados analisados neste trabalho.

Como se nota, essas definições se completam e podem ser consideradas variantes aprimoradas da definição clássica dada por Meillet (1948 [1912]).

⁹ Em 1.3, discutiremos a implementação da gramaticalização na GDF.

1.1.2.1. A distinção lexical e gramatical

De acordo com Hopper e Traugott (1993, p.4), no âmbito dos estudos de gramaticalização, é feita uma distinção entre palavras de conteúdo ou *lexicais* e palavras funcionais ou *gramaticais*. Categorias como *nomes*, *verbos* e *adjetivos* pertencem à classe dos itens lexicais e servem para descrever *indivíduos*, eventos e qualidades. Por outro lado, *preposições*, *conjunções*, *pronomes* e *demonstrativos* pertencem à classe das palavras gramaticais e servem para indicar relações entre nomes, para ligar partes do discurso, para indicar se entidades e participantes de um discurso são ou não identificadas e para mostrar se eles estão próximos do falante ou do ouvinte. Em suma, os autores propõem agrupar as palavras em três categorias, a saber: **categoria maior**, à qual pertencem nomes e verbos plenos, **categoria mediana**, que agrupa adjetivos e advérbios, e **categoria menor**, à qual se integram preposições, conjunções, auxiliares, demonstrativos, pronomes etc. Esse modo de divisão do léxico pressupõe uma disposição das categorias numa escala de gramaticalidade que refletiria uma trajetória de gramaticalização entre elas, que teria o seguinte formato: *categoria maior* > *categoria medial* > *categoria menor*. Embora os autores não mencionem claramente, é possível que, dentro de uma dada categoria, as classes de palavras possam também comportar um arranjo interno de gramaticalidade que, por exemplo, permita reconhecer que uma preposição é mais gramatical (ou gramaticalizada) do que um verbo auxiliar.

Essa distinção em três classes de palavras já havia sido feita por Meillet (1948 [1912]). Segundo o autor, as palavras são classificadas em: *principais* (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), *acessórias* e *gramaticais* (preposições, conjunções e auxiliares), concebendo-se que as *acessórias* e as *gramaticais* se desenvolvem, diacronicamente, das *principais*, o que permite associar as *principais* com os *itens lexicais* e as *acessórias* e *gramaticais* com as *palavras gramaticais*.

Na distinção entre as propriedades de “ser lexical” e de “ser gramatical”, Heine *et al.* (1991) propõem a noção de *conceito fonte*, relativamente à categoria alvo de um processo de gramaticalização. Eles apresentam um conjunto de critérios para distinguir conceitos lexicais de gramaticais, os quais seguem ilustrados no quadro 05.

CONCEITOS LEXICAIS	CONCEITOS GRAMATICAIS
<ul style="list-style-type: none"> • São menos “abstratos”; incluem os conceitos concretos, tais como objetos, ações e qualidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • são mais “abstratos”.
<ul style="list-style-type: none"> • São autosssemânticos. 	<ul style="list-style-type: none"> • são sinsemânticos.
<ul style="list-style-type: none"> • contribuem para o conteúdo da representação cognitiva (função referencial). 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendem a determinar a estrutura da representação cognitiva (cf. Talmy, 1988).
<ul style="list-style-type: none"> • possuem mais material fonológico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Possuem menos material fonológico.
<ul style="list-style-type: none"> • São de uso geral e menos frequentes e, por isso menos previsíveis no discurso. 	<ul style="list-style-type: none"> • são de uso mais frequente e, por isso, mais previsíveis no discurso.
<ul style="list-style-type: none"> • integram classe aberta. 	<ul style="list-style-type: none"> • Integram classes fechadas.
<ul style="list-style-type: none"> • São codificados por lexemas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendem a ser codificados por auxiliares, partículas, clíticos, afixos, unidades supra-segmentais, distinções na ordem de palavras etc.

Quadro 05: Conceitos lexicais e conceitos gramaticais (adaptado de HEINE *et al.*, 1991)

Os estudiosos da gramaticalização apontam algumas observações interessantes a respeito dos itens lexicais que são candidatos à gramaticalização. Heine *et al.* (1991) observam que esses termos são culturalmente mais independentes, isto é, são universais da experiência humana. Além disso, eles representam aspectos básicos e concretos da relação humana com o ambiente, com ênfase ao meio espacial, incluindo partes do corpo humano. Como exemplo, têm-se os casos de verbos *come* e *go*, em construções de futuro, e do nome *back* (costas), parte do corpo humano, concreto, que serve de conceito-fonte para um conceito espacial, como em *three miles back*. No português, há casos semelhantes, como o verbo *ir*, usado em construções de futuro, e também as expressões *à face de*, *em face de*, *de face*, que denotam conceitos espaciais, uma posição relativa a outra.

Essas distinções entre conceitos lexicais e conceitos gramaticais, de caráter mais didático do que funcional, tomam por base a prototipia dos itens que integram cada uma dessas classes, uma vez que não há como traçar com nitidez os limites entre as palavras lexicais e as palavras gramaticais, fato reconhecido pelos próprios autores referenciados (HOPPER e TRAUGOTT, 1993; HEINE *et al.*, 1991). O próprio processo de gramaticalização mostra que não há pontos discretos entre o léxico e gramática, mas, sim, uma espécie de *continuum*, em que a transição do lexical para o gramatical, ou do menos gramatical para o mais gramatical, é gradual.

1.1.2.2. Unidirecionalidade e os Mecanismos da Gramaticalização

A unidirecionalidade é vista como uma característica básica do processo de gramaticalização, em que os itens migram de uma categoria para outra seguindo uma trajetória específica, que não pode ser revertida. Meillet (1948 [1912]) já menciona um curso previsível que norteia a gramaticalização. Segundo o autor, as *palavras principais* (nomes, adjetivos, verbos e advérbios) da língua servem como fonte das *palavras acessórias e gramaticais* (auxiliares, preposições, conjunções, etc), e não o inverso.

Hopper e Traugott (1993) afirmam que

a hipótese da unidirecionalidade é forte. Há evidências de um grande número de exemplos de surgimento de estruturas gramaticais que envolveram o desenvolvimento de itens ou sintagmas lexicais ou, por meio do uso discursivo, de sintagmas lexicais em itens gramaticais, e desse para um item mais gramatical. Outro fator notado é que essas mudanças são acompanhadas pela descategorização de uma categoria maior para uma menor.¹⁰

(HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 128)

¹⁰ the unidirectionality is a strong hypothesis. The evidence is overwhelming that a vast number of known instances of the development of grammatical structures involved the development of a lexical item or phrase through discourse use into a grammatical item, and then into an even more grammatical item, and that these changes were accompanied by decategorialization from a major to a minor category.

Os autores afirmam que não há nada de determinístico sobre a gramaticalização e a unidirecionalidade, uma vez que as mudanças podem não ocorrer. A mudança de um item pode não se completar, ou seja, ela não precisa atingir o final do *cline*.

Na consideração da unidirecionalidade em gramaticalização, contra-exemplos com base em uma trajetória do tipo *mais gramatical* > *menos gramatical* são tão raros e obscuros que não chegam a constituir contraevidência forte o suficiente para falsear esse princípio fundamental. Casos identificados como de *poligramaticalização* são por vezes inapropriadamente apontados como contra-exemplos da trajetória da unidirecionalidade. Por *poligramaticalização*, entende-se os múltiplos caminhos que uma mesma forma pode seguir e não a reversibilidade do processo, como ilustra o estudo de Craig (1991) sobre os diferentes caminhos percorridos por **bang* “ir”, em Rama, do qual resultam : (i) um morfema de tempo; (ii) uma adposição de finalidade em nomes; (iii) uma conjunção. Todos esses são de caráter *mais gramatical* do que o verbo do qual originam.

Segundo Gonçalves *et al.* (2007), os teóricos que defendem a hipótese da unidirecionalidade já a assumem previamente, uma vez que ela é definitiva do próprio processo de gramaticalização, o qual invariavelmente pressupõe aumento de gramaticalidade, e ao mesmo tempo é propriedade dos mecanismos que regem o processo, sendo os principais a metáfora e a metonímia.

O processo metafórico pode ser definido como um processo de transferência de sentidos por meio de fronteiras conceituais. Essa transferência envolve uma abstratização de significados, uma vez que conceitos de um domínio mais concreto são utilizados para se referir a conceitos de um domínio mais abstrato. Esse processo tem sido visto por muitos autores (SWEETSER, 1990; HEINE *et al.*, 1991; LICHTENBERK, 1991 *apud* BYBEE *et al.*, 1994) como o principal mecanismo de mudança em gramaticalização.

Heine *et al.* (1991) afirmam:

Nós tentaremos demonstrar que a transferência metafórica é uma das principais forças condutoras do desenvolvimento de categorias gramaticais, isto é, para expressar funções mais abstratas, entidades concretas são recrutadas.¹¹

(HEINE *et al.*, 1991, p. 48)

Na literatura sobre gramaticalização, muitos trabalhos relacionam os processos metafóricos com a mudança semântica, no entanto alguns autores, entre eles Hopper e Traugott (1993), argumentam que os processos metafóricos, por serem baseados na comunicação, estão relacionados à pragmática.

Heine *et al.* (1991) propõem uma escala na qual se dispõem algumas categorias cognitivas básicas num crescente de abstratização. Essa disposição revela como a cognição humana opera metaforicamente com tais categorias: **pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade.**

Segundo os autores, cada uma dessas categorias representa um domínio de conceituação relevante para a estruturação da experiência humana e, assim, uma categoria mais à direita pode ser conceitualizada a partir de uma mais à esquerda. Com base nessa escala, surge a noção de *metáfora categorial*, por meio da qual, por exemplo, a noção de *tempo* pode ser estruturada a partir da noção de *espaço*.

Heine *et al.* (1991) apresentam um tipo de correlação entre essas categorias metafóricas, a divisão de classes de palavras e os tipos de constituintes, como ilustrado no quadro 06.

¹¹ We try to demonstrate that metaphorical transfer forms one of the main driving forces in the development of grammatical categories; that is, in order to express more “abstract” functions, concrete entities are recruited.

Categoria	Tipo de Palavra	Tipo de Constituinte
PESSOA	Nome humano	Sintagma nominal
OBJETO	Nome concreto	Sintagma nominal
ATIVIDADE	Verbo dinâmico	Sintagma verbal
ESPAÇO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
TEMPO	Advérbio, adposição	Sintagma adverbial
QUALIDADE	Adjetivo, verbo de estado, advérbio	Modificador

Quadro 06: Correlação entre categorias metafóricas, classes de palavras e tipos de constituintes (adaptado de HEINE *et al.*, 1991, p.53-54)

Heine *et al.* (1991) reconhecem que a transferência metafórica acarreta uma mudança abrupta de um domínio para o outro, enquanto a gramaticalização é um processo gradual. Para descrever a mudança gradual do significado, eles reconhecem um segundo processo, que é pragmaticamente motivado. Esse processo envolve uma reinterpretação induzida pelo contexto, a *metonímia*, e conduz ao surgimento de sentidos sobrepostos. Eles definem a metonímia como “uma figura de linguagem por meio da qual o nome de uma entidade é usado para outra entidade de algum modo contígua à primeira.”¹²

Segundo Heine *et al.* (1991, p.71), o surgimento da metonímia deve-se à manipulação discursivo-pragmática dos conceitos que estão sujeitos a fatores contextuais na interpretação. A esse processo, os autores dão o nome de *reinterpretação induzida pelo contexto*. Os autores afirmam que, no processo de gramaticalização, há a coexistência do processo metonímico e metafórico, que tem a seguinte estrutura:

$$A \Leftrightarrow A, B \Leftrightarrow B$$

(HEINE *et al.*, 1991, p.74)

Tanto a metáfora quanto a metonímia estão relacionadas à informatividade, mas em diferentes eixos. A mudança metafórica, como já foi dito, define certas noções em termos de outras não presentes no contexto; já a mudança metonímica envolve também a definição de

¹² “a figure of speech whereby the name of an entity is used to refer to another entity that is contiguous in some way to the former entity”

certas noções em termos de outras, mas, ao contrário da metáfora, essa relação está presente no contexto.

As inferências metonímica e metafórica são processos complementares que ocorrem no nível pragmático e resultam da relação entre a reanálise e os processos metonímicos e entre a analogia e os processos metafóricos.

A reanálise, segundo Langacker (1977, *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 1993 p.51), é definida como a “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca na sua manifestação superficial”¹³. Segundo Hopper e Traugott (1993), um dos tipos mais simples de reanálise, e também o mais frequente em gramaticalização, é a fusão de duas ou mais formas, alterando, assim, as fronteiras de constituintes. Quando uma forma sofre a alteração de fronteira, ela passa a ser reanalisada como pertencente a uma categoria diferente da sua original.

Em muitos trabalhos, a reanálise é vista quase como sinônimo de gramaticalização. Heine *et al.* (1991) afirmam que tipicamente a reanálise acompanha a gramaticalização, visto que, quando um dado morfema é resultante de gramaticalização, não somente sua posição sintática é afetada, mas também os contextos dos quais o constituinte faz parte. Heine e Reh (1984, p.95) propõem uma separação entre reanálise e gramaticalização, devido ao princípio da unidirecionalidade, que é uma propriedade pertencente à última, mas não à primeira.

A analogia, por sua vez, refere-se à atração de formas existentes a construções também já existentes. Segundo Hopper e Traugott (1993), para Meillet (1948 [1912]), a analogia era entendida como um processo pelo qual irregularidades na gramática, particularmente no nível morfológico, eram regularizadas. O mecanismo era visto como uma proporção ou equação do tipo: *cat : cats = child : X, X = childs* (HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p.64).

¹³ “change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation”

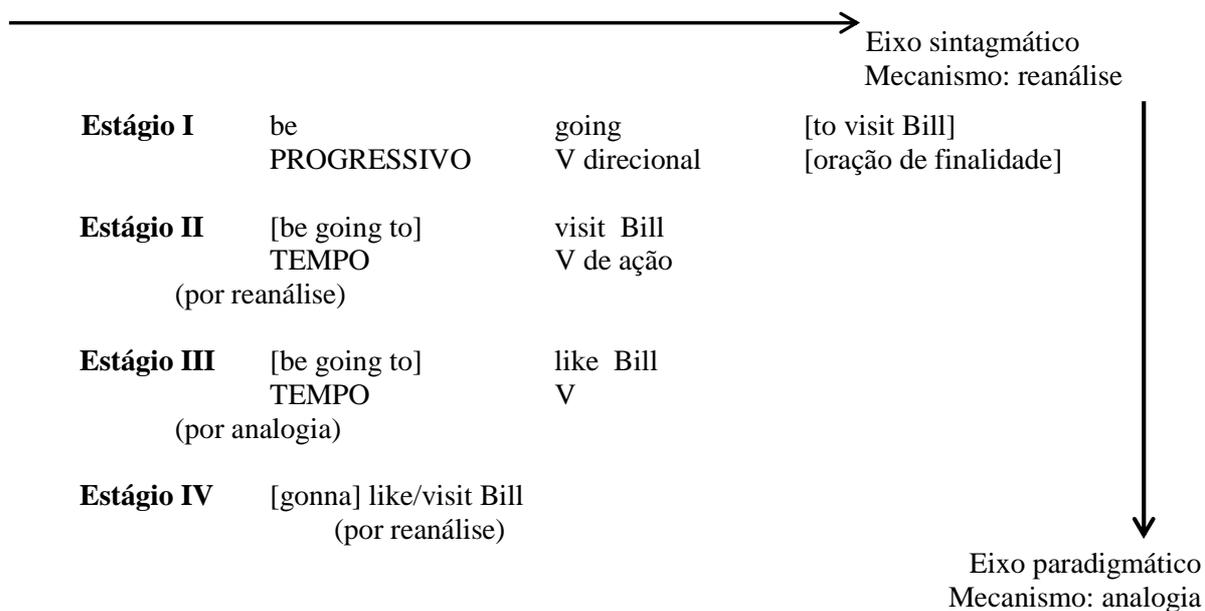
Embora apenas a reanálise possa criar novas estruturas gramaticais, não se deve subestimar o papel da analogia nos estudos de gramaticalização, pois, segundo Hopper e Traugott (1993), em muitos casos, a analogia é a primeira evidência para falantes de uma língua de que a mudança está ocorrendo.

Um exemplo da interação reanálise/analogia é o desenvolvimento da negação do francês *ne...pas*, citado por Hopper e Traugott (1993, p.58):

- i. a negação era realizada pela colocação da partícula negativa *ne* antes do verbo;
- ii. um verbo de movimento negado pelo *ne* poderia opcionalmente ser reforçado pelo pseudo-objeto nominal *pas* (passo), no contexto de verbos de movimento: *Il ne va (pas) (ele não vai (mais nenhum passo))*;
- iii. A palavra *pas* foi reanalisada como uma partícula negativa, em uma estrutura do tipo *ne V_{movimento} (pas)*;
- iv. *pas* foi estendido analogicamente para novos verbos que não tinham relação com movimento, passando a ter a estrutura *ne V (pas)*: *Il ne sait pas (ele não sabe (nada))*;

Hopper e Traugott concluem que a reanálise tem diferentes efeitos. Envolve essencialmente uma reorganização linear e sintagmática e uma mudança na regra, que não é diretamente observável. Por outro lado, a analogia envolve essencialmente uma organização paradigmática, uma mudança na colocação superficial e nos padrões de uso. A analogia torna observáveis as mudanças não observáveis na reanálise.

Um outro exemplo dado pelos autores é o desenvolvimento do auxiliar de futuro *be going to*, como pode ser visto abaixo.



(HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p.61)

No estágio I, há um verbo direcional e uma oração de propósito; em II, como resultado da *reanálise*, há um auxiliar de futuro com um verbo de atividade; em III, há uma ampliação dos tipos de verbos, via *analogia*; em IV, ocorre a reanálise do auxiliar complexo em um único morfema *gonna*.

Por meio dos exemplos acima, pode-se notar a importância da reanálise e da analogia para a mudança linguística, já que são considerados importantes mecanismos da gramaticalização.

1.2. Gramática Discursivo-Funcional

Tendo em vista o objetivo de interpretar nosso objeto de estudo dentro de um modelo de descrição gramatical, adotamos o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante, GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), uma nova versão da Gramática Funcional (doravante, GF) (DIK, 1997a, 1997b), que propõe uma expansão da gramática da sentença para a gramática do ato discursivo, ou seja, trata-se de um modelo a análise que vai além da

sentença, atingindo elementos discursivo-pragmáticos, tais como: partículas discursivas, cadeias anafóricas e formas verbais narrativas que são explicadas na relação estabelecida com unidades maiores que a sentença. Para a GDF, a análise linguística pode abranger estruturas tanto maiores como menores do que uma sentença, desde que sejam expressadas linguisticamente.

A GDF, ao voltar-se para o discurso, está focada na estrutura linguística e, portanto, não pode ser confundida com aparatos teóricos que analisam questões ideológicas e culturais dentro do discurso, como a Análise do Discurso de linha francesa. Segundo Souza (2008), o olhar adotado para o discurso pela GDF se aproxima da posição defendida por Traugott (1989) e Traugott e König (1991) nos estudos da gramaticalização, uma vez que estes autores colocam o discurso como um componente da gramática.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é uma gramática de abordagem funcional-tipológica da linguagem que: (i) tem uma organização descendente (*top-down*), uma vez que as intenções comunicativas de um falante são processadas em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística, isto é, primeiramente o falante decide qual é o seu propósito comunicativo, seleciona, então, o conjunto de informações adequado para atingir tal propósito, codificando, depois, essa informação gramatical e fonologicamente, e, por fim, essa informação progride para a articulação; (ii) apresenta como unidade básica de análise os atos discursivos; (iii) analisa os atos discursivos dentro de quatro níveis de organização linguística: um nível interpessoal ou pragmático; um nível representacional ou semântico, um nível morfossintático e um nível fonológico. Esses níveis, internamente, são organizados hierarquicamente em camadas; (iv) é sistematicamente ligada a um componente conceitual, a um contextual e a um *output*.

Diferentemente da versão padrão da GF, que tinha uma organização *bottom-up* (do predicado à oração), a organização *top-down* da GDF leva em consideração, primeiramente, a intenção comunicativa do falante, embora não seja um modelo do falante, mas, sim, uma

teoria gramatical que tenta refletir evidências psicológicas na sua arquitetura básica. Essa alteração na organização advém de estudos psicolinguísticos de Levelt (1989 *apud* HENGEVELD e MACKENZIE, 2008), que apontam que a produção linguística inicia-se com a intenção e finaliza-se com a articulação de determinada expressão linguística.

A arquitetura geral da GDF é composta pelo **componente gramatical**, no qual se encontra a base da GDF, que é ligada a três componentes externos: **componente conceitual**; **componente contextual**; **componente de saída**.

O componente conceitual é responsável pelo desenvolvimento da intenção comunicativa e pela sua correspondente representação mental. Como afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008), esse componente não integra a gramática, mas apresenta-se como fator importante para o componente gramatical, por meio das conversões realizadas pelas operações de **formulação** e **codificação**. Por meio de operações de formulação, há a conversão da intenção e da sua representação mental em representações interpessoais e representacionais, que passam para o nível morfossintático e fonológico, por meio da operação de codificação, recebendo diferentes representações. Enquanto a operação de formulação é responsável pela determinação de configurações semânticas e pragmáticas, a de codificação se responsabiliza pela forma fonológica e morfossintática dessas configurações.

O componente de saída gera expressões acústicas, ortográficas e simbólicas na base da informação provida pelo componente gramatical. Para Souza (2009), a GDF, embora reconheça a importância das distinções no plano fonético, concentra-se no plano fonológico, pois é onde se encontram os fenômenos linguísticos – prosódia das línguas, por exemplo – e funcionais importantes para a gramática.

O componente contextual representa as informações derivadas da situação discursiva e contém, além das informações advindas do componente gramatical, informações advindas da interação, que são importantes para distinções requeridas pela língua em uso e que acabam por influenciar a formulação e codificação da língua em questão. Por exemplo, a escolha do

gênero feminino para o adjetivo “pálida” em “Que pálida você está!” reflete especificações do componente contextual sobre o sexo do ouvinte.

Na figura 1, extraída de Hengeveld e Mackenzie (2012), encontra-se a arquitetura dos componentes dentro da gramática.

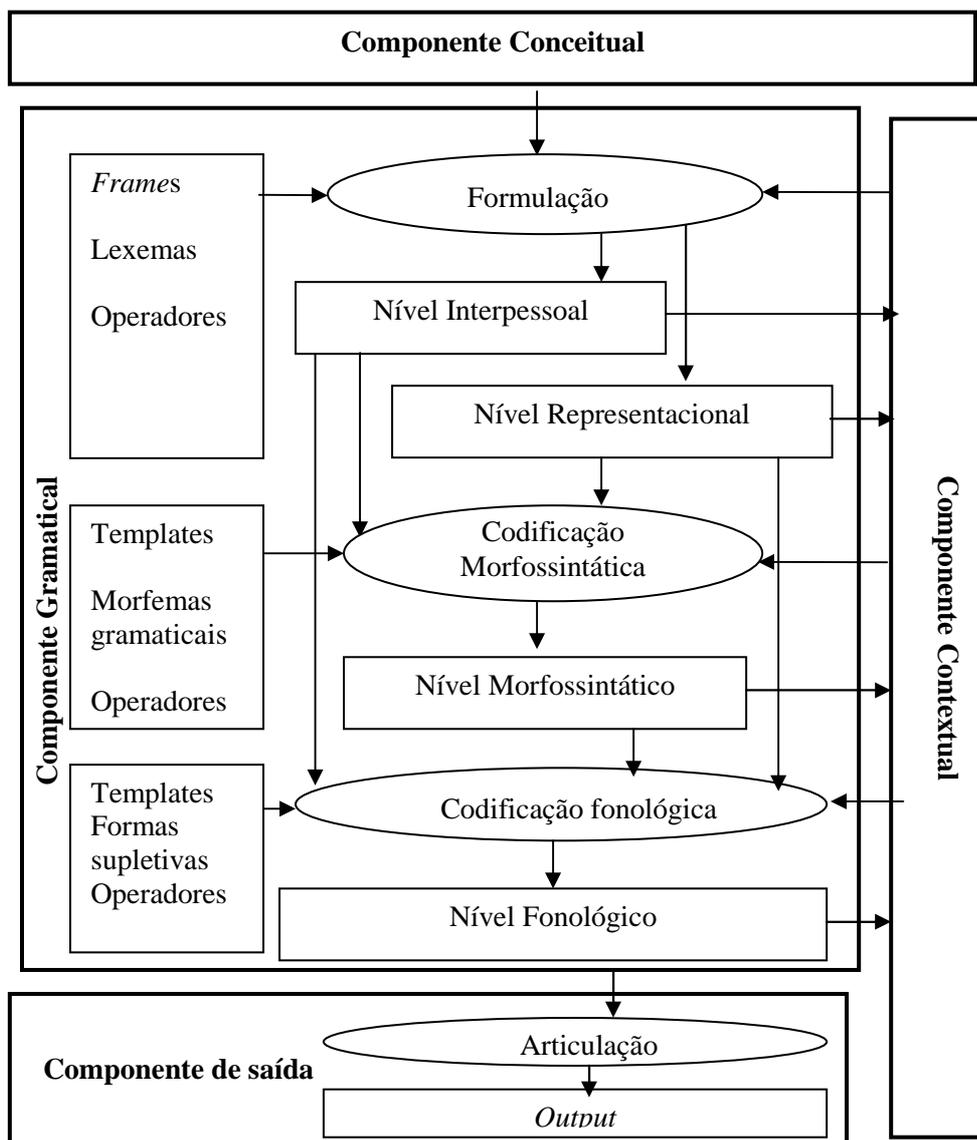


Figura 01. Arquitetura geral da Gramática Discursivo-Funcional
(adaptado de HENGEVELD e MACKENZIE, 2012, p. 46)

Como podemos notar, dentro do componente gramatical, estão os níveis interpessoal, representacional, morfossintático e fonológico, que são organizados hierarquicamente, com cada nível sendo composto por diferentes camadas. Estas camadas têm um elemento nuclear

circundado de operadores e modificadores e pode contar também com a presença de funções. Resumidamente, os operadores são marcas morfossintáticas que não podem ser modificados, são invariáveis e podem sofrer redução fonológica; os modificadores são de natureza lexical, podem ser modificados por outros modificadores e são variáveis; as funções, assim como os operadores, são estratégias gramaticais que estabelecem a relação entre uma unidade completa e outras unidades de uma mesma camada.

1.2.1. Nível Interpessoal

O nível interpessoal (doravante, NI) engloba os aspectos formais das expressões linguísticas, os quais refletem suas regras na interação entre falante e ouvinte. Essas expressões são analisadas em termos de suas funções comunicativas, e as propriedades pragmáticas dessas expressões são descritas também no NI. Vejamos a estrutura hierárquica do NI abaixo:

(ΠM_1 : [Movimento
(ΠA_1 : [Ato
(ΠF_1 : ILL (F_1): $\Sigma (F_1)$) $_{\Phi}$	Ilocução básica
(ΠP_1 : ... (P_1): $\Sigma (P_1)$) $_{\Phi}$	Falante
(ΠP_2 : ... (P_2): $\Sigma (P_2)$) $_{\Phi}$	Ouvinte
(ΠC_1 : [Conteúdo Comunicado
(ΠT_1 [...] (T_1): $\Sigma (T_1)$) $_{\Phi}$	Subato de Atribuição
(ΠR_1 [...] (R_1): $\Sigma (R_1)$) $_{\Phi}$	Subato de Referência
] (C_1): $\Sigma (C_1)$) $_{\Phi}$	Conteúdo Comunicado
] (A_1): $\Sigma (A_1)$) $_{\Phi}$	Ato
] (M_1): $\Sigma (M_1)$) $_{\Phi}$	Movimento

Como se observa na estrutura hierárquica acima, a camada mais alta do NI é o **Movimento** (M), que é a maior unidade de interação revelante para a análise gramatical e que é definido como uma “contribuição autonôma para uma interação contínua.”¹⁴

¹⁴ “autonomous contribution to an ongoing interaction.”

(HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 50). O Movimento é a única unidade capaz de descrever uma reação do interlocutor, podendo ser uma resposta a uma pergunta ou uma objeção a um ponto de vista que ocorrerá no discurso por meio de um movimento. Sendo assim dois tipos de movimentos são previstos: de iniciação e de reação.

Um movimento pode conter um ou mais Atos Discursivos (A), sendo difícil distinguir entre Movimento e Ato Discursivo, quando o movimento contém apenas um ato. O **Ato Discursivo**, segundo Kroon (1995 *apud* HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 60), é a menor unidade de teor comunicativo que se identifica. A relação entre atos discursivos pode se dar por equipolência – os atos discursivos apresentam o mesmo estatuto comunicativo – ou por dependência – um ato discursivo é o ato nuclear e o outro, subsidiário.

Um Ato Discursivo é caracterizado pela uma **Força Ilocucionária** básica (F), que combina um ato de fala do **Falante** (S) e do **Ouvinte** (A) com um **Conteúdo Comunicado** (C) evocado pelo falante. O **Conteúdo Comunicado** é constituído de Subatos de Atribuição (T) e de Referência (R).

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), Souza (2009) apresenta um quadro resumitivo das camadas do nível interpessoal com seus modificadores e operadores, o qual reproduzimos abaixo.

Categoria	Definições e exemplos	Esquemas, operadores e modificadores
Movimento	O Movimento é a maior unidade de interação relevante na análise gramatical:	Esquema geral: $(\pi M_1: [(A_1)...(A_{1+N})] (M_1): \Sigma (M_1))$, onde $N \geq 0$
	Ex.: <i>Cuidado, porque haverá pegadinhas no exame.</i>	Operadores de Movimento (π): <i>No entanto, entretanto, etc.</i>
	$(M_1: [(A_1: [-cuidado-] (A_1)) (A_2: [-haverá pegadinhas no exame-] (A_2))_{Motiv}] (M_1))_{\Phi}$	Modificadores de Movimento (Σ): <i>Em resumo; finalizando; por outro lado, etc.</i>
Ato Discursivo	O Ato Discursivo é a menor unidade que se identifica teor comunicativo, podendo ser:	Esquema geral: $(\pi A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1)_{\Phi}] (A_1): \Sigma (A_1))$

	<p>Expressivo = expressa o sentimento do falante:</p> <p>Ex.: <i>Droga!</i> ($A_I: [(F_I: /dr\ ga/_{Int} (F_I)) (P_I)_S] (A_I)$)</p> <p>Interativo = elementos lexicais invariáveis:</p> <p>Ex.: <i>Parabéns!</i> ($A_I: [(F_I: /parabens/(F_I)) (P_I)_S (P_I)_A] (A_I)$)</p> <p>Comunicativo = envolve o conteúdo comunicado e uma ilocução (lexical ou abstrata):</p> <p>Ex.: <i>Eu prometo que estarei na sua casa.</i> ($A_I: [(F_I: /prometer/_v (F_I)) (P_I)_S (P_I)_A (C_I)] (A_I)$)</p> <p>Ex.: <i>Eu estarei na sua casa amanhã.</i> ($A_I: [(F_I: DECL (F_I)) (P_I)_S (P_I)_A (C_I)] (A_I)$)</p>	<p>Operadores de ato (π): <i>Ironia; ênfase; mitigação</i></p> <p>Modificadores de ato (Σ): <i>Brevemente; em breve; além disso, etc.</i></p>
Ilocução	<p>A Ilocução captura as propriedades formais e lexicais do Ato Discursivo que são atribuídas ao uso interpessoal convencionalizado na obtenção de uma intenção comunicativa:</p> <p>Ex.: <i>A Maria chegou.</i> ($A_I: [(F_I: DECL (F_I)) (P_I)_S (P_2)_A (C_i: - a\ Maria\ chegou -)_{\phi}] (A_I); \Sigma (A_I)$)</p>	<p>Esquema geral: ($\pi F_I: \blacklozenge/ILL (F_I); \Sigma (F_I)$)</p> <p>Operadores de ilocução (π): <i>Ênfase; mitigação, etc.</i></p> <p>Modificadores de ilocução (Σ): <i>Honestamente; francamente; sinceramente</i></p>
	<p>Na interação, (P₁) (P₂) alternam-se como falante e ouvinte:</p> <p>Ex.: <i>Você é esperta?</i> ($f P_I: você_{pro} (P_I)_S (P_I)_A$)</p>	<p>Esquema geral: ($\pi P_I: O/\blacklozenge (P_I); \Sigma (P_I)$)</p> <p>Operadores de participante (π): <i>Número (sing./plural, etc) e status (sexo, etc)</i></p> <p>Modificadores de participante (Σ): <i>Especificadores (advérbios, etc)</i></p>
Conteúdo Comunicado	<p>O Conteúdo Comunicado contém a totalidade do que o falante deseja evocar na sua comunicação com o ouvinte:</p> <p>Ex.: <i>João deu a Pedro o livro.</i> ($C_I: [(R_I: João (R_I))_{Top} (T_I) (R_J: Pedro (R_J))_{Foc} (R_L: livro (R_L))_{Top}] (C_I)$)</p>	<p>Esquema geral: ($\pi C_I: [(T)_{\phi}^N (R)_{\phi}^N]_{\phi} (C_I); \Sigma (C_I)$)</p> <p>Operadores de conteúdo comunicado (π): <i>Reportativo; ênfase; etc.</i></p> <p>Modificadores de conteúdo comunicado (Σ): <i>Felizmente; infelizmente; sinceramente, etc.</i></p>
	Subatos	O Subato Adscritivo constitui uma

	<p>tentativa do falante de evocar uma propriedade, ao passo que o Subato de Referência constitui uma tentativa do falante de evocar um referente:</p> <p>Ex.: Maria é bonita. (C_i: [(R_i: Maria (R_i)) (T_i) (T_j: bonita (T_j))] (C_i))</p>	<p>(π T₁: H (T₁): Σ (T₁)) (π R₁: H (R₁): Σ (R₁))</p> <hr/> <p>Operadores de subato de atribuição (π): <i>Aproximativo (tipo, etc) e enfático</i></p> <p>Operadores de subato de referência (π): <i>Identificabilidade (identificável/ específico) e ênfase</i></p> <hr/> <p>Modificadores de subato adscritivo (Σ): <i>Atitudinal, enfático (realmente) e reportativo</i></p> <hr/> <p>Modificadores de subato referencial (Σ): <i>Atitudinal (pobre, pequeno, etc)</i></p>
--	--	---

Quadro 07: Nível Interpessoal (SOUZA, 2009, p. 47)

Ainda no NI, são postuladas funções **pragmáticas** e **retóricas**, responsáveis por marcar o papel do falante e do ouvinte na interação. As funções pragmáticas estão relacionadas ao modo como o falante estrutura o seu discurso, levando em consideração o seu ouvinte, e são representadas pelas funções de *Tópico, Foco e Contraste*; as funções retóricas relacionam-se com o modo de construção do discurso pelo falante, a fim de atingir o seu propósito comunicativo, e são representadas pelas funções de *Motivação, Concessão, Orientação e Correção*.

1.2.2. Nível Representacional

O nível representacional (doravante, NR) é o nível dentro do qual se descrevem os aspectos formais de uma unidade linguística, os quais refletem a relação dessa unidade com o mundo real ou imaginário que ela descreve. Sendo assim, diferentemente do NI que se responsabiliza pela evocação de uma expressão linguística, o NR é responsável pela designação dessa expressão. Nesse nível, as estruturas linguísticas são descritas em termos de categorias semânticas (denotação), que se apresentam na seguinte estruturação hierárquica:

$(\Pi p_1:$	Conteúdo proposicional
$(\Pi ep_1:$	Episódio
$(\Pi e_1:$	Estado de coisas
$[(\Pi f_1: [$	Propriedade
$(\Pi f_1: \blacklozenge (f_1): [\sigma (f_1)_\Phi])$	Propriedade lexical
$(\Pi x_1: \blacklozenge (x_1): [\sigma (x_1)_\Phi])_\Phi$	Indivíduo
\dots	
$] (f_1): [\sigma (f_1)_\Phi])$	Propriedade
$(e_1)_\Phi]: [\sigma (e_1)_\Phi])$	Estado de coisas
$(ep_1): [[\sigma (ep_1)_\Phi])$	Episódio
$(p_1): [\sigma (p_1)_\Phi])$	Conteúdo proposicional

O **Conteúdo Proposicional** (p) designa um construto mental que não pode ser localizado nem no tempo nem no espaço. O **Episódio** (ep) é o conjunto de um ou mais **Estados-de-Coisas** que apresentam uma coerência temática, mostrando unidade ou continuidade de **tempo** (t), **locação** (l) e **indivíduo** (x).

Hengeveld e Mackenzie (2008) argumentam que há um número de categorias semânticas básicas relevantes para a análise de qualquer língua e, baseados em Lyons (1977), postulam as seguintes categorias de entidades: **Indivíduo**, uma entidade de primeira ordem, que é avaliada em termos de existência e pode ser localizada no espaço; **Estado-de-Coisas**, uma entidade de segunda ordem, que é avaliada em termos de realidade e pode ser localizada no espaço e no tempo relativo; e, **Conteúdo Proposicional**, uma entidade de terceira ordem, que pode ser avaliada em termos de verdade. Adicionada por eles, a entidade de ordem zero seria **Propriedade**, que não tem existência independente e é avaliada em termos de sua aplicabilidade, seja por outros tipos de entidades ou pela situação que ela descreve. Outras categorias semânticas são contempladas pela GDF, tais como **Lugar** (l), **Tempo** (t), **Modo** (m), **Razão** (r) e **Quantidade** (q).

No quadro 08, há um resumo das categorias semânticas do NR contempladas pela GDF.

Descrição	Variável	Exemplo
Propriedade	f	Cor
Indivíduo	x	Cadeira
Estado-de-coisas	e	Encontro
Conteúdo Proposicional	p	Ideia
Lugar	l	Topo
Tempo	t	Semana
Episódio	ep	Incidente
Maneira	m	Maneira
Razão	r	Razão
Quantidade	q	Litro

Quadro 08: Categorias semânticas
(adaptado de HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 136)

Estas categorias constituem camadas dentro do nível representacional, e os núcleos de cada camada podem ser modificados por modificadores(σ) e operadores (π). De forma hierárquica, as categorias semânticas *Conteúdo Proposicional*, *Episódio* e *Estado-de-coisas* são organizadas de tal modo que um Conteúdo Proposicional (p) contém Episódios (ep), que podem conter um ou mais Estado-de-coisas (e) que, por sua vez, podem conter um ou mais Conceitos Situacionais (s). As demais categorias não mantêm entre si uma relação hierárquica como a que se estabelece entre $p > ep > e > f$.

A noção de Conceito Situacional foi postulada por Hengeveld (2011) para reunir as unidades que permitem descrever um Estado-de-coisas que, anteriormente, eram rotuladas de Propriedade Configuracional. Sendo assim, dentro de Conceito Situacional, encontram-se as propriedades lexicais (f), indivíduo (x), locação (l), razão (r), modo (m), tempo (t), quantidade (q).

No quadro 09, à página seguinte, adaptado de Souza (2009), há um resumo explicativo das principais camadas do NR e os modificadores e operadores que atuam em cada um.

Categoria	Definições e exemplos	Esquemas, operadores e modificadores
Conteúdo proposicional	<p>Conteúdo proposicional, definida como a categoria semântica mais alta do Nível representacional (entidade de terceira ordem), é um constructo mental (conhecimento, crença, expectativa, etc):</p> <p>Ex.: <i>Provavelmente, ela não virá.</i></p> <p>$(p_1: [(ep: \text{--ela não virá--} (ep_1)_{\Phi}]: \text{provavelmente} (p_1))$</p>	<p>Esquemas gerais: $(p_1: \diamond (p_1)) = \text{sim/não}$ $(p_1: [(f_1) (p_1)_{\Phi}]) = \text{propriedade lexical}$ $(\pi p_1: [(ep_1)...(ep_{1+N})_{\{\Phi\}}]: [\sigma (p_1)_{\Phi}]) = \text{episódios}$</p> <p>Operadores de proposição (π): <i>Operadores modais, evidenciais, etc.</i></p> <p>Modificadores de proposição (σ): <i>Provavelmente, certamente, evidentemente, etc.</i></p>
Episódio	<p>O Episódio é composto por um ou mais estado-de-coisas, numa sequência coerente:</p> <p>Ex.: Ele chegou, comeu e foi dormir.</p> <p>$(ep_i: [(e_i: \text{ele chegou} (e_i)) (e_j: \text{comeu} (e_j)) (e_k: \text{foi dormir} (e_k))] (ep_i))$</p>	<p>Esquema geral: $(\pi ep_1: [(e_1)...(e_{1+N})_{\{\Phi\}}] (ep_1): [\sigma (ep_1)_{\Phi}])$</p> <p>Operadores de episódio (π): <i>Operadores de tempo absoluto (pas; fut, pres)</i></p> <p>Modificadores de episódio (σ): <i>Ontem, hoje, amanhã, etc = tempo absoluto</i></p>
Estado-de-coisas	<p>Estado-de-coisas é uma entidade de segunda ordem, que localizada no tempo e no espaço, pode ser avaliada em termos de sua realidade:</p> <p>Ex.: João saiu depois do almoço.</p> <p>$(e_i: (f_i: [\text{--João sair--}] (f_i)) (e_i)_{\Phi}: [(t_i: \text{--depois do almoço--} (t_i)_T (e_i)_{\Phi})]$</p>	<p>Esquema geral: $(e_i: [[(f_i: [...] (f_i))...f_{1+N}: [...] (f_{1+N})_{\{\Phi\}}] (e_i)_{\Phi}]: [\sigma (e_i)_{\Phi}])$</p> <p>Operadores de estado-de-coisas (π): <i>Lugar; tempo relativo; modalidade orientada para o evento; percepção de evento; polaridade e quantificação.</i></p> <p>Modificadores de estado-de-coisas (σ): <i>Expressões que especificam o tempo relativo de ocorrência, o lugar de ocorrência, a frequência da ocorrência, a realidade, o cenário físico e cognitivo do estado-de-coisas.</i></p>
Indivíduo	<p>Indivíduo designa uma entidade de primeira ordem, concreta, existe por si só e pode ser localizado no espaço:</p> <p>Ex.: O presidente $(x_i: [(f_i: \text{presidente}_N (f_i) (x_i)_U])$</p>	<p>Esquema geral: $(\pi x_1: [(f_1: [(f_2) (v_1)_{\Phi}] (f_1)) (x_1)_{\Phi}]: [\sigma (x_1)_{\Phi}])$</p> <p>Operadores de indivíduo (π): <i>Localização e quantificação</i></p> <p>Modificadores de indivíduo (σ): <i>Expressões que especificam qualidade, lugar, quantidade, etc do indivíduo. .</i></p>

Propriedade	Propriedade , uma entidade de ordem zero, pode ser avaliada apenas em termos de sua aplicabilidade a entidades de primeira ordem, o indivíduo:	Esquema geral: ($\pi f_1: \diamond (f_1): [\sigma (f_1)_\phi]$) = propriedade lexical
	Ex.: Homem altamente inteligente. ($x_i: (f_i: \text{homem } (f_i)) (x_i): (f_j: \text{inteligente } (f_j): (q_i: (f_k: \text{alto } (f_k)) (q_i)) (f_j)) (x_i)$)	Operadores de propriedade (π): <i>Aspecto, direção e grau.</i>
		Modificadores de propriedade (σ): <i>Modificadores (adjetivos), advérbios de maneira, grau, etc.</i>

Quadro 09: Nível Representacional (SOUZA, 2009, p. 51)

Para análise dos predicados investigados na presente tese, as camadas do Estado-de-Coisas e da Propriedade são as que se mostram relevantes como ficará claro no capítulo de análise dos resultados. Além disso, baseados em Hengeveld e Mackenzie (2008) e Bastos *et al.* (2007), que afirmam que complementos oracionais do tipo **ep**, **p**, **e** e **f** podem ser distinguidos, levando em consideração a categoria semântica do predicado matriz, verificaremos as entidades representadas pelos complementos oracionais e não-oracionais dos predicados que analisamos.

1.2.3. Nível Morfossintático

O nível Morfossintático (doravante, NM), primeiro nível da operação de codificação, contempla o alinhamento do duplo *input* advindo do NI e NR em uma estrutura morfossintática simples. Encontram-se, nesse nível, as propriedades lineares de uma unidade linguística, tais como: estrutura de sentenças, orações, sintagmas e a organização interna das palavras. Abaixo mostramos a organização interna do NM:

(Le ₁ :	Expressão linguística
(Cl ₁ :	Oração
(Xp ₁ :	Sintagma
(Xw ₁ :	Palavra
(Xs ₁)	Raiz
(Aff ₁)	Afixo
(Xw ₁))	Palavra
(Xp ₁))	Sintagma
(Cl ₁))	Oração
(Le ₁))	Expressão linguística

A **Expressão Linguística** (El), a camada mais alta do NM, contém uma ou mais **Orações** (Cl), que, por sua vez, podem ser formadas por **Sintagmas** (Xp), **Palavras** (Xw) ou por outras orações. Dentro das palavras, podem-se distinguir morfemas de vários tipos (Xm). Ao ter como camada mais alta do NM a **Expressão Linguística**, a GDF possibilita que categorias mais baixas do que oração sejam analisadas, tais como holófrases e sintagmas nominais.

Não há um mapeamento correspondente entre unidades semânticas e pragmáticas, de um lado, e unidades morfológicas, de outro. Os atos Discursivos, por exemplo, podem ser expressos por orações, sintagmas ou palavras. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 17) exemplificam isso, por meio de uma predicação do Inglês (20) e do Tiwa do Sul (21), reproduzidas abaixo:

(01) I made shirts.
 ‘Eu fiz camisas’.

(02) *Te-shut-pe-ban*
 1.SG>PL-camisa-fazer-PAST
 Eu fiz camisas.

Esses dois exemplos de línguas diferentes mostram que, enquanto há línguas, como o Inglês, em que a predicação é composta de uma unidade que designa uma propriedade e duas

unidades que são indivíduos, há outras línguas, como o Tiwa do Sul, em que uma única palavra transmite toda a informação. Diante desses dois exemplos e de outros oferecidos por Hengeveld e Mackenzie (2008), constata-se que o NM permite assegurar as diferenças tipológicas entre as línguas, uma vez que nesse nível se codifica morfossintaticamente as categorias semânticas e pragmáticas.

1.2.4. Nível Fonológico

O Nível Fonológico (doravante, NF), último nível de codificação linguística, é voltado para o tratamento dos aspectos fonológicos que são utilizados para a expressão de funções dos elementos linguísticos na comunicação. É também responsável por toda codificação que não foi feita pelo nível morfossintático. O NF engloba os seguintes aspectos fonológicos: (i) os padrões prosódicos que se aplicam a cada camada de análise; (ii) um inventário de sequências segmentais que expressam configurações particulares de morfemas ou *placeholders* introduzidos em outros níveis; e (iii) os aspectos prosódicos que terão efeito no componente de saída. A estrutura interna do NF é a seguinte:

(πU_1 : [Enunciado
(πIP_1 : [Frase intonacional
(πPP_1 : [Frase fonológica
(πPW_1 : [Palavra fonológica
(πF_1 : [Pé
(πS_1) ^N	Sílaba
] (F_1)	Pé
] (PW_1)	Palavra fonológica
] (PP_1)	Frase fonológica
] (IP_1)	Frase intonacional
] (U_1)	Enunciado

O NF é específico para cada língua e contém a representação fonológica segmental e suprasegmental de um enunciado, maior unidade fonológica dentro dos moldes da GDF. Como podemos observar no esquema acima, a expressão linguística é analisada em termos

das seguintes unidades fonológicas: **Enunciado (U)**; **Frase Intonacional (IP)**; **Frase Fonológica (PP)**; **Palavra Fonológica (PW)**, **Pé (F)** e **Sílaba (S)**.

Como afirmado para o NM, também no NF não há uma relação de correspondência entre unidades pragmáticas, semânticas e morfológicas, de um lado, e unidades fonológicas, de outro. Um exemplo disso é que não há necessariamente uma relação entre palavras fonológicas do NF e fronteiras de constituintes do NM.

1.3. A implementação da Gramaticalização dentro da Gramática Discursivo-Funcional

Nesta seção, apresentamos alguns trabalhos que já abordaram fenômenos linguísticos na interface Gramaticalização e GDF, entre eles os de Keizer (2007, 2012), Souza (2009, 2010), Olbertz (2010), Casseb-Galvão (2011) e Hengeveld (2010, 2011, 2013), mostrando que é possível tratar de fenômenos de mudança linguística adotando-se o modelo de gramática da GDF. Mas, antes da exposição desses trabalhos, discutiremos como se dá essa implementação pelo modelo.

A dicotomia lexical-gramatical, no modelo antecessor da GDF, a Gramática Funcional (DIK, 1997a), é observada de maneira categórica, como concluímos a partir das palavras de Dik (1997, p.159):

A GF faz uma distinção precisa entre elementos lexicais (de conteúdo) e gramaticais (de forma) na estrutura da expressão linguística. Elementos lexicais são capturados por predicados básicos listados no léxico. Elementos gramaticais refletem os vários operadores e funções que podem ser aplicados em diferentes níveis na construção subjacente.¹⁵

¹⁵ “FG makes a rather sharp distinction between lexical (or content) elements and grammatical (form) elements in the structure of linguistic expressions. Lexical elements are captured by the basic predicates listed in the lexicon. Grammatical elements reflect the various operators and functions which at different levels can be applied to the underlying constructions.”

Diferentemente dessa visão categórica de Dik (1997), Hengeveld e Mackenzie (2008, p.9) apontam que a classificação de dados de uma língua não é sempre discreta, podendo existir uma gradiência entre itens de uma mesma categoria, por exemplo. A noção de gradiência se estende para a distinção entre fenômenos lexicais e gramaticais. A partir de um ponto de vista diacrônico, é reconhecido que fenômenos gramaticais derivam unidirecionalmente de unidades lexicais, e esse processo é discutido pela teoria da gramaticalização. De um ponto de vista sincrônico, a GDF postula uma distinção nítida entre itens lexicais e gramaticais, sendo esta distinção necessária para a maneira pela qual os itens são representados nas análises feitas pelos autores. A distinção lexical-gramatical está correlacionada com a oposição entre modificadores e operadores.

A GDF não é uma teoria gramatical de mudança linguística, possível de considerar a gradiência dos itens, mas a sua estruturação em níveis permite que ela seja usada como gramática de apoio para descrição de fenômenos linguísticos em processo de gramaticalização.

Hengeveld (2010) resume a trajetória da gramaticalização dentro dos níveis da GDF da seguinte forma:

Nível Interpessoal: M ← A ← C ← T/R
 Nível Representacional: p ← ep ← e ← f
 Nível Interpessoal ← Nível Representacional
 Operador ← Lexema

A implementação da mudança dentro da GDF é uma *implementação dinâmica*, como proposto por Bakker e Siewierska (2004), que afirmam que uma mudança no nível representacional ou interpessoal pode alterar os níveis morfossintático e fonológico, ou seja, a

implementação das relações pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e fonológicas constitui um processo dinâmico, em que as relações ocorrem simultaneamente.

Keizer (2007) aborda alguns critérios que estariam presentes em cada nível de representação da GDF nos processos de mudança.

Níveis da GDF	Tipos de mudança envolvidos no processo de GR
Nível Interpessoal	- perda de função adscritiva ou da possibilidade de atribuição de foco; - Alta frequência de uso (BYBEE <i>et al.</i> , 1994; BYBEE, 2003);
Nível Representacional	- redução / generalização semântica (BYBEE <i>et al.</i> 1994); - perda de muitas ou todas especificidade de significados lexicais; - generalização de significado; desenvolvimento de significado abstrato ou relacional (BYBEE, 2003); - ampliação do domínio de aplicabilidade. - aumento da dependência semântica (interpretação depende do significado contido no contexto).
Nível Morfossintático	- elementos gramaticais são membros de uma mesma classe fechada (BYBEE <i>et al.</i> , 1994; HEINE e KUTEVA, 2002); - elementos gramaticais são membros de um paradigma sintático regular (LEHMANN, 1985; 1989; 2002); - elementos gramaticais exibem comportamento sintático específico. São caracterizados por: posição fixa de ocorrência (LEHMANN, 1985; BYBEE <i>et al.</i> , 1994); restrições de co-ocorrência; - elementos gramaticais não podem ser modificados por elementos lexicais (BYBEE <i>et al.</i> , 1994); - elementos gramaticais não podem co-ocorrer com elementos da mesma classe; - elementos gramaticais tendem a ser obrigatórios (LEHMANN, 1995).
Nível Fonológico	- redução fonética (BYBEE <i>et al.</i> , 1994; BYBEE, 2003; LEHMANN, 1985); - redução na forma (BYBEE <i>et al.</i> , 1994); - fusão com outros morfemas (LEHMANN, 1985; BYBEE <i>et al.</i> 1994); - falta de tonicidade (BYBEE <i>et al.</i> , 1994)

Quadro 10: Critérios de gramaticalização nos níveis da GDF (adaptado de KEIZER, 2007, p.40)

Considerando esses critérios apresentados por Keizer (2007), resumidos no quadro 10, observamos que a autora considera que a gramaticalização é um processo de mudança linguística que pode envolver todos os níveis da organização da língua, implicando também muitas perdas, implicação, que deve ser relativizada, pois, num processo de mudança, perdas e ganhos atuam em conjunto.

Keizer (2007) aponta que o simples fato de um item lexical ser usado como gramatical não é suficiente para afirmar que este item está em processo de gramaticalização, sendo

necessário, portanto, avaliar quais traços lexicais e gramaticais o item apresenta. Para isso, a autora propõe um conjunto de critérios que permitem avaliar o grau de lexicalidade e de gramaticalidade de alguns itens ou classes linguísticas do Inglês selecionados por ela. No quadro 13¹⁶, reproduzido da autora, encontram-se os critérios apresentados por ela, em que quanto mais sinal de “+” uma forma tiver, mais gramatical ela será.

Critério \ Classe/elemento	Sem função adscritiva	Mutuamente exclusivo	Posição fixa	Não-modificável	Sem formação de predicado	Classe fechada	Aumento da frequência	Pouco cont. semântico	Foneticamente reduzido	Paradigma sintático	Não há foco/ênfase	Fusão	
<i>Lets</i>	+	+	+	+	+	+?	+	+	+	+	+	-	(11+) - (1-): 10+
<i>That (compl.)</i>	+	+	+	+	+	+?	+	+	+	+?	+	-	(11+) - (1-): 10+
<i>Artigos</i>	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+?	-	-	(10+) - (2-): 8+
<i>Modais</i>	+	+	+	+	+	+?	+	+	+	-	-	±	(9+) - (2-): 7+
<i>Pronomes</i>	+	+	-	±	+	+	n a	±	±	+	-	±	(5+) - (2-): 3+
<i>In case (conj.)</i>	+	+	+	+	na	±	±	±	+	-	-	-	(5+) - (3-): 2+
<i>Numerais</i>	+	+	+	-?	-	+	+	±	-	-	-	-	(4+) - (6-): 2-
<i>In the event that (conj.)</i>	+	+	+	+	na	±	-	-	-	-	-?	-	(4+) - (6-): 2-
<i>Through (prep.)</i>	±	+	±	±	+?	±	n a	-	-	-	-	-	(2+) - (5-): 3-
<i>Under (prep.)</i>	+	±	+	+	±	±	n a	-	-	-	-	-	(2+) - (5-): 3-

Quadro 11: Traços léxico-gramaticais para morfemas livres em Inglês (adaptado de KEIZER, 2007)

De acordo com a disposição dos itens no quadro, os mais gramaticais estão localizados na parte superior do quadro, como, por exemplo, *lets* e *that*, enquanto os menos gramaticais se concentram na parte inferior, apresentando mais características lexicais.

Keizer (2012), baseada nos estudos de Bybee e Pagliuca (1991), apresenta um quadro do processo diacrônico da partícula inglesa *will* para confirmar as afirmações de Hengeveld

¹⁶ O símbolo (±) é usado para marcar quando o traço pode ou não ser aplicado, o símbolo (na) é usado quando determinado traço não se aplica ao elemento linguístico, e o símbolo (?) após (+) ou (-) serve para indicar que há poucos exemplos contrários ao que é afirmado no traço.

(1989, 2012) e Boland (2006) de que unidades semânticas desenvolvem-se diacronicamente de camadas mais baixas para mais altas, e não ao contrário. Vejamos a trajetória deste item:

Significado	Função	Camada
Querer, desejar	Verbo pleno	Lexema
Obrigação, intenção	Modalidade orientada para o participante	Propriedade Configuracional
Posterioridade	Tempo relativo	Estado-de-Coisas
Futuro	Tempo absoluto	Episódio
Suposição	Modalidade Epistêmica	Proposição

Quadro 12: Gramaticalização de *will* (adaptado de KEIZER, 2012)

Souza (2009) analisa os usos de *assim*, *já* e *aí* em dados do português brasileiro, mostrando que o aumento de gramaticalidade destes itens reflete uma ascensão nas camadas e níveis da GDF, em direção a um aumento de pragmática. A conclusão do autor é a de que os usos referenciais destes itens, base do seu processo de gramaticalização, se encontram no NR na camada do evento (predicação) e, conforme esses itens vão sendo usados com funções mais textuais, mais expressivas da língua, eles atingem camadas mais altas do NR e, até mesmo do NI e, além disso, mostram um aumento de gramaticalidade.

Em Souza (2010), na análise de *assim*, o autor mostra a trajetória de gramaticalização do item dentro da GDF.

Categorias representacionais	Categorias interpessoais
evento > episódio > proposição	> conteúdo comunicado > ato discursivo > (movimento)

**Trajетória de gramaticalização de *assim* nas camadas da GDF
(SOUZA, 2010)**

Na trajetória apresentada acima, podemos notar que o início da gramaticalização se dá em camadas mais baixas do NR e, com o aumento de gramaticalidade, o item estende seus usos para outras camadas até atingir a camada do Movimento no NI. A camada do Movimento é considerada por Souza (2009) como camada alvo da gramaticalização de *assim*.

Olbertz (2010), num estudo sobre os usos de *pues* no Espanhol, identifica dois *clines* de gramaticalização deste item, sendo um que se inicia na camada do Estado-de-Coisas em direção ao Conteúdo Proposicional, ocorrendo, portanto, apenas dentro do NR, e outro que vai da camada do Estado-de-Coisas no NR para camada do Movimento no NI, passando pela camada do Ato Discursivo. Com seu trabalho, a autora confirma a hipótese de Hengeveld (2010) de que a gramaticalização dentro da GDF se desenvolve do NR para o NI ou de camadas mais baixas para mais altas do NI, não sendo necessário passar por todas camadas.

Casseb-Galvão (2011) apresenta alguns fatores que ajudam a explicar a interface entre estas duas teorias. No quadro abaixo esquematizamos estes fatores:

Gramática Discursivo-Funcional	Gramaticalização
<i>Maximal depth</i> : na construção de um enunciado somente os níveis relevantes para tal serão representados.	<i>Bleaching semântico</i> (HEINE e KUTEVA, 2004): a perda de conteúdo significativo em elementos em fase mais avançada de gramaticalização pode provocar a transposição do NR.
<i>Interrelação dinâmica entre as operações de formulação e codificação</i> (BAKKER e SIEWIERSKA, 2004; HENGEVELD e MACKENZIE, 2008): alterações nas operações de formulação – interpessoal e representacional – causam alterações nas operações da codificação – morfológico e fonológico.	<i>Reanálise</i> : rearranjos entre os domínios sistêmicos, como dessemantização, podem ser acompanhados de alteração de fronteira no nível morfossintático e erosão ou redução fonológica no nível fonológico.
<i>Unidirecionalidade</i> : a organização hierárquica unidirecional (<i>top-down</i>) inter e intra níveis de organização.	<i>Unidirecionalidade</i> : os processos de gramaticalização tem trajetória unidirecional. Heine <i>et al.</i> (1991) apresentam o cline de abstratização das categorias cognitivas: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade, sendo mais concretas as categorias próximas a “pessoa” e menos concretas as que se distanciam de “pessoa”. Nos moldes da GDF, o NR seria menos gramaticalizado e o NI, mais gramaticalizado.
<i>Fluidez das categorias</i> : a GDF reconhece que há um contínuo entre as categorias codificadas de modo categórico na gramática da língua e prevê que significados básicos podem desenvolver-se em categorias voltadas para a expressão de subjetividade.	<i>Fluidez das categorias</i> : pressuposto para a distinção dos processos de gramaticalização, em razão de não operar com categorias discretas.

Quadro 13: Fatores que explicam a interface entre GDF/GR (adaptado de CASSEB-GALVÃO, 2011, p.318-319)

Além dos fatores, Casseb-Galvão (2011) analisa na interface de GR/GDF dados de [diskⁱ] no português brasileiro e conclui que [diskⁱ] apresenta usos tanto no NI como NR. O uso *Ele diz que* como introdutor de conteúdo comunicado no NI é incipiente e o que se esperava é que dele derivariam elementos das camadas mais altas do NI, mas, diferentemente disso, os dados apontaram que, a partir de *Ele diz que*, surgiram usos como reportativo e admirativo, pertencentes às camadas do Conteúdo Comunicado e Ilocução do NI, respectivamente, como também usos de [diskⁱ] *token de narrativa*, na camada do episódio, e [diskⁱ] de *genericidade*, na camada da proposição. Sendo assim a autora coloca em xeque o princípio da unidirecionalidade da gramaticalização, uma vez que um uso em camada mais alta dá origem a usos em camadas mais baixas.

A partir da análise de [diskⁱ], a autora sugere duas adaptações ao modelo da GDF. A primeira consiste na propositura de um Nível Retórico, destinado às funções exclusivamente textuais e, neste nível, se encaixaria o [diskⁱ] *token de narrativa*. Esta sugestão, já pensada por Hengeveld (1997), ao estudar fenômenos de coesão, e, mais recentemente, por Stassi-Sé (2012), em trabalho sobre subordinações discursivas, ganhou mais força.

A segunda adaptação sugerida diz respeito ao tratamento da evidencialidade dentro da GDF. Segundo Casseb-Galvão (2011), a *genericidade* é tratada na GDF no Nível Representacional, no entanto, se for considerado que a expressão de verdade geral de um conhecimento comum não há uma voz individualizada, mas, sim, uma voz que reporta ao ouvinte uma verdade conhecida de todos, a *genericidade* passa a estar junto dos reportativos no NI. Se as duas sugestões forem acatadas, [diskⁱ] apresenta uma trajetória de aumento de gramaticalidade somente dentro do NI.

Hengeveld (2011), num estudo sobre a gramaticalização de Tempo e Aspecto, sugere um caminho de mudança dentro do NR, partindo do Conteúdo Situacional até o Conteúdo Proposicional, conforme o quadro a seguir:

	Conteúdo Proposicional	Episódio	Estado-de-coisas	Conceito Situacional	Propriedade
Aspecto			Quantificação de evento	Aspecto fasal (im)perfectivo	predicado
Tense		Tempo absoluto	Tempo Relativo		
Evidencialidade	Inferência	Dedução	Percepção de evento		
Modo	Modalidade subjetiva	(Ir)realidade absoluta	(Ir)realidade relativa	Modalidade orientada para o participante	

Quadro 14: Desenvolvimentos atestados na gramaticalização de tempo e aspecto (transcrito de HENGEVELD, 2011)

Baseados nos trabalhos apresentados acima, objetivamos, neste nosso trabalho, comprovar as trajetórias de mudança dos predicados “*acabar*”, “*acontecer*” e “*começar*” dentro da GDF, a fim de fortalecer os trabalhos já existentes na interface, assumindo, para tanto, como concepção de gramaticalização a alteração do funcionamento desses predicados em função das camadas e dos níveis do componente gramatical.

1.4. Auxiliaridade, Copularidade e Encaixamento

Nesta parte, apresentaremos as diferenças entre verbo pleno e verbo auxiliar, entre verbo auxiliar e verbo copular e entre verbo auxiliar e predicado encaixador, a fim de verificarmos, no capítulo III a multifuncionalidade dos predicados estudados. Quanto ao verbo auxiliar, apresentaremos os critérios de auxiliaridade propostos por Lobato (1975), Longo (1990), Heine (1993), Olbertz (1998) e Longo e Campos (2002), que nos servirão de parâmetro para as nossas análises em que os predicados atuam como auxiliares.

1.4.1. Verbo pleno x Verbo auxiliar

Na literatura sobre auxiliaridade, muito se discute sobre as diferenças entre verbo pleno e verbo auxiliar. Trabalhos como os de Castilho (1968), Longo (1990), Heine (1993), Longo e Campos (2002), Fernandes (2010) e Fonseca (2010), entre outros, nos auxiliarão na busca de um entendimento acerca das distinções entre verbo pleno e verbo auxiliar.

Os estudos de auxiliaridade não apresentam um consenso sobre a definição de *verbo auxiliar*. Longo (1990) considera como auxiliar o verbo que, diferentemente do verbo pleno, não tem a propriedade de atribuir funções semânticas aos elementos nominais com que se combina. Fonseca (2010), num estudo sobre a perífrase *ir + infinitivo* em dados do português brasileiro, considera como essencial para a identificação de verbo auxiliar o fato de, numa construção de auxiliaridade do tipo [V₁ + V₂], V₁ carregar a informação morfológica de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade. Heine (1993), por sua vez, lista as seguintes hipóteses explicativas acerca da categorização de verbo auxiliar:

- (i) **hipótese da autonomia:** auxiliares ou elementos sob esse rótulo constituem uma categoria distinta, diferente dos verbos e de outras categorias. Trata-se de uma categoria universal, apresentando, contudo, diferentes realizações em diferentes línguas (PUGLIELI, 1987 *apud* HEINE, 1993);
- (ii) **hipótese do verbo principal:** auxiliares e verbos plenos comporiam uma mesma categoria lexical (ROSS, 1969 *apud* HEINE, 1993) ou seriam um subconjunto especial da categoria verbo (PULLUM e WILSON, 1977 *apud* HEINE, 1993);
- (iii) **hipótese da gradiência:** entre auxiliares e verbos principais, não há limites que os separam. Esses dois verbos devem ser vistos na forma de um *continuum* ou gradiente. Essa hipótese está associada, por um lado, ao paradigma da gramaticalização e, por outro lado, à noção de *continuum* ou gradiência (GARCIA, 1967; BOLINGER, 1980 *apud* HEINE, 1993).

Para analisar o desenvolvimento de verbos plenos a afixos, passando por processos de auxiliarização, Heine (1993) propõe sete estágios, a seguir descritos.

- **Estágio 1:** os verbos têm seu significado lexical pleno, e seus objetos fazem referência a um objeto concreto;

- **Estágio 2:** o complemento se refere a uma situação dinâmica; o verbo começa a se tornar um auxiliar. Nesse estágio, os itens apresentam as seguintes características:
 - a) podem ter complementos nominais ou relacionar-se com verbos não-finitos;
 - b) a identidade de sujeitos entre os dois ainda não é um requisito obrigatório;
 - c) o verbo não precisa encaixar apenas um tipo de construção; diferentes tipos de construção podem aparecer em concorrência, tais como infinitivo, gerúndio ou particípio;
 - d) o verbo pode encaixar uma oração com verbo finito.

- **Estágio 3:** os verbos passam a expressar funções de tempo, modo ou aspecto; as restrições de seleção tendem a ser eliminadas e, com isso, o sujeito pode ser expresso por referentes não humanos. De acordo com Heine (1993), os verbos, apresentam as seguintes características:
 - a) união a um verbo principal em forma não-finita;
 - b) identidade de sujeitos obrigatória entre o verbo em gramaticalização e o principal;
 - c) compartilhamento de tempo entre o verbo em gramaticalização e verbo principal;
 - d) impossibilidade de o verbo em gramaticalização admitir como complemento uma oração desenvolvida com conectivo e forma verbal finita;
 - e) restrições de tempo, aspecto e modalidade do verbo em gramaticalização;
 - f) formação de uma unidade semântica entre o verbo em gramaticalização e o verbo principal, estágio em se encontram os semi-auxiliares, em que o verbo não expressa significado verbal independente.

- **Estágio 4:** o verbo em gramaticalização é caracterizado por paradigmas defectivos; ele se descategoriza e apresenta as seguintes características:
 - a) perda da capacidade de formar imperativos, de ser nominalizado ou se apassivar;
 - b) não associação a nomes como complementos;
 - c) combinação com uma forma nominal na formação de perífrase.

- **Estágio 5:** o verbo em gramaticalização, neste estágio, apresenta as seguintes características:
 - a) por apresentar características de outra classe gramatical, distancia-se da classe dos verbos plenos;
 - b) impossibilidade de ser negado separadamente;
 - c) fixação em uma posição da oração;
 - d) retenção de traços de verbo (flexão, por exemplo), mas com características mais próximas de marcador gramatical;

e) possibilidade de ser cliticizado ou sofrer erosão.

- **Estágio 6:** o verbo em gramaticalização já perdeu as características verbais remanescentes e se fixa como um elemento gramatical; o que era seu complemento passa a ser o verbo principal; o verbo passa de clítico a afixo; mantém resquícios da fonte que permite identificar a estrutura de origem.
- **Estágio 7:** neste estágio final da gramaticalização, o verbo já perdeu todas as características verbais e se torna um marcador puramente gramatical.

Diante desses estágios, Heine (1993) classifica os verbos da seguinte maneira:

- a) nos estágios 1 e 2: lexemas, verbos plenos;
- b) no estágio 3: semi-auxiliares, quase-auxiliares;
- c) nos estágios 4 e 5: auxiliares;
- d) no estágio 6: auxiliares e afixos;
- e) no estágio 7: afixos ou flexões.

Esses estágios de gramaticalização de verbos apresentados por Heine (1993) nos auxiliarão a discutir as mudanças que se sucederam nos predicados estudados neste trabalho. No entanto, é preciso deixar claro que esses estágios, como pode ser visto pela descrição deles, se aplicam melhor a construções perifrásticas.

Assim como Heine (1993), Longo e Campos (2002) também defendem que não há uma divisão rígida entre os verbos plenos e auxiliares e, por isso, é melhor concebê-los como categorias integrantes de um *continuum* de gramaticalização. Essa hipótese da gradiência nos parece mais coerente para ser adotada neste trabalho, uma vez que lidamos com verbos que apresentam funções que flutuam entre a categoria de verbo pleno e a de verbo auxiliar. Assumindo-se esse posicionamento, o comportamento dos auxiliares pode ser descrito levando em consideração a sua relativa localização dentro da cadeia, que é chamada pelo autor de *cadeia verbo para TAM* (verb-to-TAM).

A auxiliaridade, segundo Longo e Campos (2002), é uma relação de complementação entre duas formas verbais, sendo o auxiliar a forma relacional que toma como complemento

um verbo-base; e a perífrase ou locução verbal é um complexo unitário que une um verbo a uma forma nominal – infinitivo, gerúndio ou particípio. Essa noção de auxiliaridade também se encontra no trabalho de Benveniste (2006): enquanto Longo e Campos (2002) entendem auxiliar como o primeiro elemento do sintagma verbal que indica a modalidade da ação total e modifica o segundo elemento que traz a informação nova, Benveniste (2006) define auxiliar como uma forma linguística unitária realizada em paradigmas inteiros por meio de dois elementos que assumem, cada um, parte das funções gramaticais.

Autores como Lobato (1975), Longo (1990), Heine (1993) e Longo e Campos (2002) discutem critérios que nos permitem identificar e, até mesmo, verificar o grau de auxiliaridade das perífrases verbais. A seguir, a exemplo de Fonseca (2010) e Fernandes (2010), agrupamos os critérios apresentados por esses autores, apontando os mais recorrentes e os mais divergentes entre eles. Entre os critérios apresentados, selecionaremos no capítulo II quais serão importantes para verificarmos o grau de auxiliaridade das perífrases formadas com os verbos estudados. Esses critérios nos permitem verificar o grau de auxiliaridade em uma dada sincronia, sendo, portanto, necessário um estudo diacrônico para confirmar o percurso de mudança linguística do verbo.

Crítérios de Auxiliaridade	Lobato (1975)	Longo (1990)	Heine (1993)	Longo e Campos (2002)
1. Inseparabilidade entre os verbos (prosódica, sintática e semântica)				
2. Detematização				
3. Incidência de negação				
4. Incidência de circunstante temporal				
5. Restrição paradigmática				
6. Alta frequência de uso do auxiliar + verbo na forma nominal				
7. Impossibilidade de desdobramento da oração				
8. Apassivização				
9. Recursividade				
10. Oposição a uma forma simples correspondente				

11. Impossibilidade de ser substituído por pronome				
12. Sujeito único				
13. Posição fixa na perífrase				
14. Participação no complexo TAM				
15. Categoria fluida entre pleno e auxiliar				
16. Formas variantes (uma plena e outra reduzida foneticamente)				
17. Impossibilidade de receber contraste enfático				
18. Tendência a se tornar clítico ou afixo				
19. Carrega toda a informação morfológica				
20. Não permite ser regido por outros auxiliares				
21. Sinsemânticos e sincategoremáticos				
22. Categoria separada do verbo principal				
23. Acepção egocêntrica				
24. Impossibilidade de ser complementado por oração				
25. Sem restrições semânticas sobre sujeito e auxiliado				

Quadro 15: Critérios de Auxiliabilidade (adaptado de FONSECA, 2010)

Os critérios apresentados por Lobato (1975), Longo (1990) e Longo e Campos (2002) se concentram em definir os verbos auxiliares em português, enquanto os de Heine (1993) consideram verbos auxiliares em diferentes línguas. Lobato (1975) e Longo e Campos (2002), em seus critérios, atentam-se para os verbos que estão em processo de gramaticalização, na trajetória *verbo pleno* > *verbo auxiliar*. Valendo-nos desses trabalhos, no próximo capítulo, definiremos os critérios pertinentes para nossa pesquisa, procurando considerar aqueles critérios que mais autores trataram.

1.4.2. Verbo auxiliar x Verbo copular

Os verbos auxiliares, segundo Hengeveld (1992), são reconhecidos pelo fato de não apresentarem as características de predicados lexicais, tais como: restrição na seleção dos argumentos e valência. Há dois principais tipos de auxiliares, sendo um tipo aqueles que se combinam com predicados verbais e o outro, aqueles que se combinam com predicados não-

verbais. Dentro deste último tipo, encontram-se os verbos copulares que são considerados como verbos que são esvaziados semanticamente, ou seja, não contribuem para a construção do significado da oração.

Embora na literatura linguística todos os verbos que se combinam com predicados não-verbais e são esvaziados semanticamente estejam sob o rótulo de cópula, Hengeveld (1992) distingue entre estes verbos três grupos, a saber: cópula, semi-cópula ou pseudo-cópula.

Os copulares são aqueles verbos que não contribuem para o significado da sentença, mas apresentam uma função de suporte. Possibilitam a atuação de um predicado não-verbal como predicado principal em algumas línguas, não podendo atuar como suporte. Eles não fazem parte do predicado, mas são auxiliares que acompanham um predicado não-verbal e seus argumentos. Dentro do seu contexto de uso, portam os morfemas de tempo, modo e aspecto e possibilitam outras distinções. Abaixo segue um exemplo da cópula *ser*, em português:

(03) O carpinteiro é inteligente.

(tradução do exemplo de HENGEVELD, 1992, p. XX)

Nesta ocorrência, o predicado não-verbal é *inteligente*, e o verbo *ser* apenas faz o suporte da oração, carregando as informações modo-temporais.

Os verbos que são classificados como semi-copulares compartilham muitas características com os verbos copulares, mas, diferentemente destes, colaboram para o significado da sentença a qual pertencem, não podendo, portanto, ser retirados sem que haja alteração no significado. Embora os semi-copulares colaborem para o significado, o predicado principal continua a ser o predicado não-verbal, uma vez que ele determina o número de argumentos na construção. Segundo Goosens (1990 *apud* HENGEVELD, 1992, p. 36), a

contribuição da semi-cópula frequentemente é de natureza aspectual. Vejamos um exemplo dessa construção.

(04) Sheila ficou doente.

(tradução do exemplo de HENGEVELD, 1992, p. 29)

O sintagma adjetival *doente* funciona como predicado não-verbal e seleciona um argumento externo – Sheila. O verbo *ficar*, além de servir como suporte entre o argumento externo e o predicado não-verbal e carregar as informações modo-temporais e aspectuais, traz à oração o significado de uma mudança de estado.

Por fim, os pseudo-copulares são predicados lexicais que, embora aparentem ser uma (semi)-cópula, ocorrem nas seguintes situações: i) com um complemento reduzido baseado no predicado não-verbal; ii) com um adjunto predicativo baseado no predicado não-verbal; iii) com um argumento predicativo baseado no predicado não-verbal; iv) quando tem um argumento não-verbal que funciona como *dicendi*. Vejamos as diferenças em cada situação¹⁷.

i. Complemento Reduzido

(05) i. Sheila parece doente.

ii. Sheila parece estar doente. / Parece que Sheila está doente.

(tradução do exemplo de HENGEVELD, 1992, p. 39)

Em (05), o verbo *parecer* não liga um predicado não-verbal a seus argumentos. A relação entre *Sheila* e *doente* se dá no complemento do predicado *parecer* como vimos nas paráfrases mostradas em (05ii), em que *parecer* seleciona um argumento que tem o verbo copular *estar* – *estar doente* e *Sheila está doente*. Sendo assim, na oração *Sheila parece*

¹⁷ Traduzimos exemplos originais do autor, quando fenômeno semelhante ocorre em português, e mantivemos na língua original, quando esses são específicos das línguas exemplificadas, como é o caso do inglês e do holandês.

doente há um predicado não-verbal que não é suportado, mas, sim, governado por *parecer*, afastando, assim, a possibilidade de ser considerado um verbo copular.

ii. Adjunto Predicativo

- (06) i. Ele casou jovem.
ii. Ele casou.

(tradução do exemplo de HENGEVELD, 1992, p. 40)

A diferença entre esta construção pseudo-copular e uma semi-copular é que aquela permite que o predicado não-verbal seja omitido sem se tornar uma construção agramatical, como vemos em (06ii). Portanto, neste tipo de construção, o predicado verbal não é um verbo copular, mas um predicado lexical independente que adiciona um adjunto predicativo, no caso, *jovem*.

iii. Argumento Predicativo

Segundo Hengeveld (1992), esse tipo de construção é facilmente confundida com uma construção de semi-cópula e é ilustrada abaixo.

- (07) Mary looked ill.
Mary parece doente.

(HENGEVELD, 1993, p. 42)

De acordo com Hengeveld (1992), a diferença entre verbos perceptivos como *look* e os semi-cópulas é que aqueles não podem ser considerados auxiliares que expressam uma modificação de um predicado principal não-verbal, uma vez que eles são claramente lexicais, impõe restrições ao complemento e o seu primeiro argumento deve ser perceptível por meio de um dos sentidos. O predicado não-verbal *ill* é considerado um argumento não-prototípico de *looked*.

iv. Argumento dicendi

- (08) Die jongen heet Peter. (HENGEVELD, 1992, p. 43)
 Aquele menino chama-se Peter.

A diferença para uma construção semi-cópula está relacionada ao fato de o verbo *heten*, “chamar-se” em português, não especificar aspecto de “ser Peter”, como deveria um semi-cópula fazer. Além disso, esse verbo compartilha mais características com verbos de atos de fala do que com verbos copulares. O que se tem nesse caso é um argumento interno – Pedro – de natureza *dicendi*.

Essa distinção apresentada por Hengeveld (1992) nos auxiliará a explicar os dados de *acabar* que se assemelham a usos copulares.

1.4.3. Verbo auxiliar x Predicado encaixador

Uma outra distinção necessária a ser estabelecida é a existente entre verbos auxiliares e predicados encaixadores¹⁸. Aparentemente os dois apresentam usos similares, mas constataremos, a partir dos trabalhos de Bertucci (2011), Wachowicz (2007), Cristofaro (2003), Noonan (2007), as diferenças que há entre eles.

O predicado encaixador é discutido na literatura sob diferentes rótulos, tais como, verbos aspectuais (NEWMAYER, 1975) ou predicados fasais (LONGAGRE, 1976 *apud* NOONAN, 2007). Esse tipo de predicado refere-se a uma fase de um evento, podendo ser o início, o desenvolvimento ou o término. Cristofaro (2003) aponta que esses predicados, quando fasais, apresentam um alto grau de integração semântica com o complemento encaixado, uma vez que há dois estado-de-coisas que são fortemente interconectados,

¹⁸ Neste trabalho, são consideradas como encaixamento as ocorrências dos predicados fasais com sentido lexical que encaixam infinitivo e gerúndio.

formando, portanto, uma única estrutura de estado-de-coisas. Completando esta argumentação, Noonan (2007) aponta que os complementos de um predicado fasal têm a referência temporal dependente da fase mencionada por este predicado.

Para Wachowicz (2007), os predicados encaixadores são verbos lexicais que impõe restrições ao complemento. No caso dos fasais, eles ocorrem apenas com verbos que possam ter identificadas as fases de realização.

Bertucci (2011) considera esses predicados – chamados por ele de verbos aspectualizadores – como modificadores do aspecto do predicado encaixado a eles, alterando a perspectiva ou a focalização da situação.

Diante do exposto, o que temos, no caso do predicado encaixador, é um verbo lexical que traz um significado aspectual.

Os verbos auxiliares, por sua vez, são considerados verbos gramaticais e, de acordo com Wachowicz (2007), diferentemente dos encaixadores, são passíveis de processos de gramaticalização, perdendo algumas características semânticas.

Sobre os auxiliares, Hengeveld e Mackenzie (2008) afirmam que são palavras gramaticais que não correspondem a um lexema, pois, diferentemente deste, aquelas são dotadas de significado abstrato, e esse significado só tem valor dentro de um contexto linguístico e situacional.

A fim de distinguirmos os predicados encaixadores e os verbos auxiliares, apresentamos no quadro 16 algumas características que permitem defini-los melhor.

Predicados encaixadores (fasais)	Verbos auxiliares
i. mantém seu uso como verbo pleno;	i. mantém seu uso como verbo pleno;
ii. não sofrem gramaticalização;	ii. sofrem gramaticalização;
iii. operadores de restrição de intervalo sobre eventos indicados como complemento direto. Por exemplo, no caso de <i>Eu comecei a fazer o jantar</i> , o verbo <i>começar a</i> seleciona o evento <i>fazer o jantar</i> e restringe o intervalo apenas ao início;	iii. mantém suas características por persistência semântica;
iv. não perdem transitividade e selecionam complementos temporais ou eventivos.	iv. perdem transitividade e atribuição temática;
	v. denotam intervalo de tempo durativo dentro do qual o(s) intervalo(s) do verbo principal estão incluídos;
	vi. são menos sujeitos à aceitação de ocorrência de negação no meio da construção verbo auxiliar e verbo principal.

Quadro 16: Propriedades prototípicas dos Predicados Encaixadores e Verbos Auxiliares (baseado em WACHOWICZ, 2007)

No próximo capítulo, utilizaremos as noções apresentadas aqui sobre verbo pleno, verbo auxiliar, verbo copular e predicado encaixador para definirmos os critérios de análise dos predicados estudados.

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentamos, neste capítulo, os procedimentos metodológicos adotados em nossas análises. Num primeiro momento, discutimos a composição dos *corpora*, levando em conta a importância da delimitação dos gêneros discursivos e da história do português brasileiro (PB) para a seleção dos materiais linguísticos. Num segundo momento, apresentamos e discutimos os critérios que norteiam a análise dos dados levantados.

2.1. Composição dos *corpora*

A seleção dos *corpora* para compor uma pesquisa diacrônica nem sempre é uma tarefa fácil, pois, além da dificuldade de se encontrarem textos representativos de sincronias pretéritas, há também a dificuldade de se obterem gêneros textuais/discursivos que propiciem a indicação segura da manifestação efetiva de um dado fenômeno linguístico na sua totalidade. Sendo assim, torna-se mais prudente considerar, na medida do possível, certa diversidade de gêneros, a fim de conseguirmos “fotografar” a língua em diferentes momentos de sua evolução.

Além da necessidade de selecionar gêneros adequados para a investigação diacrônica, Berlinck *et al* (2008) apontam que precisamos avaliar os dados apresentados pela língua, considerando sempre as perguntas inerentes à perspectiva teórica adotada no trabalho.

A fim de uma melhor caracterização da mudança que envolve os predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* no PB, consideramos, nesta pesquisa, que a natureza de nosso objeto de estudo justifica a seleção diversificada de gêneros discursivos/textuais, uma vez que esses predicados apresentam usos que vão desde os usos lexicais plenos encontrados, preferencialmente, em narrativas, até os usos mais gramaticalizados ou lexicalizados típicos de textos mais argumentativos.

Quanto ao recorte temporal, selecionamos os séculos em que há textos escritos por autores brasileiros natos ou por autores nativos de língua portuguesa que, embora sejam estrangeiros, viveram por longo tempo no Brasil, assumindo em seus textos características do PB, conforme descreveremos na seção 2.1.2. adiante. Optamos por trabalhar com toda as sincronias do PB para que possamos acompanhar o desenvolvimento dos itens estudados durante os séculos.

Nas próximas subseções, discutimos brevemente a história do PB, para que possamos definir a partir de qual século podemos considerar a identificação de um “português brasileiro”. Feito isso, trataremos da seleção dos textos que compõem o nosso *corpus*.

2.1.1. Delimitando o português brasileiro

Os escritos em PB são encontrados, segundo Mattos e Silva (2004), a partir de meados do século XVIII. Anteriormente a esse período, o Brasil era caracterizado por um multilinguismo generalizado, uma vez que havia um enorme contato do português dos colonizadores com línguas indígenas e africanas.

Teyssier (2001) descreve como era durante o período colonial o convívio do português com as línguas africanas e indígenas:

os colonos de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígenas, africanas ou mestiças aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português, existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, tornado uma língua comum. (TEYSSIER, 2001, p.91)

Podemos dizer, baseados em Mattos e Silva (2004), que diversos fatores da história externa permitiram a consolidação do português no Brasil e, conseqüentemente, o aumento da produção intelectual escrita em português do Brasil. Entre os fatores levantados pela autora e também por Teyssier (2001) estão:

- i) a definição de uma política linguística e cultural para o Brasil, por intermédio do Marquês de Pombal em 1757, passando o português a ser a língua oficial da colônia;
- ii) diminuição da população indígena e africana e aumento da população miscigenada de mulatos e brancos brasileiros;
- iii) chegada da família Real ao Brasil e fixação do Rio de Janeiro como capital do país, fator muito importante para o aumento da produção cultural do país;
- iv) independência do Brasil em 1822, a partir da qual decorre um período de valorização do Brasil, a fim de romper os laços com os colonizadores portugueses.

Como aponta Lima (2003), além da independência política de 1822, o Brasil precisava passar por outras independências, a fim de desvincular a produção cultural brasileira da metrópole portuguesa. Neste período, intenso foi o trabalho no campo da literatura, valendo-se da oralidade do PB para afirmar as distinções. Contrários a essa independência cultural do Brasil, alguns escritores portugueses defendiam que o que define a literatura era a língua, e não a terra; portanto a literatura produzida no Brasil era, para os portugueses, literatura portuguesa. Esta visão portuguesa é muito criticada por escritores e historiadores da época, entre os quais, Sousa e Silva (1855), que afirma:

ao menos cá de mim para mim tenho, que quando disser língua portuguesa, entenderão por tal o idioma de que usa na velha metrópole, e quando disser língua brasileira, tomarão por tal a que falamos, que é quase aquela mesma, mas com muitas mudanças.

Como evidências de sua afirmação em terras brasileiras, o PB passa por mudanças linguísticas significativas que, segundo Tarallo (1993), ocorreram a partir do século XVIII.

Martins (1988) acrescenta a esta constatação o fato de que, embora a distinção PB e PE possa ser notada a partir do século XVIII, é a partir do século XIX que ela se acentua.

Mattos e Silva (2004) defende que uma gramática brasileira começou a se definir antes da passagem do século XIX para o século XX, considerando os falantes que adquiriram a língua em situações de oralidade e tinham como contexto familiar falantes de outras línguas, como as indígenas e as africanas.

Diante destas constatações, podemos concluir que a gramática do PB se define a partir do século XVIII. A partir disso, o recuo temporal para a investigação diacrônica dessa pesquisa inicia-se no século XVIII e estende-se aos séculos seguintes do período moderno, chegando ao século XXI.

2.1.2. *Corpora* do trabalho

O material selecionado para composição dos *corpora* da pesquisa consiste de fontes históricas do PB, datadas do século XVIII e XIX, complementadas por dados de fala e de escrita dos séculos XX e XXI. Como optamos por incluir a modalidade falada nas duas últimas sincronias, selecionamos, para as sincronias anteriores, textos escritos que mais se aproximem das características dos inquéritos de fala do NURC-RJ¹ do século XX e dos inquéritos do banco de dados IBORUNA do século XXI, uma vez que nos séculos mais remotos não há acesso a amostras de fala. Devido ao fato de o NURC reunir amostras de fala de falantes cultos, selecionamos, para compor as sincronias do século XVIII e XIX, cartas oficiais, em que é claro o monitoramento no uso da norma padrão. Como gêneros textuais mais aproximados das amostras de fala do banco de dados IBORUNA, selecionamos cartas pessoais e peças teatrais populares², pois consideramos que aquelas, por terem cunho pessoal, tendem a ter uma preocupação menor com a norma padrão, aproximando, nesse ponto, do

¹Escolhemos o NURC-RJ devido à facilidade de acesso às amostras (disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/>)

² Escolhemos peças teatrais de diferentes autores, a fim de observarmos usos variados da linguagem coloquial.

gênero falado, e estas, por conterem registros da fala de personagens, aproximam-se de situações reais de interlocução, podendo recuperar, assim, algumas características da fala de séculos passados. Composto ainda a sincronia do século XXI, recorreremos a cartas de leitores do jornal *Folha de São Paulo*, coletadas no período de 2001 a 2011, uma vez que o gênero opinativo tipificado nessas cartas se assemelha ao relato de opinião do banco de dados IBORUNA.

As peças teatrais selecionadas pertencem a diferentes autores que as escrevem empregando linguagem coloquial e retratando o pensamento do povo do século XIX e meados do XX. Martins Pena, cujas peças selecionadas são *As desgraças de uma criança* (1845) e *O juiz de paz na roça* (1838), é classificado por Bosi (1994) como um dramaturgo que explora a língua coloquial brasileira tal como ela era em meados do século XIX. De França Júnior, selecionamos as peças *Caiu o Ministério!* (1883) e *Como se fazia um deputado* (1882); esse autor tem o tema *política* como fio condutor para apresentar e satirizar a sociedade do século XIX presa a costumes vindos do estrangeiro. Dias Gomes, segundo Bosi (1994), apresenta, em suas peças, características que ressaltam a riqueza da cultura popular; desse autor selecionamos as peças *O pagador de promesas* (1959) e *O santo inquérito* (1966).

Os bancos de dados de onde provêm as fontes para a composição do *corpus* diacrônico são variados: (i) Banco Informatizado de Textos do Projeto “Para a História do Português” (BIT-PROHPOR), organizado pelos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, (ii) Banco de textos *Sandro Polloni*, do Projeto “Para uma História do Português do Brasil”, pertencente à Biblioteca Central da Universidade Federal de Uberlândia, (iii) Banco Lexicográfico da UNESP-Araraquara, e (iv) Córpus Histórico do Português Anotado *Tycho Brahe*, sob responsabilidade dos pesquisadores Charlotte Galves e Pablo Faria.

Os inquéritos do NURC-Rio de Janeiro integram a base de dados pertencente ao projeto maior NURC-Brasil, que realizou entrevistas sociolinguísticas em cinco capitais brasileiras – São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife. As amostras

referentes à cidade do Rio de Janeiro foram coletadas nas décadas de 1970 e de 1990. Essas amostras compreendem três estilos de fala: elocuições formais (EF), em que há gravações de aulas, palestras, conferências etc; diálogos entre informante e documentador (DID) envolvendo temas variados; diálogos entre dois informantes (D2), versando sobre temas variados, previamente dados, conduzidos por um documentador. No nosso trabalho, utilizaremos apenas os inquéritos do tipo DID, uma vez que este tipo é o que mais se aproxima das características dos textos do banco de dados IBORUNA, utilizado como *corpus* de língua falada do século XXI.

O banco de dados IBORUNA, constituído de amostras de fala de informantes de São José do Rio Preto e de seis cidades circunvizinhas (Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol e Onda Verde), é composto de dois tipos diferentes de amostra: uma de interação dialógica, formada por diálogos gravados secretamente em contextos de interação social livre (AI), e outra do censo linguístico da região (AC), com o controle de variáveis sociais (sexo/gênero, idade e escolaridade). Para nosso trabalho, utilizamos somente as 151 amostras de fala de AC, cada uma delas composta de cinco tipos de textos orais: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de descrição (DE), relato de procedimento (RP) e relato de opinião (RO)³, tratados aqui como pertencentes ao gênero *entrevista*. Cada tipo de texto tem características sociais e historicamente definidas, e a forma de conduzir a entrevista em cada tipo de texto nos permitirá levantar certas características da entrevista nos textos, por exemplo: em *narrativas de experiência pessoal*, há a predominância de predicados de acontecimento, verbos no pretérito, advérbios de tempo, sequenciadores, pronomes de primeira pessoa, entre outros; em *narrativas recontadas*, também há os elementos linguísticos presentes nas narrativas de experiência pessoal, mas, diferentemente destas, naquelas pronomes de terceira pessoa são muito mais abundantes; a *descrição* é marcada pelo predomínio de verbos de estado e de adjetivos; no *relato de procedimento*,

³ Trataremos como tipos de textos, pois, segundo Marcuschi (2008), estes textos são muito mais relacionados com questões linguísticas e estruturais do que com aspectos comunicativos e funcionais.

predominam verbos no imperativo, sequenciadores, juntivos aditivos; no *relato de opinião*, há a predominância de verbos de opinião, como *achar*, *pensar*, *crer*, juntivos adversativos, conclusivos, etc

No quadro abaixo, resumimos as informações acima, referentes aos *corpora*⁴ e aos gêneros textuais que os compõem.

gênero Textual \ século	XVIII	XIX	XX	XXI
Cartas Pessoais	Cartas Particulares (18CP)		Cartas de Monteiro Lobato (20ML);	
Cartas Oficiais	Cartas Baianas Setecentistas (18CBS)	Cartas Brasileiras Cultas (19CBC)		
Textos Opinativos				Editoriais e cartas dos leitores do jornal <i>Folha de São Paulo</i> (21FSP)
Peças Teatrais		<i>As desgraças de uma criança</i> , de Martins Pena (19MP-DDC); <i>O Juiz de Paz na Roça</i> , de Martins Pena (19MP-JPR); <i>Caiu o ministério</i> , de França Junior (19FJ-CM); <i>Como se fazia um deputado</i> , de França Junior (19FJ-CFD)	<i>O pagador de promessas</i> , de Dias Gomes (20DG-PP); <i>O santo inquérito</i> , de Dias Gomes (20DG-SI)	
Entrevista			NURC-RJ (20NURC-RJ-DID)	IBORUNA (21AC-número do inquérito – tipo de texto – linha de ocorrência)

Quadro 17: Constituição dos *corpora*

⁴ Junto ao texto, apresentamos as abreviaturas que serão utilizadas na identificação das ocorrências.

2.2 Critérios de análise

Nesta pesquisa, o nosso foco não é verificar o *token* de um determinado *type*, mas, sim, quais os diferentes *types* encontrados no nosso *corpus*.

A opção por não controlar a frequência está relacionada com o perfil de mudança linguística dos itens estudados, pois o que podemos observar é que eles não apresentam apenas uma rota de mudança, em que um uso surge do outro, e também todos os usos coexistem num mesmo recorte temporal. Em trabalhos como de Travaglia (2002; 2004; 2005), em que a frequência de *acabar* e *começar* é controlada, pode-se constatar que o fator frequência não permitiu comprovar a afirmação clássica de Bybee (2003) de que itens mais gramaticalizados são altamente frequentes, se comparados com itens lexicais.

A fim de distinguirmos os diferentes *types* encontrados para cada predicado, selecionamos sete critérios que nos permitirão analisar o comportamento morfossintático, semântico e pragmático das construções em que eles ocorrem.

I- Valor semântico do verbo

Para cada predicado estudado, consideraremos os diferentes valores semânticos encontrados em nossos *corpora*, a fim de comprovarmos se os diferentes usos caracterizam diferentes estágios de mudança dos predicados e, conforme afirma Lobato (1975), se o aumento da gramaticalização ocasiona uma completa perda do sentido concreto do verbo.

Os valores semânticos dos verbos são os seguintes:

- a. término de uma ação (*acabar* como verbo pleno; [*acabar* de + infinitivo])
- b. tornar-se (*acabar* como semi-cópula)
- c. destruir ([*acabar com*])
- d. passado recente ([*acabar de* + infinitivo])
- e. resultado final de uma ação expressa pelo verbo principal ([*acabar* + *gerúndio*]; [*acabar por* + infinitivo])

- f. introdutor de argumento decisivo ([*acaba/acabou que* + *oração*])
- g. passar a ser realidade (*acontecer* como verbo pleno; [*aconteceu que* + *oração*])
- h. contra-argumentativo ([*acontece que* + *oração*])
- i. início de uma ação (*começar* como verbo pleno)
- j. primeiro acontecimento de uma série ([*começar com*]; [*começar* + *gerúndio*])
- k. estágio inicial de uma ação ([*começar a* + *infinitivo*])
- l. introdutor do primeiro argumento ([*começando que* + *oração*] ; [*começa*])

O significado do verbo também influencia o tipo de complemento encaixado pelo predicado, como apontam Dik (1980), Hengeveld e Mackenzie (2008), Gonçalves *et al.* (2008). Para um único exemplo da implementação desse critério, considere a ocorrência (09), em que a semântica de *começar* influencia a escolha do que será encaixado.

- (09) O senhor podia **começar a falar** de seus filhos, fisicamente, pra nós, a aparência deles.
(20NURC-RIO – DID-0270)

O predicado *começar*, por apresentar um valor semântico de início de uma atividade, só pode se combinar com verbos que permitem distinguir fases da execução, como em (09), em que *falar* é verbo de atividade que permite ter reconhecidas suas fases de desenvolvimento.

II- Estatuto semântico da construção encaixada

Diferentemente do critério I que foca no predicado, este critério é destinado à análise do estatuto semântico da estrutura encaixada no verbo. Valendo-nos dos pressupostos da GDF, analisaremos quais as unidades semântico-funcionais selecionadas pelos predicados, levando em consideração as unidades do Nível Representacional e Interpessoal.

Por meio desse critério, poderemos constatar se o aumento de gramaticalidade do predicado proporciona um desenvolvimento dentro das camadas no sentido do NR para o NI ou de camadas mais baixas para mais altas de um mesmo nível.

De acordo com a GDF, as unidades semântico-funcionais possíveis de serem representadas pelas estruturas encaixadas em predicados são as seguintes:

a) Indivíduo

- (10) Inf.: eh meu sobrinho ele gostava de tomá(r) umas né? [Doc.: ah ((risos))] ele tava andan(d)o... passean(d)o na... cidade e bateu o carro num poste... **(a)cabô(u) c'o** carro se machucô(u) tu::do (21AC-095 – NR – 1.50)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: acabou com (f_j)) (x_i: ele)_A (x_j: o carro (x_j))_U] (f_i)] (e_i))

b) Estado-de-Coisas

- (11) SÓ agora, apesar de chegada no dia 7 , tenho paz e ocasião de **começar a escrever** aos amigos. (20ML)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começar (f_j) (x_i) (e_j: escrever aos amigos (e_j))] (f_i)](e_i))

c) Episódio

- (12) Eu tive uma experiência interessante. Eu, eh, eu, durante o, a minha infância, eu fui assim um, tinha uma certa ingenuidade, que, aliás, em toda a minha vida eu, eu sempre mantive uma, alguma coisa assim, eh, vamos dizer, criança em adultos, né? Então, eh, houve, eu sempre fui muito inconvençional e ha... havia na, na ... Aliás, **aconteceu que** um grupo que ia fazer propaganda de Toddy, ele pediu à diretora pra reunir a escola, porque ele, eh, ia fazer a apresentação pelo Toddy, etc. distribuir propaganda, folhetos, latinhas, etc. e eu tinha tido uma experiência anterior já de provar Toddy e não dei muito bem com o Toddy não, n'e? (20NURC-RIO – DID-0132)

NR: (f_i: [(f_j: aconteceu (f_j)) (ep_i: (e_i: um grupo ia fazer a propaganda de Toddy (e_i) (e_j: ele pediu à diretora pra reunir a escola, porque ele, eh, ia fazer a apresentação pelo Toddy, etc. Distribuir propaganda, folhetos, latinhas, etc. (e_j) (e_k: eu tinha tido uma experiência anterior já de provar Toddy e não dei muito bem com o Toddy não, n'e? (e_k)) (ep_i))_U] (f_i))

d) Ato discursivo

- (13) Doc.: que que ela te conta sobre/ que que ela te conta sobre a madrasta dela?

Inf.: a madrasta dela tam(b)ém tem três filhas... só que uma agora mudô(u) se casô::(u) então só tem duas... e uma é adotada... que é gêmea com a que casô(u) e a o(u)tra não... é legítima... e o pai dela... tem três... que é ela e mais duas... só que lá na CAsa ela diz que ela sofre MUItto... porque as duas filhas da madrasta num precisa fazê(r) nada... lavá(r) cozinhá(r) passá(r) fazê(r) faxina num precisa fazê(r) nada... é só ela e a irmã dela... as duas irmã... então sempre tem que lavá(r) lo::(u)ça fazê(r) almo::ço fazê(r) faxina na casa inte::(i)ra enquanto a madrasta tá lá deitada no sofá::... de noite SAI c' o pai de::la... e a madrasta sempre compra um monte de coisa que o pai dela tem que pagá(r)... e aí **acaba que** ela num ganha uma blu::sa num ganha uma cal::ça num ganha nada do pai... e isso ela fica muito chateada (21AC-024 – NR – 1.175)

NI: (M_I: [(A_I) (A_J ela num ganha uma blu::sa num ganha uma cal::ça num ganha nada do pai... e isso ela fica muito chateada): *acaba que* (A_J)] (M_I))

III- Material interviente entre o verbo auxiliar e o principal

Para as construções em que os predicados estudados compõem uma estrutura do tipo [VI + V2], verificaremos se ocorre material interveniente entre os dois verbos e qual tipo de item linguístico tende a ocorrer. O controle desse parâmetro deve-se à hipótese, segundo Lobato (1975) e Longo e Campos (2002), de que as perífrases formam um grupo verbal indissociável, mas, em estágio de fixação do grupo [VI + V2], é possível a ocorrência de material entre os verbos formadores do grupo. Segundo tal hipótese, a ocorrência de material entre os dois verbos caracterizaria um grau de gramaticalidade baixo da perífrase. Vejamos a ocorrência (14).

- (14) Teresópolis eu, eu trabalhava em Teresópolis e morava num hotel. Agora desse hotel depois eu aluguei um apartamento, que éramos três rapazes, né? Então nós já estávamos vendo que as despesas do hotel estavam grandes, nós três resolvemos alugar um apartamento, contratamos lá uma cozinheira pra nós, né, fizemos uma sociedade, compramos lá um armário pra guardar nossas coisas, né? Foi lá que começamos nosso trabalho, trabalhamos pro seu Joaquim Rola que era o dono do hotel Quitandinha e tinha uma companhia, uma série de, de terrenos em Teresópolis que estava loteando naquela época para vender, né, e nós **começamos então a trabalhar**. (20NURC-RIO – DID-0153)

A inserção da conjunção conclusiva *então* na construção perífrástica *começamos a trabalhar* mostra que a perífrase ainda não atingiu o estágio de inseparabilidade, não podendo ser considerada, portanto, uma construção perifrástica prototípica.

- (15) “ah o dólar subiu ah a bolsa (a)ba(i)xô(u)” – num sei... parece que no o(u)tro dia quando cê sai pra trabalhá(r) cê já sai meio que com aquilo na cabeça né? ah:: então... ((conversas ao fundo)) ih/ sei lá viu... **(a)caba até meio que prejudican(d)o** então eu num... num... vô(u) muito atrás de política não (21AC-075 – RO – 1.318)

Em (15), verifica-se que a construção *acabar + gerúndio* permite inserção de uma locução conjuntiva composta de três palavras, proporcionando um afastamento maior entre o primeiro verbo do segundo.

Verificaremos, nas nossas análises, como a extensão do material interveniente interfere no grau de gramaticalização da construção $[VI + V2]$, considerando que quanto maior for a quantidade de palavras, menor a possibilidade de a construção ser interpretada como uma perífrase. Assim, esse parâmetro de análise se implementa pela verificação das seguintes propriedades:

- a. natureza do material: neste parâmetro, consideramos qual a função sintático-semântica do material interveniente dentro da oração.
- b. extensão do material: a extensão é mensurada por quantidade de palavras. Consideramos material interveniente composto de 1 a 2 palavras como pequena extensão e 3 palavras ou mais como grande extensão.

IV- Incidência de negação e circunstante temporal

Assim como o critério anterior, este critério também será aplicado nos casos de construções do tipo $[VI + V2]$. A incidência de circunstante de tempo e de negação será analisada conjuntamente e será considerada tanto a ocorrência precedente ao grupo verbal como interna a ele.

Baseados em Lobato (1975), verificaremos se a incidência apenas sobre parte da construção caracteriza um estágio mais inicial de formação de uma construção perifrástica do tipo $[V_{AUX} + V_{PRINCIPAL}]$. Vejamos as ocorrências abaixo:

- (16) BEATRIZ – O Senhor Raul **acaba** agora mesmo **de pedir-me** a mão. (19FJ-CM: 39)

Na ocorrência acima, datada do século XIX, a circunstância temporal *agora mesmo* ocorre no interior da construção *acabar de pedir-me*. Neste contexto, *acabar de* marca passado recente da ação, e a expressão temporal *agora mesmo* reforça essa ideia, incidindo o tempo recente sobre toda a construção. Abaixo, segue um exemplo de escopo da negação.

- (17) E os thril de todo o dia? O Graf Zeppelin, que passou bem em cima da nossa Broadway, alumiado como o nosso bule de prata quando a Purezinha o esfrega com gesso? Todos os dias novidades. Mas a gente adapta-se depressa e **acaba não ligando** a mais nada. (20ML)

O advérbio de negação, em (17), ocorre no interior da construção *acaba ligando* e cria um hiato entre os dois verbos da construção. Diferentemente do advérbio temporal, em (17), a negação não incide sobre toda a construção, mas apenas sobre o estado-de-coisas especificado por *ligar a mais nada*, ou seja, o último estado-de-coisas de uma sucessão. Prova disso é que o uso da negação anteposta à construção causa inconsistência semântica, como pode ser visto na reprodução do exemplo abaixo:

- (18) Mas a gente adapta-se depressa e não **acaba ligando** a mais nada. (20ML)

A incidência de negação e circunstância temporal nos permitirá avaliar o estágio de mudança em que determinada construção se encontra. Construções que permitem a incidência apenas em parte do grupo verbal, como em (17), se mostram em um estágio apenas inicial de mudança, se comparadas àquelas que só permitem a incidência no grupo como um todo.

V- Identidade de sujeitos

No caso das construções [VI + V2], esse critério nos permite verificar se os dois verbos compartilham o mesmo sujeito. Segundo Lobato (1975) e Longo (1990), para um grupo verbal ser considerado perifrástico, é necessário que seus verbos tenham apenas um sujeito, podendo ser simples ou composto. Sendo assim um possível desmembramento deste grupo em dois núcleos de orações significaria que não se trata de um caso de auxiliaridade. Nas ocorrências (19) e (20), mostramos, apenas para exemplificar, como se dá a identidade de sujeitos em construções com o verbo *acabar* e com o verbo *deixar*, embora este último não seja objeto de nossas análises.

- (19) **Acabo de receber** carta do Capitam Mór | do Rio das Contas, edo Juis-ordinário da | mesma Villa a remeça do grande [Faci-] | [norozo] Joaquim José de Souza, prezo em | Virtude das ordens deVossa Excelencia, e das | acertadas Providencias, que deixou n'a | quela Villa o Capitam Alexandre | Theotonio, a quem Vossa Excelencia remeteo | esta recomendada diligencia (18CBS – 24/10/1786)
- (20) Tu pega o ovo. É...quebra ele, quebra casca dele, coloco a parte de dentro na-na panela. Ai depois quando... ai **deixa fritar**, depois vai visando ele. (TRAVAGLIA, 2002, p. 54)

Em (19), a construção *acabo de receber* compartilha o mesmo sujeito *eu*. Prova disso é o fato de *acabar* apresentar marcação morfológica de primeira pessoa do singular e *receber* tomar como referência o sujeito já estabelecido por *acabar*. Já, em construções com o predicado *deixar* com valor de permissão junto a um verbo no infinitivo, Travaglia (2002) constata que há a possibilidade de ocorrência de dois sujeitos, como podemos ver em (20), em que o sujeito de *deixar* é quem pratica a ação de fritar, e o sujeito de *fritar* é o ovo.

Diante deste critério, constatamos que construções como em (19) apresentam comportamento perifrástico, diferentemente das construções como em (20).

No caso das construções [V + oração], não aplicaremos esse critério, pois as orações encaixadas nos verbos funcionam como sujeito do verbo e o verbo dentro da oração terá um

outro sujeito. Sendo assim, em todos os exemplos de [V + *oração*], não haverá correferencialidade de sujeitos. A ocorrência (21) abaixo nos permite observar a impossibilidade de verificar a correferencialidade do sujeito nesses casos.

- (21) Inf.: bom eu quero contá(r) sobre um assalto então isso daí uma que marcô(u) bastante cara... a gente tem uma mercearia... e nós trabalhamos o dia inte::(i)ro eu e meu pai... e na hora de fechá(r)... **aconteceu d'um::** d'um rapaz entrá(r) e... falá(r) que era um assalto c'uma arma... calibre vinte e dois cara... (21-AC-107 – NE – 1.6)

Nessa ocorrência de *acontecer de + oração infinitiva*, o sujeito de *acontecer* é as duas orações infinitivas que se encaixam no verbo (um rapaz entrá(r) e... falá(r) que era um assalto c'uma arma... calibre vinte e dois cara), e o sujeito de *entrar e falar* é *um rapaz*.

VI- Correlação modo-temporal

Este critério, destinado às ocorrências do uso [V + *que + oração encaixada*], verificará todas as correlações modo-temporais entre o V e a oração encaixada, a fim de observarmos quais correlações ocorrem.

VII – Gênero Textual

Como discutido na subseção 2.1.2 deste capítulo, reconhecemos a importância de controlarmos os gêneros, a fim de analisarmos se há especialização de um determinado uso em um determinado gênero. Hopper (1991) constata que há uma possível correlação entre mudança linguística e contexto de uso. Travaglia (2005), num estudo a respeito da gramaticalização de verbos, também afirma que há uma relação entre o processo de mudança dos verbos e tipo de textos em que esses são usados.

Os gêneros considerados nesta pesquisa são os expostos na subseção 2.1.2 juntamente dos textos selecionados para compor o *corpus*, mas seguem aqui repetidos:

- a) cartas pessoais;

- b) cartas oficiais;
- c) textos opinativos;
- d) peças teatrais;
- d) entrevistas⁵.

Os critérios I, II e VII serão aplicados a todos os types, já os critérios de III a V serão considerados, apenas, nos usos em que os predicados estudados apresentam comportamento semelhante ao de verbos auxiliares, na composição de perífrases verbais do tipo [$V1_{AUX} + V2_{PRINCIPAL}$], para que possamos verificar se eles já atingiram o estatuto de auxiliar ou não. O critério VI será aplicado aos usos dos predicados estudados em construções do tipo [$V + que + oração$], a fim de relacionarmos quais são as possíveis correlações modo-temporais existentes.

⁵ No gênero *entrevista*, há cinco diferentes tipos de textos, a saber: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição, relato de procedimento e relato de opinião.

CAPÍTULO III

OS PREDICADOS ACABAR, ACONTECER E COMEÇAR NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo é dedicado às análises dos predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* na história do português brasileiro, levando em consideração os critérios apresentados e discutidos no capítulo anterior. As análises desses predicados procuram oferecer uma visão do processo de mudança por qual cada um deles passa, a partir de pressupostos da lexicalização e da gramaticalização, interpretados dentro do modelo de descrição gramatical da GDF, com o intuito de comprovar possíveis relações entre esses dois processos de mudança linguística e as camadas dos níveis representacional e interpessoal da arquitetura do modelo gramatical.

3.1. Os processos de mudança linguística dos predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional

A partir de uma análise das ocorrências encontradas em nossos *corpora*, observamos que *acabar*, *acontecer* e *começar* já apresentam desde século XVIII usos semelhantes aos do PB contemporâneo, mas com algumas diferenças sintáticas que serão discutidas no decorrer da análise de cada item.

As análises serão organizadas em duas partes. Numa primeira parte, trataremos da multifuncionalidade dos verbos, verificando fatores linguísticos que possivelmente expliquem o processo de mudança e o comportamento sintático, semântico e pragmático desses itens nas diferentes sincronias, para, na segunda parte, interpretar as mudanças verificadas na sua interface com a GDF.

3.1.1. Acabar

O predicado *acabar*, segundo Machado (1952), advém da forma latina pressuposta *accapare*, que significa “chegar ao fim”¹, ou seja, na acepção de um estado-de-coisas (EsCo) que chega ao seu fim, que se conclui. Cunha (1986) considera que o uso de *acabar* no português, datado do século XIII, é uma extensão do uso das expressões “ao cabo de”, que se originou da forma latina *caput* ‘cabeça’, que significa extremidade, fim. Além desse significado-fonte de conclusão de um EsCo, esse predicado passou a ser usado em diferentes construções com significados distintos que serão apresentados no decorrer da nossa análise

Travaglia (2002) apresenta diferentes nuances de *acabar* com valor lexical. Segundo ele, com este valor, *acabar* pode ter até 14 significados, a saber: i) chegar ao fim; ii) extinguir ou fechar; iii) terminar-se; iv) pôr fim; v) romper alguma relação amorosa; vi) destruir/matar; vii) consumir até o final; viii) concluir; ix) envelhecer; x) falecer; xi) aperfeiçoar; xii) chegar ao ponto final; xiii) última ação de uma série; xiv) fim de um período de tempo.

Como podemos observar, com exceção de (xiii), todos os demais significados têm um traço semântico comum que é “algo chegar ao fim”. Esse traço semântico, como explicamos acima, é o que se encontra como significado-fonte e que está presente nos usos de verbo pleno. Sendo assim, em nosso trabalho, não faremos uma diferenciação minuciosa como o faz Travaglia (2002), pois julgamos que essas nuances podem ser reunidas sob o rótulo de “verbo pleno com significado-fonte de fim de um estado de coisas” com as devidas explicações de acordo com o contexto de uso. O significado apresentado em (xiii), que, segundo Travaglia (2002), é realizado pela construção [*acabar por* + *infinitivo*] e [*acabar* + *gerúndio*], será explorado por nós em momento apropriado.

¹ Silva (2001), num posicionamento diferente, afirma que *acabar* teria se originado da forma francesa *achever* que, por sua vez, veio da forma latina *accapare*.

3.1.1.1. A multifuncionalidade de *acabar*

Em nossos *corpora* encontramos sete diferentes padrões de uso de *acabar*, sendo: i) *acabar* verbo pleno; ii) construção com *acabar* como semi-cópula; iii) construção [*acabar com*]; iv) construção [*acabar de + infinitivo*]; v) construções [*acabar por + infinitivo*] e [*acabar + gerúndio*]; vi) construção [*acaba/acabou que + oração*]².

As construções [*acabar por + infinitivo*] e [*acabar + gerúndio*] serão analisadas dentro de um mesmo padrão por apresentarem semelhanças sintático-semânticas.

I) *acabar* como verbo pleno

Acabar como verbo pleno ocorre com duas estruturas argumentais diferentes: [SN + *acabar* + SN] e [SN + *acabar*]. Segundo Borba (1990), a primeira estrutura indica ação-processo, em que há um sujeito-agente e um complemento expresso por um substantivo abstrato. Essa ação realizada pelo referente do sujeito-agente pode resultar no término do processo que vem sendo realizado. O predicado *acabar*, na segunda estrutura, apresenta um valor semântico semelhante ao da forma advinda do latim – *accipere* – que significa “chegar ao fim”, e o referente do SN selecionado por ele é alvo da ação de término. Nas ocorrências (22) e (23), temos ocorrências das duas estruturas descritas.

(22) Eles só num **acabaram** esse jogo rápido (21AC-015 – RP – 1.767)

Nesta ocorrência, *acabar* seleciona *eles*, que desencadeia a ação de término e *esse jogo*, alvo dessa ação, como complementos. Como nessa estrutura argumental há, sempre, um sujeito-agente, teremos nesse *slot* sempre uma entidade do tipo indivíduo e, no *slot* de argumento interno, teremos sempre uma entidade do tipo EsCo.

² O uso do termo “construção”, aqui e nos demais itens investigados, assume uma conotação independentemente de qualquer emprego teórico do termo, como por exemplo, o utilizado dentro de uma Gramática de Construções (GOLDBERG, 2006). Serve, portanto, apenas para diferenciar ocorrências livres do verbo de ocorrências em que ele figura numa sequência fixa de palavras. No padrão (vi), o verbo está flexionado porque é uma construção cristalizada nessa flexão.

Diferentemente da estrutura argumental de (22), em (23), *acabar* seleciona um sujeito-paciente, como podemos ver a seguir.

- (23) Bom, aí eu passo em mercado, cooperativas, teve uma época até que eu fazia na Cooperativa da Aeronáutica aqui em Manguinhos, que era o caminho pra eu vim (sic) aqui para a Ilha, que eu dava aula aos sábados um pouco mais tarde, às dez horas, então eu acordava mais cedo e passava lá, fazia minhas compras. Atualmente, **acabou** essa cooperativa, então tenho feito no supermercado mesmo, em outras lojas, mas não gosto da Casa da Banha, não gosto dos empregados, não gosto da maneira deles apresentarem as coisas e inclusive tenho queixas contra a, a passagem na caixa. (20NURC-RIO – DID – 0253)

O sujeito selecionado *essa cooperativa* é alvo da ação de chegar ao fim. Considerando as categorias semânticas da GDF, observamos que esse sujeito pode ser expresso tanto por um indivíduo como por um EsCo, como temos na ocorrência abaixo:

- (24) MANUEL - Não sei se ela dava esperanças, mas posso assegurar-lhe que eu me dava aos diabos.
MADALENA - E como **acabou-se** o casamento? (19MP-DDC:5)

Na ocorrência acima, o EsCo *o casamento* ocupa o *slot* de sujeito e sobre ele recai a ação de chegar ao fim.

Acabar, nesse padrão de uso, mantém suas características de verbo pleno como a definição de uma rede argumental. Quanto ao valor semântico, comprovamos que *acabar* mantém o significado-fonte de “chegar ao fim”, e esse significado faz com que os argumentos selecionados pelo verbo sejam indivíduos ou EsCos que permitem a existência de uma fase final, de conclusão.

Como verbo pleno, *acabar* não apresenta restrições, quanto a gênero textual, podendo ser encontrado em todos os gêneros selecionados para compor os *corpora*. O seu valor semântico de término, como vimos, é próximo do significado da forma latina que deu origem a esse verbo, o que nos faz considerá-lo como a fonte do desenvolvimento dos demais padrões que são descritos abaixo.

II) *acabar* como semi-cópula

Esse padrão de uso de *acabar* não é considerado pelas gramáticas tradicionais nem pelas descritivas. Foi descrito por Travaglia (2002, 2004) como verbo de ligação. Assim como Travaglia, encontramos também poucas ocorrências em nossos *corpora*, o que faz pressupor que seja por esse motivo que esse *type* ainda não seja considerado pelos gramáticos.

Embora reconheçamos que esse padrão de uso tenha um comportamento semelhante a um verbo copular, recorreremos à classificação de Hengeveld (1992), que, ao analisar a predicação não-verbal, diferencia verbos considerados tradicionalmente como copulares em três grupos: *copular*, *semi-copular* ou *pseudo-copular*. Como vimos no capítulo I, os copulares são os verbos que não contribuem para o significado da sentença e apresentam uma função de suporte; os semi-copulares compartilham muitas características com os verbos copulares, mas, diferentemente deles, colaboram para o significado da sentença a qual pertencem, não podendo, portanto, serem retirados sem que haja alteração no significado; os pseudo-copulares, embora aparentem ser uma (semi)-cópula, ocorrem nas seguintes situações: i) com um complemento reduzido; ii) com um adjunto predicativo; iii) com um argumento predicativo; iv) quando há um argumento não-verbal que funciona como *dicendi*. A partir das ocorrências encontradas em nossos *corpora* e apresentadas a seguir, discutiremos qual classificação melhor se encaixa neste tipo de construção³:

(25) O gênero é xifópago, porque começa realista e **acaba fantástico**. (20ML)

(26) De acordo com a polícia, Philip Jonathan Thompson chamou vários amigos para comemorar o "St. Patrick Day" em sua casa, no dia 17 de março. Antes, porém, instalou uma câmera no banheiro para filmar os convidados.
O dispositivo **acabou descoberto** quando um homem usava o banheiro. Ele notou algo

³ Em nossos *corpora*, encontramos apenas ocorrências com sintagma adjetival. A ocorrência apresentada em (27) foi pesquisada na internet.

estranho em cesto de lixo perto do banheiro. Quando pegou para ver o que era, acabou achando a câmera escondida. (g1.globo.com)

Em (25), a estrutura *verbo + adjetivo*, similar à estrutura dos copulares relacionados pelas gramáticas como *ser*, *estar*, *permanecer* e outros, nos leva, num primeiro momento, a classificar esse uso de *acabar* como copular, mas, diferentemente dos copulares clássicos, *acabar*, nesse uso, colabora para o significado, trazendo uma leitura de conclusão para o contexto. Sendo assim, *acabar* não só estabelece uma relação entre o sujeito *gênero* e o predicativo do sujeito *fantástico*, mas também colabora para o significado final da oração.

O verbo *acabar*, em (26), faz a ligação entre o sujeito e um predicativo expresso por um particípio. Assim como em (25), *acabar*, em (26), colabora para o significado da oração, trazendo uma leitura resultativa, pois a câmera instalada no banheiro para filmar os convidados foi descoberta por um deles.

Levando em consideração a classificação de Hengeveld (1992), analisamos as ocorrências (25) e (26) como uma semi-cópula, pois, embora haja semelhança com as construções com verbos copulares, as construções [*acabar + adjetivo*] e [*acabar + particípio*] colaboram com o significado final do enunciado, não fazendo, portanto, uma simples ligação do sujeito ao predicativo. Essa característica dos verbos semi-copulares é a principal diferença deles com os verbos copulares. Como já apontamos, segundo Goosens (1990 *apud* HENGEVELD, 1992, p. 36), a contribuição da semi-cópula frequentemente é de natureza aspectual.

De acordo com Travaglia (2002), a forma de particípio junto de *acabar* pode confundir a análise, pois permite duas possibilidades de análise: i) o particípio como uma forma semelhante a um adjetivo e, com isso, exercendo uma função de predicativo junto a *acabar*; ii) o particípio como forma verbal, então, ao se juntar com *acabar*, formaria uma perífrase verbal que indica resultatividade. A nosso ver, considerar o particípio como uma

forma semelhante a um adjetivo é mais plausível, pois, como observamos em (26), o particípio estabelece relação com o sujeito *o dispositivo*, concordando em gênero e número com ele, e, por ser um particípio passado, dá ao sujeito a qualidade de ação findada, colaborando, assim, com a leitura resultativa da construção.

Como não tivemos por objetivo controlar a frequência *type* dos predicados, não podemos afirmar se há um processo de mudança linguística dentro de um contexto linguístico ou extralinguístico específico nem quando esse padrão surgiu no PB. Mas, baseados na classificação de Hengeveld (1992), levantamos a hipótese de que *acabar* como semi-cópula em conjunto com o *particípio* de um verbo ou uma forma adjetival caminha para a formação de uma construção copular, em que *acabar* funcionaria como verbo copular e o *particípio* ou o *adjetivo* como predicativo do sujeito.

III) [*acabar com*]

Neste uso do verbo *acabar* juntamente com a preposição *com*, verificamos que o sujeito dessa construção sempre apresenta a função de agente da ação e o significado de *acabar com* é de “dar cabo de”, “destruir”, “matar”, confirmando a descrição feita por Ferreira (2009) e Borba (1990). Na ocorrência (27), datada do século XIX, podemos observar o funcionamento do verbo nessa construção.

(27) DONA BÁRBARA - Pois eu se fosse homem **acabava com câmaras, com governo, com liberais, conservadores e republicanos** e reformava este país. (19FJ-CM: 8)

Na ocorrência acima, o sujeito *eu*, representado por uma mulher, mostra o desejo de “colocar fim”, “destruir” a estrutura política do país, se ela fosse homem. Sendo assim, o sujeito se posiciona como agente de uma ação que será sofrida por um paciente – câmaras, governo, liberais, conservadores e republicanos.

Ainda no século XIX, podemos verificar a ocorrência de material interviente, como é apresentado na ocorrência (28).

- (28) Pelo amor de Deos,- **acaba** de uma | vez **com** tuas meias confianças. Quan- do | teus ultimos Avisos me enchiao | de prazer supondo me aquila- tavas | bem, recebo noticia do que | escreveste a respeito da residencia | do Dr. Carvalho emBuenos Ayres. | (19CBC – carta 63)

A ocorrência de *de uma vez* entre a construção *acabar com* vem reforçar a ideia de destruição ou de “dar cabo de”. O fato de encontramos material interviente nas ocorrências da sincronia atual nos mostra que a construção ainda não está totalmente cristalizada em sua estrutura.

A fim de verificarmos se [*acabar com*] apresenta restrições de usos em relação ao gênero textual, constatamos que esse tipo de construção ocorre em todos os gêneros. Mas, com exceção do tipo de texto *relato de procedimento*, [*acabar com*] é usado quando o falante quer expressar sua opinião sobre algo que ele colocaria fim, como em (27) e (28), e, no caso do relato de procedimento, o falante expressa a ação que dá fim a algo, como pode se ver na ocorrência (29).

- (29) ganha a pessoa que **acabá(r) com** as cartas prime(i)ro... (21AC-035-RP-1.429)

Considerando a discussão feita no capítulo I sobre as estruturas lexicalizadas de *acabar*, analisamos [*acabar com*] como uma estrutura lexicalizada, pois, diferentemente do uso de *acabar*, exemplificado em (22), em que o sujeito-agente realiza uma ação que tem o seu fim esperado, o uso de [*acabar com*] apresenta um sujeito-agente que, por sua vontade, força o fim de seu paciente. Diante dessa diferença, podemos constatar que em [*acabar com*] não é apenas o verbo *acabar* que seleciona um argumento regido por uma preposição, mas sim uma construção formada pelo verbo *acabar* e a preposição *com* que dá um significado específico ao contexto em que é usado. Esse significado específico de destruição adentra o

léxico da língua como pertencente à semântica de *acabar com*. Como aponta Goldberg (2006), o sentido de uma construção não está na soma das partes, mas na relação do todo.

IV) [*acabar de + infinitivo*]

Em nossos *corpora*, verificamos que *acabar de* é usado tanto para marcar o aspecto terminativo de uma ação que vinha sendo realizada quanto para marcar o passado recente de uma ação. Alguns dicionaristas, como Houaiss e Villar (2009), consideram *acabar de* apenas como auxiliar com valor semântico de passado recente; já outros, como Borba (1990), apresentam essas duas acepções. Longo e Campos (2002) consideram *acabar de* como auxiliar aspectual e auxiliar temporal, a depender do contexto. Raposo *et al.* (2013) também consideram as duas leituras de *acabar de* e ainda acrescentam uma análise da preposição *de* que, segundo eles, nessa construção, apresenta um valor semântico de afastamento e separação, ou seja, ela marca o afastamento de uma situação que ocorria e agora tem o seu término.

Levando em consideração critérios de auxiliaridade e trabalhos sobre o assunto, verificaremos como é o comportamento de *acabar de* em nossos *corpora*.

Na ocorrência (30), *acabar de* indica a conclusão de uma ação que estava sendo desenvolvida.

- (30) **Acabei de ler** o Siegfried. É um notabilíssimo livro e duvido que haja outro melhor sobre este país. O Brasil precisava de um livro assim, para seu uso em matéria de compreensão dos Estados Unidos. Estou parafusando se serei capaz de o fazer - perdoe-me a imodéstia ou o atrevimento. (20ML)

Nesta ocorrência, pelo contexto, constatamos que a ação de ler foi concluída. Essa leitura de conclusão advém do significado de *acabar de*, mas temos que considerar que esse predicado, ao ser usado com um verbo que permite identificar fases de desenvolvimento, marca a última fase de um evento. Como vimos no capítulo I, esse tipo de ocorrência é

considerada por Longo e Campos (2002) como perífrase aspectual que indica aspecto cessativo⁴, tendo como foco o término de uma ação ou, como chamamos aqui, o término de um EsCo.

Longo e Campos (2002) entendem que *acabar de* é um verbo auxiliar de outro verbo. Já Bertucci (2011) considera este uso como perífrase que marca aspecto lexical, deixando a classificação de auxiliar, apenas, para os casos em que *acabar de* marca passado recente que, segundo ele, é aspecto gramatical.

Diante dessas duas argumentações, aplicamos os critérios de auxiliaridade selecionados no capítulo III e chegamos às seguintes análises:

i) em nossos *corpora*, não houve ocorrência de material interviente entre *acabar de* e o outro verbo da construção. Mas isso não significa que não seja possível, pois, ao procurarmos na internet, nos deparamos com seguinte uso:

- (31) **Acabei finalmente de transcrever e traduzir** a entrevista do Nuno Calado aos Psychic TV, transmitida originalmente...
(<https://twitter.com/47fulano/statuses/326885611858444288>)

O uso do advérbio de orientação discursiva *finalmente* entre os verbos, além de mostrar que há possibilidade de ocorrer material interviente, mostra também que o falante opta por usá-lo entre os verbos para reforçar a ideia de que a ação de descrever foi concluída.

ii) não há também em nossos *corpora* ocorrência precedente ou interna de negação ou circunstante temporal. Procuramos na internet alguns exemplos que nos permitem analisar este critério.

- (32) **Acabei, ontem, de ler A Morte em Veneza**, de Thomas Mann.
(<http://aterraeagente.blogspot.co.at/2013/02/a-morte-em-veneza-ontem-de-ler-morte-em.html>)

⁴ Neste trabalho, adotamos a terminologia apresentada por Castilho (1968). Sendo assim, o aspecto cessativo abordado pelas autoras seria, na terminologia de Castilho, o aspecto imperfeito terminativo.

O circunstante temporal *ontem* delimita o tempo em que a fase de término se realizou e o seu uso entre *acabar* e *de ler* nos indica que ainda é possível a ocorrência de circunstante entre V1 e V2.

Na ocorrência abaixo, apresentamos o comportamento da negação nas construções com *acabar de*.

- (33) O Brasil não **acabou de acordar**.
(<http://altamiroborges.blogspot.co.at/2013/06/o-brasil-nao-acabou-de-acordar.html>)

Em (33), o uso precedente da negação recai sobre *acabou de acordar*, mostrando que a ação de acordar ainda não chegou à sua fase final.

iii) como apontado por Lobato (1975) e Longo (1990), uma construção composta de dois verbos que compartilham o mesmo sujeito é considerada perifrástica. Em (34), verificamos como é a identidade de sujeito em ocorrências com *acabar de*.

- (34) São Paulo, 31,8,1V44 Prezado amigo: (1) C) Ainda desta vez falhou minha ida para ai. Acumulou-se neste fim de ano trabalho de mais: 12 livros novos, infantis: os "Doze Trabalhos de Hércules," que estou **acabando de fazer**, à razão de um em três dias, a tempo de apanhar o Natal. (20ML)

Em *estou acabando de fazer*, o sujeito implícito *eu* é compartilhado pelos dois verbos. Ele é o responsável por fazer os "Dozes Trabalhos de Hércules" e atua junto ao *acabar de* como sujeito gramatical, responsável por definir o morfema de número-pessoa.

A incidência da negação sobre o grupo verbal e a identidade única dos sujeitos nos levariam a defender a hipótese de que *acabar de* como marcador de aspecto terminativo é um verbo auxiliar. Mas, se considerarmos que um verbo auxiliar é um verbo que tenha passado por um processo de gramaticalização, perdendo seu sentido original e ganhando um outro

sentido no decorrer do tempo, constataremos que este não é o caso de *acabar de* aspectual, pois, como mostram as ocorrências (31) e (32), em que há material interviente entre *acabar de* e o infinitivo, *acabar de* não perde o seu sentido original de expressar o fim de um EsCo.

Além das constatações que nos levam a uma visão contrária de *acabar de* aspectual como verbo auxiliar, a partir das definições de predicado encaixador e verbo auxiliar apresentadas por Wachowicz (2007) e reunidas aqui no quadro 16 na página 74, observamos que *acabar de* aspectual reúne as características de um predicado encaixador porque:

- i) mantém uso como verbo pleno, fonte de casos de mudança linguística;
- ii) não sofre gramaticalização, pois mantém a estrutura argumental de verbo pleno;
- iii) opera sobre um determinado intervalo de tempo que, no caso, é o intervalo final;
- iv) não perde transitividade e seleciona complementos temporais ou eventivos.

Sendo assim, *acabar de* aspectual é um predicado encaixador que seleciona um EsCo como seu complemento, operando sobre o intervalo de tempo final deste EsCo.

Quanto à preposição *de* que faz a ligação entre o verbo e o complemento infinitivo, Said Ali (1966) afirma que, no português, os verbos que ainda mantêm o uso da preposição têm o seu significado semelhante ao verbo pleno sem preposição, ou seja, no caso de *acabar de* em *Eu acabei de fazer o trabalho* não haveria alteração semântica se fosse *Eu acabei o trabalho*. Raposo *et al.* (2013) reconhecem a semanticidade das preposições nas construções em que elas são usadas e, no caso de [*acabar de* + infinitivo], a preposição *de* estabelece a relação de afastamento da situação terminada. Já Oliveira *et al.* (2001) defendem a possibilidade de a preposição indicar a lexicalização do núcleo aspectual, ou seja, o acréscimo da preposição dá à construção o caráter aspectual que ela carrega.

Se considerarmos a posição defendida por Said Ali (1966), constataremos que há um único verbo *acabar*, que, quando tem um complemento no infinitivo, é usado junto da preposição *de*. Sendo assim, a diferença sintática de *acabar de* e *acabar* não traz nenhuma diferença semântica e, até mesmo, pragmática, ou seja, o falante poderia escolher se ele quer

usar um complemento no infinitivo ou não sem qualquer perda semântica. Adotando a visão de Raposo *et al.* (2013), teríamos também apenas um verbo *e*, quando usado com a preposição *de*, teríamos o significado de término advindo de *acabar* associado ao significado de afastamento da preposição *de*. Por outro lado, se considerarmos a argumentação de Oliveira *et al.* (2001), temos dois verbos, *acabar* e *acabar de*, sendo o último destinado, apenas, ao uso com caráter aspectual.

Uma explicação plausível para a diferença entre *acabar* e *acabar de* pode ser encontrada nas categorias semânticas selecionadas por cada um deles. Na ocorrência (22), reproduzida em (35), um argumento funciona como desencadeador da ação e o outro como alvo da ação de *acabar*, podendo ser realizado por indivíduo (x) ou um EsCo (e), considerando as categorias semânticas da GDF.

(35) eles só num **acabaram** esse jogo rápido (21AC-015 – RP – 1.767)

RL: (neg e_i: [f_i: [(f_j: acabaram (f_j)) (x_i: - eles - (x_i))_A (e_j: esse jogo (e_j))] (f_i)](e_i))

Em (35), temos um EsCo *esse jogo* que é alvo da ação realizada pelo sujeito *eles*, selecionado pelo verbo *acabar*.

Já nos usos de *acabar de* notamos que esse predicado seleciona sempre um EsCo como complemento, determinando o tempo final da realização deste EsCo. Sendo assim, não é o referente do sujeito que age sobre o referente codificado no complemento do verbo. Aí está a diferença entre *acabar* e *acabar de*, pois, enquanto em *acabar* há uma entidade na posição de sujeito selecionado pelo predicado que atua sobre a entidade codificada no complemento desse predicado, em *acabar de*, a semântica do predicado *acabar de* tem seu sentido especificado por um EsCo, ou seja, o sentido de término faz com que o EsCo tenha sua realização delimitada.

Diante disso, defendemos, assim como Oliveira *et al.* (2001), que *acabar de* e *acabar* são verbos distintos e, no caso de *acabar de*, estamos diante de um verbo que passou por

processo de lexicalização, entrando para o léxico da língua como um predicado que marca o caráter aspectual terminativo de um EsCo.

O outro uso de *acabar de* encontrado nos *corpora* marca uma ação que se findou num passado muito próximo do momento que o falante toma como referência. Vejamos a ocorrência (36).

(36) **Acabo de receber** a carta, que *Vossa Mercê* se servio dirigir-me na data de 28 de Julho doprezente anno (...) (18CP – carta 01)

Em (36), o escritor relata o EsCo *receber a carta* que aconteceu pouco tempo antes do momento de enunciação que ele toma como referência, que é a sua escrita ao remetente. Para marcar essa anterioridade próxima ao momento da escrita, ele utiliza *acabar de*. Esse uso de *acabar de* difere do outro uso que descrevemos acima, pois, enquanto aquele marca o aspecto terminativo de um EsCo, este serve para marcar o tempo em que o EsCo se findou, sendo um tempo próximo ao momento de enunciação.

Raposo *et al.* (2013) também constatam que *acabar de* tem uma leitura temporal, localizando a situação ocorrida num momento imediatamente anterior à enunciação. Essa leitura pode ser intensificada pelo uso de alguns advérbios temporais como *agora mesmo* ou *há um instante* (Eu **acabei de ligar** para você agora mesmo).

Acabar de como marcador de anterioridade é definido por Wachowicz (2007) como um verbo gramatical que desempenha a função de auxiliar. Segundo a autora, *acabar de* perde o seu sentido original de marcar a conclusão de uma ação e ganha o sentido de passado recente por meio de um processo de gramaticalização.

A fim de confirmar se *acabar de*, nesse uso, é um auxiliar, valemo-nos dos mesmos critérios aplicados a *acabar de* aspectual.

i) a ocorrência de material interviente entre *acabar de* e o verbo no infinitivo se dá por meio de circunstâncias temporais que marcam um tempo próximo ao momento da fala, como podemos constatar em (37).

(37) BEATRIZ - O Senhor Raul **acaba agora mesmo de pedir-me** a mão. (19FJ-CM: 31)

Nesta ocorrência do século XIX, o uso do circunstante temporal *agora mesmo* reforça a ideia de que o pedido de casamento (pedir-me a mão) aconteceu próximo ao momento da fala da personagem.

ii) quanto à ocorrência de negação ou circunstante temporal, constatamos que esse uso de *acabar de* não admite negação, pois ele sempre marca a anterioridade de um EsCo que tenha, de fato, ocorrido, como podemos verificar na ocorrência (38).

(38) ***Não acabo de receber** carta do Capitam Mór | do Rio das Contas. (18CBS – 24/10/1786)

A incidência da partícula negativa *não* nas construções de *acabar de* com valor de passado recente causa agramaticalidade, pois o escritor se vale dessa construção com leitura temporal para registrar um EsCo que realmente ocorreu. Em relação ao circunstante temporal, na ocorrência (37), vimos que ele pode ocorrer no meio da construção e, em (39), observamos que ele também pode ocorrer posposto.

(39) PEREIRA - Bom dia, meu senhores. (Aperta-lhes as mãos.)
 RAUL - Ora viva, Senhor Comendador.
 PEREIRA - Então, já sabem?
 RAUL- **Acabamos de saber agora mesmo**. O presidente do Conselho é o Silveira d'Assunção.
 (19FJ-CM: 5)

Assim como em (37), em (39), o circunstante temporal *agora mesmo* vem reforçar a ideia de que o falante soube que o presidente do Conselho era o Silveira d'Assunção pouco tempo antes de falar. Sobre o uso de modificadores temporais junto a *acabar de*, Oliveira *et al.* (2001) e Raposo *et al.* (2013) afirmam que a leitura de passado recente pode coocorrer apenas com modificadores temporais que se referem a um intervalo de tempo imediatamente anterior ao momento da fala. Esta afirmação leva em consideração apenas os casos em que *acabar de* é usado para se referir a algo que tenha acontecido imediatamente antes do momento da fala, sendo conjugado ou no presente do indicativo ou no pretérito perfeito do indicativo. Mas há casos em que *acabar de* é usado para marcar um tempo que é anterior ao momento de referência, podendo também receber modificadores temporais, como em (40).

- (40) soube, naquele momento, que meu conceito de felicidade **tinha acabado de mudar**.
(<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1690767-10387,00.html>)

Em (40), *acabar de* ocorre no pretérito mais que perfeito do indicativo e indica que a mudança do conceito de felicidade aconteceu próximo ao momento em que o escritor tomou como referência. Esse momento de referência é marcado pelo circunstante temporal *naquele momento*.

iii) no critério de identidade de sujeito, apresentado por Lobato (1975) e Longo (1990), os dois verbos da construção compartilham o mesmo sujeito, como explicitado em (41).

- (41) PADRE
Branca, o visitador da Santa Inquisição **acaba de decretar** um tempo de graça. Durante quinze dias, os pecadores que espontaneamente confessarem as suas faltas e convencerem o inquisidor da sinceridade de seu arrependimento, receberão somente penitências leves. (20DG-SI: 45)

Em (41), o EsCo “decretar um tempo de graça” é realizado pelo “visitador da Santa Inquisição”, entidade ao mesmo tempo responsável pelo EsCo e sujeito gramatical de *acabar de*, identificado pelos traços de concordância de número e de pessoa.

Por meio dos critérios apresentados acima, *acabar de* como marcador temporal admite, apenas, circunstante temporal como material interviente, e este circunstante temporal reforça o tempo expresso por *acabar de*. Quanto ao sujeito, V1 e V2 compartilham o mesmo sujeito. A partir desses critérios, temos fortes indícios de que *acabar de* como marcador temporal é um verbo auxiliar. Mas, como procedemos com *acabar de* aspectual, recorrendo também às características de auxiliar apresentadas por Wachowicz (2007), temos que:

- i) *acabar de* mantém o uso como verbo pleno e, possivelmente, está passando por um processo de gramaticalização para assumir o caráter de auxiliar⁵;
- ii) *acabar de* não denota significado fasal de desenvolvimento de um evento, mas sim de localização temporal de evento em momento anterior ao momento da fala;
- iii) *acabar de*, por persistência semântica, mantém o significado de “algo ter sido concluído”;
- iv) *acabar de* perde a transitividade, uma vez que ele só serve para expressar a noção temporal do EsCo sobre o qual ele incide; a rede argumental é definida pelo predicado que com ele se combina na construção;
- iv) *acabar de* não admite negação entre ele e o verbo principal e também não admite a ocorrência de negação no enunciado.

Uma outra característica de verbos auxiliares que encontramos em *acabar de* é o fato de ele poder coocorrer com outro verbo de mesma raiz. Segundo Longo e Campos (2002), esse é um indício que mostra que o verbo auxiliar se esvaziou semanticamente e assumiu um valor gramatical, não sendo visto como sinônimo do verbo pleno. Na ocorrência (42), temos um exemplo extraído da música *Acabou de acabar*, de Phil Veras.

⁵ Sobre o processo de gramaticalização de *acabar de* marcador temporal trataremos a seguir, quando fizermos a comparação entre ele e *acabar de* aspectual.

- (42) O que sobrou de mim mesmo
Acabou
Acabou de acabar (<http://letras.mus.br/phill-veras/acabou-de-acabar/>)

Tanto os critérios selecionados por nós quanto as características apresentadas por Wachowicz (2007) nos levam a concluir que *acabar de* como marcador temporal é um auxiliar que tem a função semântica de mostrar ao interlocutor que algo aconteceu num passado muito próximo ao momento da fala.

Diante da análise dos dois usos de *acabar de*, trataremos agora das diferenças entre eles e entre seus processos de mudança. Nas ocorrências (43) e (44), apresentamos, respectivamente, um uso como marcador de aspecto terminativo e um como marcador temporal.

- (43) Inf.: [é] nozes por cima desse:: dessa ricota [Doc.: hum] aí **acaba de cobrí(r)** com aquela o(u)tra metade do macarrão... (AC-118 – RP – 1.448)
- (44) O presidente Lula mal **acaba de anunciar** o PAC e a mídia neoliberal começa a sua crítica desvairada contra o plano. Essa gente não quer mesmo que o Brasil dê certo (21FSP – 29 jan 2007)

Em (43), o verbo principal *cobrir* com característica de [- momentâneo] permite inferir que a cobertura tem etapas de realização, e *acabar de* marca a etapa final desta realização. Além disso o interlocutor apreende, inferencialmente, que o EsCo já havia se iniciado. Já, em (44), o verbo *anunciar* apresenta traço [+momentâneo], que faz com que não seja possível reconhecer fases de sua realização. Essa característica do verbo juntamente com o tempo presente delimitado por *acabar de* permite que o leitor conclua que o EsCo *anunciar o PAC* aconteceu muito próximo ao momento da enunciação, interpretação favorecida sobretudo pela presença do advérbio *mal*.

Longo e Campos (2002) defendem que, se *acabar de* como marcador temporal estiver no **presente** ou no **pretérito imperfeito**, o valor temporal do enunciado é de **pretérito**

perfeito, mas, se estiver no **pretérito mais-que-perfeito**, o tempo do enunciado assumirá valor de **pretérito imperfeito**. Sobre essa construção, as autoras afirmam que, no caso de um passado imediato expresso pelo presente, a relação entre ME (momento do evento) e MF (momento da fala) é de proximidade e, no pretérito imperfeito, essa relação de proximidade se dá entre o ME e o MR (momento de referência). Vale acrescentar a essa argumentação que a característica [+ momentâneo] dos verbos principais acaba favorecendo a leitura temporal, ou seja, a leitura de passado recente se torna possível em verbos em que não se pode reconhecer fases de desenvolvimento. Embora estas características auxiliem na determinação dos usos de *acabar de* como marcador temporal, os usos no presente do indicativo com verbos [- momentâneo] causam ambiguidade, como podemos ver na ocorrência (45).

- (45) nós temos também... um trabalho musical... feito pelo Fernando de Moraes... ele **acaba de prepará(r)**... uma um C.D. onde ele em música ele CONta... a saga... dos... pione(i)ros que vieram para nossa região contra o plano. Essa gente não quer mesmo que o Brasil dê certo (21AC-146 – NR – 1.81)

É possível estabelecer duas leituras desta ocorrência, sendo: i) a preparação do CD de Fernando de Moraes foi concluída; ii) a preparação do CD de Fernando Moraes foi concluída recentemente. Como o verbo *preparar* apresenta traço [- momentâneo], ele permite o reconhecimento de fases de desenvolvimento, mas, ao ser usado junto de *acabar de* no presente do indicativo, pode ressaltar a proximidade temporal entre o fim da preparação e o momento da fala. Sendo assim, em casos de *acabar de* no presente do indicativo com verbos [- momentâneo], as duas leituras convivem.

Além desses tempos verbais mencionados por Longo e Campos (2002), encontramos usos de *acabar de* como marcador temporal também no pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo, como podemos ver nas ocorrências (46) e (47).

- (46) olha éh os cômodos são éh:: tem uma sala e::norme né?... e tem quatro quartos... todos eles éh:: têm cama como eu disse/ **(a)cabei de/ de falá(r)** agora há po(u)co... (21AC-067 – DE – 1.202)

- (47) Nada ha de novo. Mta chuva pr ca, e pr la nenhu-ma. Estimarei, que venha o meo Sobro Je, embora | **acabasse de morrer** o Cônego Marinho, a cujo Collegio o | destinava. (19CBC – carta 16)

Em (46), o falante, para marcar que a ação de falar ocorreu muito próximo do momento da fala, usa *acabei de* e o circunstante *agora há pouco*. Normalmente, o uso de *acabar de* no pretérito perfeito do indicativo juntamente com um verbo [- momentâneo] permite duas leituras: i) a fala foi concluída; ii) o falante disse algo recentemente. Essa ambiguidade é desfeita pelo circunstante *agora há pouco* que reforça uma ideia de que o falante disse algo muito próximo do momento da fala.

Na ocorrência (47), o uso de *acabar de* no pretérito imperfeito do subjuntivo se justifica por estar dentro de uma oração concessiva. O EsCo *morrer o Cônego Marinho* tem sua realização muito próxima do momento da enunciação, em que o enunciador estima a vinda do Sobro Je, mesmo sabendo da morte do cônego que ocorreu recentemente.

Os dados históricos de *acabar de* no PB apontam que os dois usos – aspectual e temporal – convivem em toda a história, o que não nos permite afirmar se um uso originou do outro. A fim de encontrarmos a origem desse uso, fizemos uma busca pela história do português desde o século XIII e constatamos que o uso aspectual ocorre já no século XIV, enquanto o uso temporal aparece com poucas ocorrências no século XVI, como podemos ver nas ocorrências a seguir⁶.

- (48) E disse nostro Senhor: Sarra parirá como quer que seja de noventa anos, e poerás nome ao filho Isaac, que quer dezer rriso, per rrazom do rriso de seu padre; e prometeu Deus a Abraam que acrescentaria a geeraçom de Ismael seu filho; e depois que **acabou** nostro Senhor **de falar** a Abraam, circumcidou-se Abraam si e Ysmael, e toda sua companha, aqueles que eram barões (14BMP)
- (49) Depois de dom Emanuel ser no Regno, elRei dom Ioã lhe **acabou de dar** sua casa ordenada, quomo a tal pessoa cõuinha (16CDM)

⁶ A busca em dados da história do Português foi feita em textos pertencentes ao *Corpus Diacrônico do Português*. A ocorrência do século XIV foi encontrada na *Bíblia Medieval Portuguesa* e a do século XVI foi retirada da *Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel*.

Diante dessa constatação que usos de *acabar de* como aspectual é anterior a usos como temporal e das análises de cada um desses usos, defendemos que *acabar de* aspectual advém da forma *acabar* que, ao se juntar a preposição *de*, passa a ter esse valor aspectual. Trata-se de dizer, em outras palavras, que a junção verbo + preposição proporciona ao léxico da língua um novo item com um novo significado, sendo, portanto, um caso de lexicalização, como defende Oliveira *et al.* (2001). Já os usos de *acabar de* como auxiliar temporal que marca o passado recente não exemplificam um caso de lexicalização, mas, sim, de gramaticalização, uma vez que esse uso não entra para o léxico da língua, mas se gramaticaliza a partir de *acabar de* aspectual.

Para explicar o processo de mudança que deu origem a *acabar de* auxiliar temporal, levaremos em consideração os trabalhos de Bybee (1985) e de Hengeveld (2011). Segundo Bybee, a gramaticalização das categorias verbais Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, conhecidas como complexo TAM, segue o seguinte cline:

ASPECTO > TEMPO > MODO/MODALIDADE

A categoria aspecto é menos gramatical que a categoria modo/modalidade, sendo, no processo de aquisição do sistema verbal, a primeira categoria a ser adquirida, como comprovam os estudos de Ekmekci (1979 *apud* FONSECA, 2010) e Aksu-Koç e Slobin (1985 *apud* FONSECA, 2010) sobre aquisição do turco.

Hengeveld (2011), em estudo sobre a gramaticalização do complexo TAM, afirma que marcadores aspectuais frequentemente são a origem de marcadores temporais. E, como podemos ver no quadro 14, na página 63, os marcadores aspectuais dão origem a marcadores de tempo relativo. Uma interpretação de tempo relativo de anterioridade como de *acabar de* apresenta como ponto focal de informação o próprio EsCo (e) visto da perspectiva do tempo de referência (R).

A correlação entre mudança linguística e contexto de uso, apontada por Hopper (1991) e Travaglia (2005), como uma possível explicação para os processos de mudança dos verbos nos mostrou relevante nos casos de *acabar de* aspectual e temporal, uma vez que, como aspectual, *acabar de* tende a ocorrer em textos em que há a presença de narração e, como temporal, ele ocorre em gêneros que fatos recentes são tratados, como, por exemplo, relato de opinião, cartas do leitor, cartas pessoais e cartas oficiais.

No caso de textos que lidam com a narração, como narrativa de experiência e narrativa recontada, o uso aspectual é necessário, pois o falante conta histórias que já foram concluídas. Em textos opinativos, como relato de opinião e cartas do leitor, *acabar de* temporal é usado para construir a argumentação que é feita a partir da menção a fatos que aconteceram num passado recente. Por fim, em cartas pessoais e oficiais, o uso temporal permite que seja contado ao seu destinatário notícias recentes. Nas ocorrências de (50) a (52), podemos observar as diferenças de *acabar de* aspectual e temporal, a depender do tipo de texto.

- (50) eu perdi meu pai logo cedo com dez anos... então meu irmã::o... mais velho:... o L.... e a minha mãe... né? dona B. é que que:: **(a)cabaram de me criá(r)** (21AC-147 – NE – 1.6)
- (51) Já se tornou parte do senso comum dizer que a chave das políticas econômicas de sucesso é a conquista da credibilidade nos mercados. É o estado de confiança que determina o ânimo dos investidores, seja em ações, seja em usinas hidroelétricas, seja em qualquer ramo da economia. Menos óbvia, no entanto, é a resposta para uma questão essencial: quais os critérios que chancelam essa tão almejada credibilidade? Para facilitar a resposta, os chamados mercados fiam-se nos pareceres feitos pelas agências de risco. Supostamente essas empresas dominam fórmulas "científicas" e legítimas de avaliação das perspectivas de uma política econômica. Com base nisso, recomendam ou não a compra de títulos. Muito frequentemente, no entanto, essa suposta competência é exposta a desmentidos. De certa forma isso **acaba de ocorrer** em relação à Rússia. (21FSP, 03 nov 2003)
- (52) Mano do Coração agora chegode Palacio, onde soube que partia amanhã Embarcação para Lisboa, em cuja sala concorreo toda a officialidade que se acha nesta praça, Ministros e Nobreza à beijar a mão ao Senhor Vice-Rey pela dezejada noticia que **acaba de receber** do Rio Grande, o qual está já todo por nosso desde o dia 31 de Março do anno presente; cuja acção devemos toda à grande e sempre indizível prudencia militar do Tenente General Böhm, Commandante em Chefe do nosso Exercito (18CP – carta 04)

Nas ocorrências acima, vimos que, em (50), o falante está contando sobre sua vida e, para narrar como ele terminou de ser criado após a morte do pai, usa *acabar de* com valor

aspectual. Em (51), a temática da carta do leitor é a credibilidade dos países no mercado, a partir das avaliações das agências de risco, e, para sustentar a sua argumentação de que esse critério não é seguro, o escritor se vale da construção *acabar de* como temporal para trazer para seu discurso o que tinha acabado de acontecer com a Rússia naquele momento. Na ocorrência (52), os últimos acontecimentos são narrados ao destinatário e, para ressaltar o fato que havia acontecido recentemente, o escritor utiliza *acabar de* temporal.

Diante do exposto, temos que *acabar de* marcador aspectual deu origem, por meio de um processo de gramaticalização, ao *acabar de* marcador temporal. Nesse processo, além do ganho semântico, houve também alteração sintática, uma vez que *acabar de* saiu do domínio dos predicados encaixadores para atuar no domínio dos auxiliares.

V) [*acabar por* + *infinitivo*] e [*acabar* + *gerúndio*]

Construções com [*acabar por* + *infinitivo*] e [*acabar* + *gerúndio*] recebem definições semelhantes nos dicionários, como constatamos em Borba (1990), que as classifica como construções que expressam aspecto resultativo, apresentando o resultado final da ação expressa pelo verbo principal, e também na literatura específica, como, por exemplo, em Longo e Campos (2002) e Castilho (1968).

Longo e Campos (2002) e Travaglia (2002, 2004) consideram essas duas construções como auxiliares aspectuais que denotam aspecto resultativo. Diferentemente dessa visão, Castilho (1968) afirma que o comportamento aspectual de *acabar* nessas construções depende da telicidade⁷ do verbo principal, isto é, se o verbo principal for [+ télico] como *cair*, esta construção é considerada marcador de aspecto pontual, mas, se o verbo principal for [-télico] como *estudar*, a construção marcará aspecto terminativo. Para Castilho, basicamente a perífrase *estar* + *particípio passado* denota aspecto resultativo, não atribuindo, portanto, esse aspecto às construções estudadas aqui.

⁷ Segundo Castilho (1968), verbos com traço [+ télico] expressam uma ação que tem um fim. Já os verbos com traço [- télico] figuram a duração do processo, não importando o término da ação.

Olbertz (1998), num estudos dos verbos perifrásticos do Espanhol, analisa a construção [*acabar + gerúndio*] na língua espanhola e observa que essa construção traz o desfecho de uma situação.

Considerando a telicidade como característica para distinguir se as construções são responsáveis por veicular aspecto pontual ou terminativo, constatamos em nossos dados que, tanto em ocorrências com verbos télicos como com verbo atélicos, a noção de desfecho de alguma coisa se mantém, como podemos ver nas ocorrências de (53) a (56) abaixo.

- (53) então é segredo absoluto cê num pode ficá(r) contan(d)o pra:: todo mun::do:: senão vira fofoca **acaba chegan(d)o** no ouvido da pessoa (21AC-023 – RP – 1.367)
- (54) PADRE BERNARDO
Aqui estamos, senhores, para dar início ao processo. Os que invocam os direitos do homem **acabam por negar** os direitos da fé e os direitos de Deus, esquecendo-se de que aqueles que trazem em si a verdade têm o dever sagrado de estendê-la a todos, eliminando os que querem subvertê-la, pois quem tem o direito de mandar tem também o direito de punir. (20DG-SI: 26)
- (55) cê tem que tê::(r)... um certo grau de instrução né?... e o du/ e o/ e ultimaMENTe... num são só pessoas... éh mal instruídas... vamo(s) dizê(r) assim mal instruídas que tão fican(d)o grá::vidas... que tão pegan(d)o doença... aquelas que tem instrução também... então... num dá pra sabê(r) o quê que PAssa na cabeça dessas meninas... porque elas sabem mas mesmo assim... **acabam fazendo** a beste(i)ra (21AC-056 – RO – 1.360)
- (56) A aprovação em primeiro turno da reforma tributária foi uma vitória política do governo. No entanto o resultado final da proposta ainda está indefinido, dependendo de novas rodadas de negociações no Congresso e da futura elaboração de leis complementares. Se alguns avanços parecem ter sido efetivamente obtidos, de uma maneira geral o projeto mostrou-se limitado, abdicando de ambições anteriormente anunciadas. Como já se desenhava, o processo de discussão e costura do texto **acabou por produzir** mais uma colcha de retalhos do que exatamente uma reforma sistêmica. (21FSP, 07 set 2002)

O que podemos observar é que, em ambas as construções, tanto com verbos télicos como em (53) e (54), quanto com verbos atélicos como em (55) e (56), o valor semântico é indicar o desfecho de uma situação que vinha sendo retratada. Sendo assim, a hipótese de considerar como aspecto pontual os casos com verbos télicos e aspecto terminativo com verbos atélicos não se aplica aos nossos dados. Além disso, considerar que apenas a telicidade de um dos verbos pode determinar o significado de toda a construção enfraqueceria a

importância que o contexto em que a construção está inserida tem sobre o significado da construção como um todo.

Diante da análise das ocorrências de [*acabar + gerúndio*] e [*acabar por + infinitivo*] encontradas nos nossos *corpora* e da similiaridade apontada nas ocorrências de (53) a (56), podemos afirmar que essas duas construções são sinônimas, corroborando a análise de Longo e Campos (2002) e de Travaglia (2002, 2004). As duas construções indicam o desfecho de uma situação, marcando, portanto, o aspecto terminativo, de acordo com a terminologia adotada nesse trabalho. Vejamos mais as ocorrências (57) e (58), que apresentam os usos de [*acabar + gerúndio*] e [*acabar por + infinitivo*], respectivamente.

- (57) até que ela perguntô(u) pra mim... disse que o U/ que::... ela disse que::... que o U. já tinha:: DItto pra ela entendeu?... mas na verdade e/ aí é só pra eu confirmá(r) a hisTÓria mas na verdade ela me engaNÔ(U) porque o U. não tinha confirmado a história com ela entendeu? e eu **acabei contando** a história verdade(i)ra para ela. (21AC- 055 – NR – 1.86)
- (58) o... PAI dela éh conheceu meu pai numa relação de trabalho eu nem me lembro... qual e eles não tinham telefone ainda porque eles moravam numa fazen::da e não tinham telefone na época e aí ele:: acabô(u) éh::... os nossos pais **acabaram por tê(r)** essa relação profissional. (21AC- 083 – NE – 1.10)

Em (57), o EsCo *contar a história verdadeira para ela*, ao ser encaixado na construção *acabar + gerúndio*, tem o sentido de desfecho da história que vinha sendo apresentada - *ela perguntô(u) pra mim...; ela disse que::... que o U. já tinha:: DItto pra ela; aí é só pra eu confirmá(r) a hisTÓria mas na verdade ela me engaNÔ(U); o U. não tinha confirmado a história com ela entendeu?*. Com comportamento semelhante, [*acabar por + infinitivo*], em (58), também traz a informação que é o desfecho do que o falante vinha apresentando que, no caso, refere-se ao fato de os pais terem se conhecido e como se sucedeu a relação entre os dois.

Estruturalmente, o verbo *acabar* ocupa a posição V1 dentro da construção V1+ *por* + V2, podendo ser classificado como um predicado encaixador ou como um auxiliar. Verificaremos o seu comportamento, aplicando os critérios de auxiliaridade.

A incidência de material interviente entre os verbos é encontrada tanto em ocorrências de [*acabar* + *gerúndio*] como de [*acabar por* + *infinitivo*], como mostram as ocorrências (59) e (60). O tipo de material interviente encontrado nos *corpora* são partícula de negação, partícula reflexiva, pronomes oblíquos átonos e substantivos.

- (59) A escola é de qualidade... mas se o professor no caso não se sentir valorizado... ¹[muitas vezes] ¹[Doc.: ah é verdade] a gente::... éh:: se sente até usado nesses programas... [Doc.: no::ssa] e em razão disso mu/ mu/ muitas vezes a gente se sente assim éh::... desprestigiado... como:: profissional e éh:: **acaba:: num se sentindo** bem...éh embora não que a gente se arrependeu de tê(r)... escolhido essa profissão... mas em muitos momentos a gente::... pensa éh:: porque é de(i)xei de::... porque num fiz o(u)tra atividade ao invés dessa nu/num foi fazê(r) o(u)tra coisa na vida... (21AC-148 – RO – 1.261)

Entre *acaba* e *sentindo* há duas palavras intervientes, a negação *num* e o clítico *se* do verbo *sentir*. Em relação à partícula negativa, notamos que, se estivesse em posição anteposta a V1, como *num acaba se sentindo bem*, a negação causaria estranhamento e, em posição intercalada como ocorre, ela recai somente sobre o EsCo *sentindo bem*. De acordo com Lobato (1975), a incidência somente em parte da construção dá indícios de um estágio inicial de mudança a favor de uma construção perifrástica.

- (60) então às vezes chega no final do ano... o:: pai que num vai na reunião::... e que normalmente num vai principalmente éh alguns alunos assim::... que tiram éh:: conceitos... éh:: vermelhos... e **acabam os pais até ficando** surpreso achando que o filho... [Doc.: hum::] ia::... bem na escola... já na escola éh:: particular... há essa preocupação... né? pela maioria dos pais porque afinal de conta... éh:: eles querem um retorno desse investimento. (21AC-149 – RO – 1.290)

Ainda na análise de material interviente, na ocorrência acima, notamos que há um grande distanciamento – três palavras – entre o V1 e o V2. Baseados no parâmetro de *conexidade* proposto por Lehmann (1982 [1995]), sabemos que o grau de conexão de V1 e V2 é alto, quando eles formam um grupo indissociável. Mas, como podemos observar, ainda há ocorrências que apontam para uma ausência de fixação do grupo [*V1* + *V2*], caracterizando,

assim, um baixo grau de gramaticalização e não formação de perífrase. O fato de o sujeito *os pais* ocorrer entre V1 e V2 também nos mostra que o grupo verbal [V1 + V2] ainda é frouxo.

- (61) A mobilização corporativista, além de revolta, plantou também a dúvida na alma de todos: qual seria a confiabilidade desse serviço de segurança quando policiais não seguem o que eles próprios chamam de padrão? Parece óbvio que em uma das duas situações **acabem por não cumprir** integralmente sua obrigação. (21FSP – 20 dez. 2007)

Assim como em (59), em (61), com a ocorrência de [*acabar por + infinitivo*], constatamos também que não é possível que a negação ocorra numa posição anteposta, como em *uma das duas situações não acabem por cumprir integralmente sua obrigação*. A negação ocorre em posição intercalada, recaindo, apenas, sobre o EsCo encaixado *cumprir integralmente sua obrigação*.

A incidência de circunstante temporal no meios das construções não foi encontrada em nossos *corpora*, ocorrendo em posição anteposta, como o exemplo (62) com [*acabar + gerúndio*], ou em posição posposta.

- (62) Ontem eu **acabei saindo** um pouco da dieta. (<http://www.hipertrofia.org/forum/topic/118132-relato-lipo-6-black-ucopti-menwheycreatinabcaa/page-2>)

A ocorrência do circunstante temporal *ontem* atua sobre o EsCo *eu sair um pouco da dieta*, ou seja, esse EsCo teve seu acontecimento no período de tempo marcado pelo circunstante.

Em relação à identidade de sujeitos, nota-se que o sujeito é compartilhado pelo grupo verbal, uma vez que ele é o sujeito do EsCo encaixado e um sujeito gramatical de *acabar*, marcando a desinência número-pessoa. Vejamos as ocorrências (63) e (64) que nos permitem verificar essa identidade.

- (63) Esse avanço, contudo, **acabou sendo** minado pela ditadura militar que, ao tentar generalizar a profissionalização para todo o ensino médio a partir de 1971, provocou uma queda na qualidade

do ensino das redes municipais e estaduais-que não estavam preparadas para oferecer essa formação nem tinham recebido a infraestrutura necessária para tanto. (21FSP – 29 dez 2010)

(64) PADRE BERNARDO

Aqui estamos, senhores, para dar início ao processo. Os que invocam os direitos do homem **acabam por negar** os direitos da fé e os direitos de Deus, esquecendo-se de que aqueles que trazem em si a verdade têm o dever sagrado de estendê-la a todos, eliminando os que querem subvertê-la, pois quem tem o direito de mandar tem também o direito de punir. (20DG-SI: 26)

Na ocorrência (63), o sujeito *esse avanço* estabelece a concordância de número-pessoa com o verbo *acabar*, mas também é parte da estrutura argumental de *ser minado*. Assim como na ocorrência (63), em (64), o sujeito *os que invocam os direitos do homem* pertence ao EsCo introduzido pelo verbo *negar* e estabelece a concordância em número-pessoa com *acabar*.

De acordo com os critérios de auxiliaridade acima discutidos, vimos que [*acabar* + *gerúndio*] e [*acabar por* + *infinitivo*] apresentam o seguinte comportamento:

- admitem material interviente entre os verbos;
- negação e circunstante temporal incidem somente sobre parte do grupo verbal;
- o sujeito é compartilhado por V1 e V2.

Embora as duas construções já apresentem o sujeito compartilhado pelos dois verbos, o que é uma característica de construções com verbos auxiliares, a possibilidade de ocorrência de material entre V1 e V2 e a incidência de negação e circunstante temporal somente em parte da construção as afastam da classe dos auxiliares e as mantêm entre os predicados encaixadores que expressam valor aspectual.

Cristofaro (2003) considera que esse tipo de predicado apresenta um alto grau de integração semântica com o complemento encaixado, o que permite que se forme apenas uma estrutura de EsCo. No entanto essa forte integração semântica não é acompanhada de uma forte integração sintática, como constatamos com a presença de material interviente e da incidência da negação e de circunstante temporal só em uma parte da construção.

Analisando o percurso histórico das duas construções, constatamos que, no PB, [*acabar por + infinitivo*] apareceu no século XIX, enquanto [*acabar + gerúndio*] ocorre a partir do século XX. Devido a essa proximidade temporal, não é possível afirmar se a primeira construção tenha de fato dado origem à segunda.

A baixa conexão das duas construções nos permite levantar a hipótese de que as duas tenham se originado do verbo *acabar* e encontram-se ainda em processo de mudança rumo a um estatuto de verbo auxiliar. Podemos observar a atuação do V1 *acabar* com valor semântico próximo ao da forma-fonte nas ocorrências em que há material interviente ou naquelas em que a negação incide somente sobre o EsCo encaixado em *acabar*.

A trajetória de mudança em direção a usos como auxiliar ocorre de forma distinta nas duas construções, pois, enquanto [*acabar por + infinitivo*] passa por um processo de lexicalização antes da gramaticalização, [*acabar + gerúndio*] passa, apenas, por um processo de gramaticalização. No caso de [*acabar por + infinitivo*], a junção do verbo *acabar* com a preposição *por* entra para o inventário da língua como predicado encaixador que indica aspecto terminativo e, depois de adentrar o léxico, essa construção vem passando por um processo de gramaticalização, em que ela sai do domínio dos predicados encaixadores para atingir o domínio dos auxiliares. Em 4.1.1.2. discutiremos a trajetória de mudança dessas construções.

VI) [*acaba/acabou que + oração*]

O último padrão de uso de *acabar* a ser tratado é sua ocorrência na construção [*acaba/acabou que + oração finita*]. Bastos *et al.* (2007) consideram *acaba/acabou que* como predicado matriz de uma oração completiva. Já Travaglia (2005) defende que *acaba/acabou que* é uma espécie de operador argumentativo que introduz o argumento que o falante julgou decisivo para sua argumentação. Levando em consideração essas duas argumentações, analisemos as ocorrências (65) e (66) com *acaba que* e *acabou que*, respectivamente.

- (65) Inf.: a madrasta dela tam(b)ém tem três filhas... só que uma agora mudô(u) se casô::(u) então só tem duas... e uma é adotada... que é gêmea com a que casô(u) e a o(u)tra não... é legítima... e o pai dela... tem três... que é ela e mais duas... só que lá na CAsa ela diz que ela sofre MUIta... porque as duas filhas da madrasta num precisa fazê(r) nada... lavá(r) cozinhá(r) passá(r) fazê(r) faxina num precisa fazê(r) nada... é só ela e a irmã dela... as duas irmã... então sempre tem que lavá(r) lo::(u)ça fazê(r) almo::ço fazê(r) faxina na casa inte::(i)ra enquanto a madrasta tá lá deitada no sofá::... de noite SAI c'ó pai de::la... e a madrasta sempre compra um monte de coisa que o pai dela tem que pagá(r)... e aí **acaba que** ela num ganha uma blu::sa num ganha uma cal::ça num ganha nada do pai (...) (21AC-024 – NR – 1.175)
- (66) falô(u) que não queria ma::is que não dava mais cer::to e tal... aÍ... ele pegô(u) e tá bom foi meio difícil pra ele aceitá(r) porque ele gostava muito dela... mas **acabô(u) que** ele acabô(u) aceitando. (21AC-046 – NR – 1.196)

Em (65), o falante apresenta para seu ouvinte como é a vida entre a madrasta e as filhas do marido. Ele mostra que a filha cuida da casa, enquanto a madrasta não faz nada, a não ser gastar em compras o dinheiro do pai. O fato de a filha não ganhar nada do pai é usado pelo falante como argumento decisivo contra a postura da madrasta, sendo esse argumento introduzido por *acaba que*⁸.

Na ocorrência (66), temos um trecho de uma narrativa recontada, em que o falante relata como foi a separação dos seus pais. Ele afirma que seu pai não queria aceitar a separação, mas, no final, aceitou. *Acabou que* traz o desfecho da história e reforça a ideia de ser algo que aconteceu no final.

Considerando o argumento de Bastos *et al.* (2007), temos *acaba/acabou que* como uma oração principal que encaixa uma oração completiva que funciona como argumento final. Analisar *acaba que* e *acabou que* como oração matriz nos leva a considerar que estas construções são responsáveis por introduzir a informação principal, codificada na oração completiva. Entretanto, ao observamos (65) e (66), constatamos que *acaba que* e *acabou que* servem para estabelecer a relação entre o que estava sendo dito e o argumento que o falante

⁸ Uma análise alternativa para essa nossa interpretação é a de que *acaba que* pode funcionar como um operador que estabelece uma relação de consequência entre a fala antecedente e o fato consequente, podendo ser parafraseado pelo advérbio *consequentemente*.

julga ser conclusivo. No caso de (65), a relação é entre a filha fazer os serviços domésticos e não ganhar nada do pai; em (66), a relação é estabelecida entre não aceitar a separação e aceitá-la. Então o que se constata é que *acaba que* e *acabou que* apresentam características sintáticas de oração matriz, mas, ao invés de introduzir a informação que será codificada na completiva, essas duas construções servem para estabelecer uma relação argumentativa entre os enunciados, introduzindo o argumento considerado decisivo pelo falante

Travaglia (2005) classifica *acaba/acabou que* como um operador argumentativo que estabelece uma relação argumentativa entre o que vinha sendo dito e o que será dito, e esta relação é intersubjetiva, uma vez que o falante avalia qual argumento irá finalizar o seu discurso. Esta análise proposta pelo autor nos parece mais plausível, diante das ocorrências de nossos *corpora*.

Acaba que e *acabou que* atuam em contextos de usos diferentes, enquanto *acaba que* atua sobre situações habituais, introduzindo o argumento que o falante julga ser decisivo, *acabou que* é usado para descrever situações passadas, apresentando o desfecho de uma história que vinha sendo contada. Ambos ocorrem em nossos *corpora* somente em textos em que predomina o gênero narrativo.

A hipótese de considerar *acaba/acabou que* como operador argumentativo encontra sustentação nos trabalhos de Auer (1996 *apud* AIJMER, 2007) que mostra que, na língua alemã, orações matrizes dão origem a marcadores pragmáticos⁹, como podemos ver no *cline* abaixo:

Oração matriz → constituinte de posição inicial¹⁰ → marcador pragmático

⁹ Esta nomenclatura é encontrada nos trabalhos de Aijmer (2007). No nosso trabalho, optamos por classificar *acaba que* e *acabou que* como operadores argumentativos.

¹⁰ Aijmer (2007) cita como exemplos de pré-fontal os marcadores pragmáticos da língua inglesa *the fact is, the truth is, the matter are, the thing is, fact is* etc.

Segundo Aijmer (2007), a oração matriz se move da sentença, é enfraquecida semanticamente e ocupa a posição inicial. Esse novo constituinte¹¹ se enriquece pragmaticamente e passa a estabelecer uma relação intersubjetiva entre as informações relacionadas pelo falante. Como resultado da gramaticalização, há estruturas que apresentam características associadas com marcadores pragmáticos, tais como a ausência de integração. Como aponta Traugott e Dasher (2002), com o passar do tempo, o falante desenvolve sentidos mais subjetivos para os lexemas que codificam suas perspectivas e atitudes.

Em nossos *corpora*, encontramos uma ocorrência que nos permite considerar que a origem de *acaba que/acabou que* seja uma oração matriz.

(67) Tem um, um decreto-lei número cem, que é de mil novecentos e sessenta e nove, que é o estatuto dos funcionários do estado da Guanabara, o esta... eh, estatuto dos funcionários do estado da Guanabara. E ele diz sobre isso. Eu era até pra (riso) pra ver, pra falar com o colega e **acabei que** não vi. (NURC-RIO – DID-0106)

Em (67), *acabar* é conjugado em primeira pessoa do singular e atua como oração matriz que encaixa uma oração completiva. Semanticamente, neste uso, *acabar* não é usado no sentido de marcar que o falante chegou ao fim de algo, mas, sim, no sentido de marcar o desfecho da tal narração, que é o fato de não ter visto o estatuto. Sendo assim, temos um uso que, sintaticamente, está próximo de uma oração matriz, mas apresenta atuação semelhante a *acabou que* como estrutura fixa.

Devido ao fato de *acaba que* e *acabou que* aparecerem em nossos *corpora* a partir do século XX, não podemos reconstruir a sua trajetória no PB. Mas, levando em consideração esse uso apresentado em (67), podemos levantar a hipótese de que *acaba que* e *acabou que*, por apresentar características sintáticas de oração matriz, tenham se originado daí e, com o passar do tempo, as duas construções se fixam na posição antes do argumento final e

¹¹ Um constituinte pré-frontal já é uma espécie de marcador pragmático usado para codificar informações, ao estabelecer o interligação entre proposições.

adquirem o papel de estabelecer a relação com partes maiores do discurso, orientando o discurso para o argumento que o falante julga necessário.

No atual estágio, *acaba que* e *acabou que* são estruturas fixas que sintaticamente ainda se assemelham a uma oração matriz, devido à presença de *que*, mas não trazem a informação principal da subordinada e, como notamos, ambas as construções aceitam ser modificadas ou pelo adversativo *mas*, como em (66), ou pelo aditivo *e*, como em (65).

Na ocorrência (66), *acabou que* co-ocorre com *mas*, o que mostra que o argumento final quebra a expectativa, ou seja, não se esperava que o pai aceitaria a separação. Em (65), *acaba que* co-ocorre com *e*, em que *e* marca a sucessão dos fatos e *acaba que*, o argumento decisivo.

Baseados em König e Kortmann (1991), defendemos que o verbo *acabar* em *acaba que* e *acabou que* perdeu suas características verbais (aspecto, tempo, modo e negação) e também a habilidade de constituir centro de predicação, juntando-se, portanto, a partícula *que* para formar o operador argumentativo *acaba que* ou *acabou que*.

Diante das características apresentadas propomos que *acaba/acabou que* esteja em um processo de mudança linguística, em que há um aumento de pragmática que envolve atitudes do falante em relação ao ouvinte. Nesse processo, a junção de *acabar* + *que* passa por um processo de lexicalização para entrar no léxico da língua como um novo operador argumentativo e, posteriormente, por um processo de gramaticalização para perder as características lexicais e sintáticas que ainda se mantém e adquirir novos traços mais pragmáticos.

3.1.1.2. A trajetória de mudança linguística de *acabar* e a interface com a GDF

Nas análises acima, descrevemos sete diferentes usos de *acabar* que vão desde verbo pleno até operadores argumentativos. Esses usos se instauram na língua via processos de mudança linguística identificados ou como de lexicalização ou de gramaticalização.

Como afirmamos no decorrer da análise, os padrões de usos de *acabar* discutidos aqui já apresentavam valores semânticos semelhantes aos valores encontrados na sincronia atual desde o século XVIII, início do nosso recorte temporal, o que não nos recompor com total confiança a trajetória de mudança para cada padrão. O que podemos constatar é que os sete padrões de usos de *acabar* com diferentes comportamentos sintáticos e semântico-pragmáticos se encontram em diferentes estágios de mudança, não apresentando apenas uma trajetória única de mudança. Travaglia (2002) considera *acabar* como um caso de poligramaticalização, mas, em nosso trabalho, como lidamos com as noções de lexicalização e de gramaticalização, optamos por considerá-lo como instanciando trajetórias de mudança distintas.

A partir dos princípios de Heine (1993), discutiremos as trajetórias de mudança de *acabar*, exceto os usos como operadores argumentativos. Discutiremos também a relação dessas trajetórias com o comportamento do item dentro dos níveis e camadas da GDF.

O padrão de uso I, *acabar* como verbo pleno, é o estágio inicial de todas as trajetórias, pois, como afirma Heine (1993), o verbo é usado no seu sentido lexical e seleciona os complementos que podem ser objetos concretos ou EsCos. Nesse uso, *acabar* é um lexema que atua como núcleo da propriedade configuracional, selecionando 1 ou 2 argumentos, como mostram as representações subjacentes das ocorrências abaixo.

(68) eles só num acabaram esse jogo rápido (21AC-015 – RP – 1.767)

NR: (neg e_i: [f_i: [(f_j: acabaram (f_j)) (x_i: - eles - (x_i))_A (e_j: esse jogo (e_j))] (f_i)](e_i))

(69) Por sinal, nunca dei sorte de conseguir comer um inhoque lá, porque sempre hora que eu vou já **acabou** o inhoque. (20NURC-RIO – DID – 0028)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: acabou (f_j)) (x_i: o inhoque (x_i))_U] (f_i)](e_i))

(70) Doc.: ah:: tá... e como é que **acaba** o jogo? (21AC-043 – RP – 1.347)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: acaba (f_j)) (e_j: o jogo (e_j))] (f_i)](e_i))

A posição de argumento externo de *acabar* pode ser ocupada por um indivíduo (x), como em (68), ou por um EsCo (e), como em (69) e (70). No *slot* de argumento interno, quando preenchido, teremos sempre um EsCo (e), como em (68). No caso da ocorrência (68), em que *acabar* apresenta uma estrutura argumental de dois lugares, a função semântica do argumento externo e interno será preenchida sempre por um indivíduo (e) e por um EsCo (e), respectivamente.

No padrão II, como semi-cópula, por *acabar* colaborar com o significado total do enunciado, trazendo a ideia de resultatividade, ele se mantém próximo do padrão I. Mas, se considerarmos a construção [*acabar* + *adjetivo/particípio*] como um todo, podemos hipotetizar que ela caminha em direção ao paradigma dos copulares. Essa passagem verbo pleno > verbo copular, em que o verbo deixa de constituir predicação primária e passa a constituir predicação secundária, pode ser descrita como um caso de gramaticalização. A mudança em direção a se tornar um verbo copular se reflete nas funções semânticas desempenhadas pelas partes, como vemos em (71).

(71) O dispositivo **acabou** descoberto, quando o homem usava o banheiro. (g1.globo.com)

NR: acabar_v (x_i) (f_i: [(f_j: descoberto (f_j)) (x_i)](f_i))

Diferentemente das ocorrências do padrão I, em (71), constata-se que *descoberto* funciona como núcleo da propriedade configuracional (f), incidindo sobre o indivíduo *o dispositivo*. Como apontam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 220-221), no nível representacional, podemos ter lexemas diferentes, como adjetivos e particípios, ocupando a posição da predicação, mas, no nível morfossintático, somente verbos podem ser usados como

predicado. Embora *acabar* desempenhe uma função de predicação secundária, ele colabora semanticamente para o enunciado, não podendo ser apagado, como acontece nos exemplos com verbos copulares prototípicos.

O padrão III, [*acabar com*], como defendemos em nossa análise, é um caso de lexicalização, em que há a junção do verbo *acabar* e da preposição *com* para formar o predicado [*acabar com*], que apresenta um significado de destruição. E esse predicado entra para o léxico da língua como uma forma diferente de *acabar*, ou seja, em [*acabar com*] não é o verbo pleno *acabar* que pede um complemento com preposição. Como verbo pleno, *acabar com* atua como núcleo de propriedade configuracional, selecionando dois argumentos, como veremos abaixo.

- (72) DONA BÁRBARA - Pois eu se fosse homem **acabava com** câmaras, com governo, com liberais, conservadores e republicanos e reformava este país. (19FJ-CM: 8)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: acabou com (f_j)) (x_i: eu)_A (x_j: câmaras, com governo, com liberais, conservadores e republicanos (x_j))_U] (f_i)] (e_i))

Acabar com, assim como *acabar*, também é um predicado de dois lugares. Para preencher o *slot* de argumento externo que, necessariamente, será o agente da destruição, *acabar com* seleciona ou um indivíduo (x) ou um EsCo (e), como representado a seguir, em (73).

- (73) A notícia do fim da greve **acabou com** o movimento dos alunos.

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: acabou com (f_j)) (e_j: a notícia do fim da greve) (e_j: o movimento dos alunos (e_j))] (f_i)] (e_i))

A diferença entre [*acabar com*] e *acabar* está na seleção do argumento externo, pois, enquanto *acabar* seleciona apenas entidade do tipo indivíduo na função de agente, *acabar com* pode selecionar um EsCo para desempenhar a função de “causa” da ação de destruir, como exemplificado em (73).

No padrão IV, [*acabar de + infinitivo*], analisamos dois diferentes usos. O primeiro classificado como predicado encaixador e o segundo, como verbo auxiliar que indica passado recente.

Acabar de como predicado encaixador é um caso de lexicalização, uma vez que a junção do verbo *acabar* e a preposição *de* deu a língua um novo verbo, responsável por marcar o aspecto terminativo de um EsCo. Assim como *acabar* e *acabar com*, *acabar de* atua como núcleo da camada da propriedade configuracional (f), mas, ao invés de selecionar dois argumentos, seleciona somente um EsCo (e), como mostrado na representação abaixo.

(74) **Acabei de ler o Siegfried.** (20ML)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: acabei de (f_j) (x_i) (e_j: ler o Siegfried (e_j))] (f_i)](e_i))

Acabar de seleciona o EsCo *ler o Siegfried* como complemento e determina o tempo final de realização desse EsCo. O sujeito expresso por um indivíduo (x) pertence a esse EsCo e fornece ao verbo as informações morfológicas de número-pessoa.

Já com *acabar de* como verbo auxiliar, de acordo com a análise realizada, constatamos que ele vem passando por um processo de gramaticalização, tendo como base o predicado encaixador *acabar de*. De acordo com estágios para gramaticalização de verbos propostos por Heine (1993), *acabar de* auxiliar se encontra no estágio 3, apresentando as seguintes características discutidas pelo autor:

- expressa funções gramaticais de tempo;
- pode auxiliar um verbo similar;
- está associado a um verbo principal com forma não-finita;
- compartilha sujeito com o verbo principal;
- não admite um verbo com forma finita;
- diminui a gama de distinções de tempo, aspecto e modalidade.

(76) Acabo de receber carta do Capitam Mór | do Rio das Contas, edo Juis-ordinário da | mesma Villa a remeça do grande [Faci-] | [norozo] Joaquim José de Souza, prezo em | Virtude das ordens deVossa Excelencia, e das | acertadas Providencias, que deixou n'a | quela Villa o Capitam Alexandre | Theotonio, a quem Vossa Excelencia remeteo | esta recomendada diligencia (18CBS – 26/06/1792)

NR: (e_i: (ant [(f_i: [(x_i: eu (x_i))_A (e_j: receber carta do Capitam Mór | do Rio das Contas, edo Juis-ordinário da | mesma Villa (e_j))] (f_i))] (e_i))

Acabar de, em (76), indica ao leitor que o EsCo *receber carta do Capitam Mór do Rio das Contas, edo Juis-ordinário da mesma Villa* aconteceu em um momento imediatamente anterior ao momento da enunciação que o escritor toma por referência.

Dentro da perspectiva da GDF, a mudança de *acabar de*, de predicado encaixador para verbo auxiliar, também indica a passagem de um lexema para a categoria das palavras gramaticais. Como palavra gramatical, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p.401-402), um auxiliar não corresponde a um lexema, pois é dotado de um significado abstrato que existe apenas dentro de um contexto.

No padrão V, [*acabar por + infinitivo*] e [*acabar + gerúndio*], temos duas construções semelhantes que indicam o aspecto terminativo. Como apontado na análise, as duas construções ainda apresentam uma baixa conexão (LEHMANN, 1995 [1982]), permitindo a ocorrência de material interviente e a incidência de circunstância temporal e negação somente sobre parte do grupo, o que afasta a hipótese de considerá-las como auxiliares. Aplicando os critérios de Heine (1993) para verificar os estágios de gramaticalização, constatamos que elas se encontram no estágio 3, sendo classificadas como quase-auxiliares. As características apresentadas pelas construções são:

- V1 associado a uma forma não-finita
- identidade de sujeitos;
- referência temporal idêntica entre V1 e V2;
- o sujeito é compartilhado por V1 e V2;

- o V1 e seu principal constituem uma unidade semântica.

Travaglia (2005), valendo-se também dos estágios de Heine (1993), considera que as duas construções já estão no estágio 4, onde, segundo Heine (1993), se encontram os auxiliares. No entanto, de acordo com a nossa análise, que considera, além desses estágios, os critérios de auxiliaridade definidos no capítulo II, podemos afirmar que tanto [*acabar por + infinitivo*] como [*acabar + gerúndio*] ainda se encontram em estágio de mudança, em direção a assumir a função de verbo auxiliar.

Como afirmamos, [*acabar por + infinitivo*] e [*acabar + gerúndio*] passam por processos de mudança linguística diferentes. [*Acabar por + infinitivo*], primeiramente, passa por um processo de lexicalização, para entrar no inventário da língua como construção que marca aspecto terminativo, e depois vem passando por um processo de gramaticalização. Já [*acabar + gerúndio*] passa apenas pelo processo de gramaticalização. Nas figuras (03) e (04), apresentamos possíveis trajetórias de mudança para [*acabar por + infinitivo*] e [*acabar + gerúndio*].

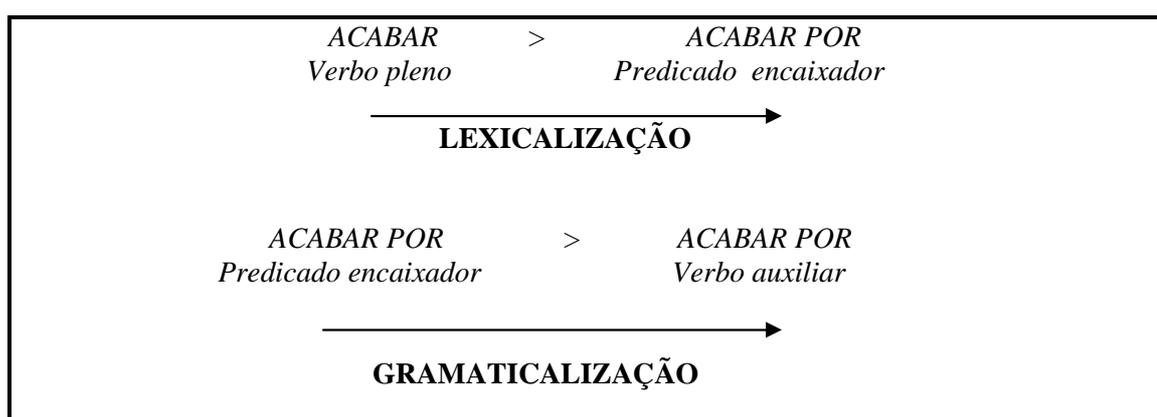


Figura 03: Lexicalização e Gramaticalização de [*acabar por + infinitivo*]

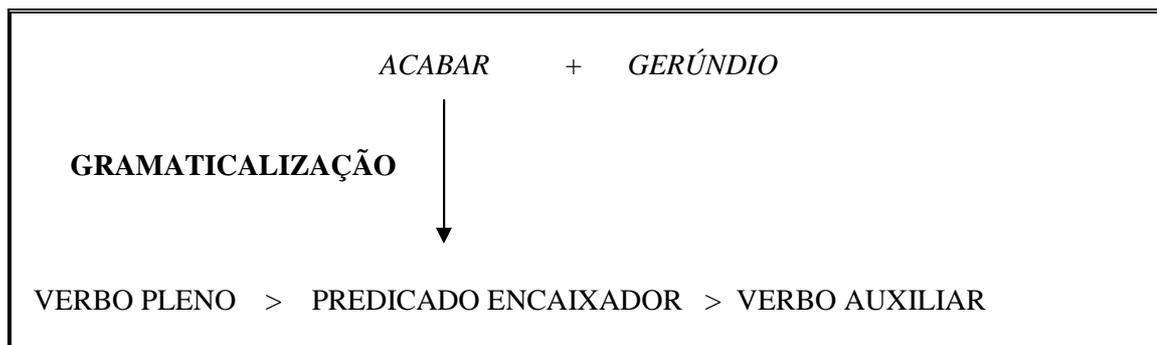


Figura 04: Gramaticalização de [*acabar + gerúndio*]

Por apresentarem semântica semelhante, as duas construções têm comportamento idêntico na seleção de complemento, como podemos notar nas ocorrências (77) e (78) e suas respectivas representações.

(77) Até que ela perguntô(u) pra mim... disse que o U/ que::... ela disse que::... que o U. já tinha:: Dito pra ela entendeu?... mas na verdade e/ aí é só pra eu confirmá(r) a histÓria mas na verdade ela me engaNÔ(U) porque o U. não tinha confirmado a história com ela entendeu? e eu **acabei contando a história verdade(i)ra para ela.** (21AC-055 – NR – 1.86)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: acabei (f_j) (x_i) (e_j: contando a história verdadeira para ela (e_j))] (f_i)](e_i))

(78) o... PAI dela éh conheceu meu pai numa relação de trabalho eu nem me lembro... qual e eles não tinham telefone ainda porque eles moravam numa fazen::da e não tinham telefone na época e aí ele:: acabô(u) éh::... **os nossos pais acabaram por tê(r)** essa relação profissional. (21AC-083 – NE – 1.8-10)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: acabaram por (f_j) (x_i) (e_j: ter essa relação profissional (e_j))] (f_i)](e_i))

Assim como *acabar de* como predicado encaixador, *acabar por* e *acabar* em [*acabar + gerúndio*] são núcleos de propriedade configuracional (f) e selecionam um EsCo como complemento. O sujeito do EsCo fornece as informações morfológicas de número-pessoa. Com a gramaticalização dessas construções, *acabar por* e [*acabar + gerúndio*] assumirão a função de operador da propriedade configuracional, responsável por marcar apenas aspecto terminativo.

Dentro do rol de operadores argumentativos, há o uso descrito no padrão VII, [*acaba que/acabou que + oração*], em que *acaba que* e *acabou que* funcionam como operadores argumentativos, especializados em finalizar o discurso. Embora apresentem a estrutura

acabar + que, vimos que *acaba que* é usado com situações habituais e *acabou que* com situações passadas.

Acaba que e *acabou que* vem passando por um processo de perda das características morfossintáticas e de aumento da pragmática. O surgimento de operadores argumentativos formados por *acabar + que* se dá por meio de dois processos de mudança linguística: lexicalização e gramaticalização.

Por meio da lexicalização, há a junção de *acabar* e *que* para a formação de um operador argumentativo que adentra o léxico da língua para ser usado como introdutor do argumento decisivo para encerrar o discurso, no caso de *acaba que*, ou para apresentar o desfecho de narrativa, no caso de *acabou que*. Após a lexicalização, o novo item *acabar + que* entra num processo de gramaticalização, em direção a perdas de características lexicais e sintáticas e, em contrapartida, ganhos de traços pragmáticos. No atual estágio de mudança, *acabar + que* está fixando a sua estrutura com verbo no presente do indicativo ou pretérito perfeito do indicativo e a partícula *que*. A figura abaixo ilustra os processos de mudança de *acabar + que*.

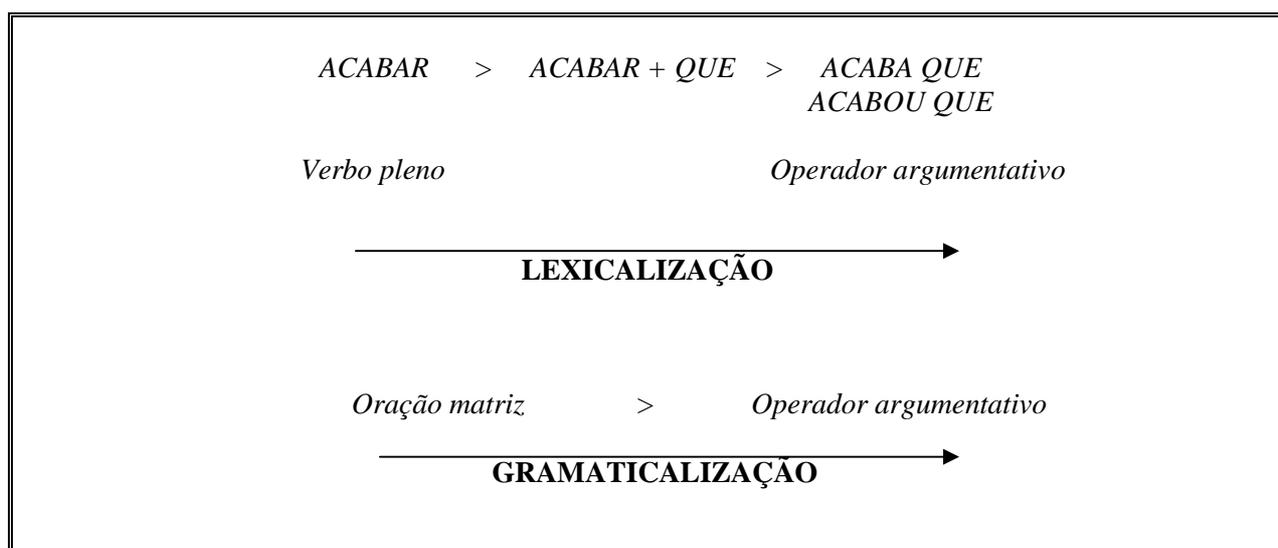


Figura 05: Lexicalização e Gramaticalização de [*acabar + que*]

O ganho pragmático de [*acabar + que*] se reflete na sua atuação dentro das camadas e níveis da GDF, uma vez que passa a atuar no nível interpessoal, encaixando o ato discursivo que finalizará o que vinha sendo dito, como podemos ver nas ocorrências abaixo e suas respectivas representações.

- (79) O namoro foi aparecen... foi aparecendo com o tempo, né, porque a gente começa a conversar, depois começa a sentir falta de outra pessoa. Mas (inint.) começa a achar que tem outras coisas que se devia falar, então vai falando, vai aproximando, vai aproximando, quando a gente pensa já está namorando, já está conversando outros assuntos que não aqueles da escola e **acaba que vira namorado mesmo, né?** (21AC-024 – NR – 1.175)

NI: (M_I: [(A_I) (A_J vira namorado mesmo, né?): e acaba que (A_J)] (M_I))

- (80) falô(u) que não queria ma::is que não dava mais cer::to e tal... aÍ... ele pegô(u) e tá bom foi meio difícil pra ele aceitá(r) porque ele gostava muito dela... mas **acabô(u) que ele acabô(u) aceitando.** (21AC-046 – NR – 1.196)

NI: (M_I: [(A_I) (A_J ele acabô(u) aceitando): acabou que (A_J)] (M_I))

Em (79), *acaba que* estabelece uma relação entre o que estava sendo dito sobre o surgimento do namoro e o argumento que traz o que a falante pensa sobre o assunto. Este último argumento, introduzido por *acaba que*, fecha o Movimento.

Em (80), temos, no primeiro ato, o falante contando como ocorreu a separação dos pais para, no segundo ato, apresentar que o pai aceitou a separação. Para estabelecer a ligação entre esses dois atos, o falante se vale da construção *acabou que*, que introduz o ato que finalizará o Movimento.

O que nos resta diferenciar é se *acaba que* e *acabou que* são operadores de movimento ou de ato discursivo. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p.60), é difícil encontrar diferenças entre os operadores de movimento e de ato discursivo, uma vez que um mesmo item serve para os dois. A diferença entre os dois está no fato de que, enquanto o operador de movimento atua sobre todos os atos discursivos dentro do movimento, o operador de ato discursivo atua somente sobre o ato que ele escopa. Sendo assim, temos, em (79) e (80), um

operador de ato discursivo, pois *acaba que* e *acabou que* atuam somente sobre a informação introduzida por eles.

Diante do que foi exposto, podemos estabelecer trajetórias de mudanças, em que as setas vermelhas representam as trajetórias de gramaticalização, as azuis, de lexicalização e as pontilhadas apontam para mudanças que ainda não se efetivaram na língua. Essas trajetórias de mudança refletem na atuação de *acabar* nas camadas e níveis da GDF, em que os usos mais lexicais atuam no nível representacional e os usos mais argumentativos, no nível interpessoal. Abaixo ilustramos as trajetórias de mudança de *acabar* e sua atuação dentro da GDF.

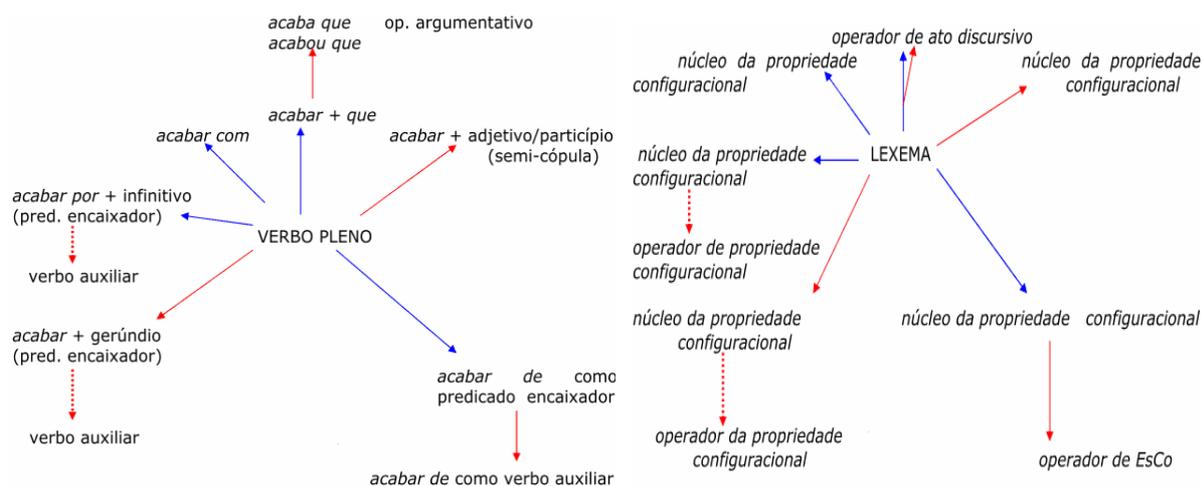


Figura 06: Trajetória de mudança de *acabar* e sua atuação na estrutura hierárquica da GDF

Como podemos observar pelas trajetórias de mudança dentro da GDF, as mudanças sempre ocorrem de camadas mais baixas para camadas mais altas, do Nível Representacional para o Nível Interpessoal e, quando a mudança ocorre dentro da mesma camada, sempre vai do núcleo para o operador. Sendo assim, as trajetórias de mudanças de *acabar* comprovam a hipótese defendida por Keizer (2007; 2012) e por Hengeveld (2013) de que a mudança acontece do Nível Representacional para o Interpessoal, pois as unidades semânticas dão origem a unidades pragmáticas.

3.1.2. Acontecer

O predicado *acontecer* advém da forma latina pressuposta *contigescere*, que dá origem à forma *contigere*, que, segundo Machado (1952), no português, passa a ser usada sob a forma *contecer*. De acordo com Cunha (1986), este verbo tem como significado-base o sentido de suceder.

Como aponta Scheibmann (2000 *apud* TAVARES e FREITAG, 2010), *acontecer* pertence ao grupo dos verbos existenciais, em que se encontram também os verbos *ser*, *estar*, *ter*. Garcia (2004) considera que os verbos existenciais estabelecem uma relação entre um determinado elemento e o universo, e *acontecer* seria um verbo existencial que está na subclasse dos eventivos simples, juntamente com *ocorrer*, *suced*, *haver* (em alguns contextos), *dar-se*, *sobreviver* e *realizar-se*.

Pezatti (1993) considera *acontecer* como verbo existencial que marca a existência positiva¹² ou emergência de uma entidade. Estruturalmente, *acontecer* é um verbo de um lugar que apresenta um sujeito intransitivo que recebe marcação igual a um objeto transitivo, ocorrendo em posição pós-verbal. Este verbo, segundo a autora, segue um padrão ergativo, em que há o alinhamento do sujeito intransitivo pós-verbal e o objeto, uma vez que o único argumento do verbo é caracterizado como inativo, pós-verbal, não-definido, não-animado e novo, tal como seria o argumento objeto de um verbo de dois lugares.

Numa visão próxima a essa, Neves (2000) considera *acontecer* como um verbo unipessoal, devido a sua ocorrência, apenas, na 3ª. pessoa do singular. Como ela mesmo alerta, o fato de ele ocorrer somente nesta pessoa não deve ser entendido como inexistência de sujeito, pois o único argumento exigido pela estrutura argumental do verbo é o sujeito.

¹² A autora mostra que há verbos que marcam existência positiva como *acontecer* e outros que marcam existência negativa como *falhar*. Verbos com marcação positiva mostram que algo tomou existência, como, por exemplo, *Aconteceu um acidente ontem*. Verbos com marcação negativa apontam que algo não ocorreu, por exemplo, *O carro falhou* (= O carro não funcionou).

3.1.2.1. A multifuncionalidade de *acontecer*

Em nossos *corpora* encontramos dois diferentes padrões de uso de *acontecer*, sendo: i) *acontecer* como verbo pleno; ii) *acontecer* em construções [*acontece/aconteceu que* + oração].

I) *Acontecer* como verbo pleno

Este padrão é encontrado em nossos *corpora* tanto com o sujeito posposto ao verbo quanto anteposto. Segundo Borba (1990), *acontecer*, nesse padrão de uso, indica processo, podendo ter o sujeito expresso por um sintagma nominal que sofre o processo ou por uma oração infinitiva. Travaglia (2003) aponta que *acontecer* é um verbo simples que encaixa uma situação. Nesse uso, o significado é de “passar a ser realidade, ocorrer, suceder”, semelhante ao significado da forma latina original. Discutiremos, primeiramente, os usos com sintagma nominais e, depois, com orações infinitivas. Em (81) e (82) apresentamos duas ocorrências de *acontecer* com o sujeito anteposto e posposto ao verbo, respectivamente.

- (81) Ah, e entre plantar ou colher ou, enfim, providenciar os alimentos e chegar à sua mesa há um, não é, várias coisas **acontecem**. Dependendo do tipo de alimento, o processo é diferente, as pessoas que estão ligadas a este processo também não são as mesmas. (20NURC-RIO – DID-0078)
- (82) - Mas o que eu acho é isso. Você, acontecem coisas bo... acontece, **vai acontecer** o nascimento do meu filho, eh, minha filha está tendo aquele 'insight' de aprender a ler, isso é muito importante, isso é muito bacana, dá pra gente comemorar. Eu por exemplo gosto de comemorar essas coisas. Agora, não importa que tenha gente de fora ou não. (20NURC-RIO – DID-0084)

Nas duas ocorrências de *acontecer*, o verbo traz a noção semântica de ocorrência de um evento. No caso de (81), o falante relata que, entre o plantio do alimento e a degustação dele, ocorrem diferentes processos que não são especificados pelo falante, uma vez que ele resume esses processos no sujeito *várias coisas*. Em (82), o verbo *acontecer* marca qual evento ocorreu, no caso o nascimento do filho.

Observamos nos *corpora* que é muito comum o sujeito de *acontecer* ser itens fóricos que remetem, por meio de anáfora ou catáfora, à ocorrência de eventos, o que pode ser visto em (83) e (84).

- (83) depois com dezessete anos... faltava dez dias pra fazê(r) dezessete anos aí eu tive a segunda filha... é a C. [Doc.: uhum ((concordando))] hoje ela tem seis anos né?... e:: comecei namorá(r) cedo né? eu comecei namorá(r) com treze anos... e logo... logo depois me casei... e i/ e isso foi o que me marcô(u) muito né? porque foi... logo... assim::... praticamente entrei na adolescência né?... aí logo **aconteceu** isso... (21AC-064 – NE – 1.13)
- (84) Agora uma casa atualmente não oferece tanta segurança quanto um prédio porque se os próprios ladrões têm a audácia de entrar num prédio de apartamentos muito mais então numa casa, né, e agora **acontece** o seguinte, que não tem as despesas de um condomínio: de vez em quando tem uma pintura externa a fazer, todo mundo é castigado no preço um pouco salgado, né, e tem o elevador pra consertar, porque agora o estado com certas exigências, todo edifício tem que ter a fachada nova, a fachada bem apresentável, não pode apresentar uma fachada imunda, né, e, e o elevador depois que houve uma série de acidentes com elevadores aí em vários prédios, que infelizmente algumas pessoas foram acidentadas, né, então a fiscalização obrigou então os edifícios a manterem elevadores de acordo. (20NURC-RIO – DID-0153)

Na ocorrência (83), o sujeito *isso* remete a eventos que o falante mencionou antes (*depois com dezessete anos... faltava dez dias pra fazê(r) dezessete anos aí eu tive a segunda filha... é a C. [Doc.: uhum ((concordando))] hoje ela tem seis anos né?... e:: comecei namorá(r) cedo né? eu comecei namorá(r) com treze anos... e logo... logo depois me casei...*) e, em (84), o sujeito *o seguinte* remete a um evento que ainda será mencionado (*de vez em quando tem uma pintura externa a fazer, todo mundo é castigado no preço um pouco salgado, né, e tem o elevador pra consertar, [...] e o elevador depois que houve uma série de acidentes com elevadores aí em vários prédios, [...] então a fiscalização obrigou então os edifícios a manterem elevadores de acordo*).

O que podemos observar é que, nas ocorrências com sujeitos expressos por itens fóricos, a situação ocorrida é composta por uma cadeia de EsCos que é resumida pelo fórico, enquanto, nas demais ocorrências em que o sujeito codifica o evento expresso, há apenas um EsCo, e esse ocupa a posição de argumento externo.

O outro uso de *acontecer* como verbo pleno também tem seu sentido especificado por um EsCo, que desempenha a função de argumento externo do verbo. Este EsCo é codificado por uma oração infinitiva que, por ser uma forma nominal, tem comportamento semelhante a um sintagma nominal.

Segundo Neves (2000), os verbos que selecionam complementos oracionais são classificados como *implicativos* ou *factivos*, sendo os implicativos aqueles que determinam a ocorrência ou não de um EsCo; e os factivos, aqueles que implicam que o fato expresso na oração completiva encaixada no verbo é verdadeiro. Segundo Gonçalves *et al.* (2008), os implicativos, quando afirmados, tem um complemento realizado e, quando negados, o evento expresso no complemento não se realizou. No caso de *acontecer*, teríamos um verbo implicativo, cujo sentido refere-se à realização de um EsCo. Vejamos a ocorrência abaixo.

(85) nunca **aconteceu de**:... de meu pai pegá(r) minha mãe assim pra batê(r) pelo menos eu nunca vi (21AC-015 – NE – 1.170)

Em (85), *aconteceu* precedido pela partícula negativa *nunca* marca que o EsCo *de meu pai pegá(r) minha mãe assim pra batê(r) pelo menos eu nunca vi* não se realizou.

Como podemos constatar, não se aplica a esses casos a verificação de correferencialidade entre sujeitos da oração matriz e da encaixada, uma vez que o sujeito de *acontecer* é toda a oração infinitiva *meu pai pegar minha mãe assim pra bater* e o sujeito do verbo *pegar* é *meu pai*.

O EsCo encaixado em *acontecer* tem a sua realização determinada pela semântica do verbo, *acontecer* determina o tempo da realização do EsCo. Na ocorrência acima, por exemplo, o tempo de realização do EsCo *meu pai pegá(r) minha mãe assim pra batê(r) pelo menos eu nunca vi* é determinado pelo tempo de *acontecer*, no caso pretérito perfeito.

O uso da preposição *de* junto de *acontecer* nos leva, em primeiro momento, a considerar a análise feita para os usos de *acabar* com as preposições *com*, *de* e *por*, isto é,

analisar como um caso de lexicalização, em que *acontecer* e *de* formariam uma construção e entrariam para o léxico da língua como responsável por encaixar predicções que teriam a sua realização determinada por esta construção. Entretanto, este uso *acontecer* e *de* não apresenta diferenças semânticas em relação ao uso de *acontecer* como verbo pleno sem a preposição. Sendo assim, não podemos considerar que é um caso de lexicalização, pois não há nenhuma nova construção com valor semântico diferente que se forma para entrar no léxico. A nosso ver, a análise mais plausível é considerar que *acontecer*, quando seleciona uma oração infinitiva como complemento, se comporta como verbo pleno que determina o uso de uma preposição específica para reger esse complemento.

A partir da análise das ocorrências de *acontecer de + oração infinitiva*, constatamos que este uso ocorre, em nossos *corpora*, no século XX e XXI. Em algumas ocorrências, no século XX, há o apagamento da preposição *de*, como segue abaixo. Vejamos as ocorrências abaixo.

- (86) Então aquelas oito ou dez estudam o evangelho, o que saiu, o que é que tira, o que é que você pode fazer daquilo, a sua opinião própria e o grupo faz a sua opinião total depois, pra então combinar e concordar ou, ou, ou discordar dos outros, juntar cada um o que fez, a sua opinião. Então é muito interessante, quando eu fiz, por exemplo, porque nós tínhamos, no nosso grupo, que eram uma seis pessoas, nós tínhamos duas químicas industriais. Calhamos, **aconteceu** encontrar lá duas moças de muito preparo e tínhamos uma moça da zona sul da cida... da zona norte da cidade, bastante, muito pouca cultura, e quando nós, ah, nós todas depois ficávamos impressionadas como é que a pessoa que tem aquele eu puro, aquele eu próprio de Cristo, como ela é formidável, porque lia-se o evangelho, por exemplo, eu dizia a minha opinião, eu dizi... a outra dizia a dela e ela, que não tinha cultura nenhuma, nem mesmo de religião, parecia o próprio Cristo falando. (20NURC-RIO – DID-0264)
- (87) Mas a tendência é se generalizarem os supermercados. E é uma das coisas mais interessantes do Brasil, eu posso dizer isso à von... com um certo à vontade, é a rapidez como o brasileiro absorve a novidade. E me **aconteceu** ir ao estrangeiro e encontrar lá uma, um determinado tipo de abordagem no mundo dos negócios que não existia no Brasil, e ao retornar do estrangeiro eu já encontro aqui. (20NURC-RIO – DID-0253)

Nestas duas ocorrências, mesmo com o apagamento da preposição *de*, a relação entre *acontecer* e EsCo é semelhante às ocorrências com a preposição, ou seja, *acontecer* determina a realização do EsCo e o tempo do EsCo. O que podemos observar nas ocorrências sem

preposição é que o sujeito da encaixada é determinado de duas formas, sendo: i) em (86), o sujeito de *encontrar duas moças de muito preparo* é determinado pelo contexto, pois o falante, ao contar a experiência do grupo bíblico, conjuga os verbos e pronomes em 1ª pessoa do plural, o que nos leva a inferir que quem encontrou foi *nós*, o grupo; ii) em (87), o sujeito de *ir ao estrangeiro e encontrar lá uma, um determinado tipo de abordagem no mundo dos negócios que não existia no Brasil* vem em forma de pronome oblíquo anteposto a *acontecer*.

O uso de *acontecer* com oração infinitiva sem a preposição *de* apresentou somente duas ocorrências, o que não nos permite afirmar que há indícios de um apagamento definitivo, em detrimento de uma formação perifrástica *acontecer + verbo infinitivo*, em que *acontecer* funcione como auxiliar. Além disso, aplicando os critérios de auxiliaridade, observamos que:

i) entre *acontecer de* e o verbo no infinitivo da oração completiva pode ocorrer o sujeito da oração, pois este pode vir tanto antes como depois do verbo infinito, como pode ser conferido em (88).

(88) naquela época se brigava por por cerca por por divisa... e:: então meu meu pai contava que... que eles num de(i)xava ninguém chegá(r)... e:: e:: os vizinho... achava que eles tinham tomado terra então era aquela briga de divisa... e e todo mundo tinha medo e eu num sei se **aconteceu** deles baterem em alguém meu pai nu/ num sabe o porquê... (21AC-145 – NR – 1.103)

O sujeito da oração encaixada *eles baterem em alguém*, em (88), vem anteposto ao verbo no infinitivo pessoal, o que acaba proporcionando um distanciamento dos dois verbos, *acontecer* e *bater*. Essa possibilidade de intercalação do sujeito afasta a condição de se ter uma maior integração dos dois verbos.

ii) a ocorrência de negação é sempre anteposta a *acontecer* e nega somente este verbo. Como explicamos na análise da ocorrência (88), a negação de *acontecer* faz com que a oração nele encaixada seja interpretada como não-factual.

iii) quanto à identidade do sujeito, como vimos nas ocorrências acima, *acontecer* e o verbo no infinitivo não compartilham o mesmo sujeito, pois o sujeito de *acontecer* é a oração, como vimos em todas as ocorrências apresentadas aqui.

Diante das considerações acima, constatamos que *acontecer* não apresenta características de se tornar um verbo auxiliar, mantendo, portanto, suas características de verbo pleno, quer seu complemento seja um EsCo codificado por SN ou por oração .

Em relação aos gêneros em que *acontecer* como verbo pleno ocorre, notamos que o uso de *acontecer* com um sintagma nominal é usado nos diferentes gêneros e em todos os séculos que compõem os *corpora*, mas, por reportar-se à ocorrência de eventos, *acontecer* mantém consigo traços característicos de trechos narrativos. Com comportamento semelhante, os usos de *acontecer* com oração infinitiva também apresentam uma tendência de ocorrer em gêneros que predominam trechos narrativos, como podemos ver nas ocorrências (89) e (90).

(89) Inf.: bom tem a::qui... tem VÁrios né?... mas o que meus amigos me contaram foi que... numa pescaria que eles fizeram e:: **aconteceu... de/ de/ de de/...** acaBÁ(r) a gasolina deles no meio do caminho (21AC-107 – NR – 1.69)

(90) A gente trabalha com bordados e eu bordo pra várias firmas né? então eu a gente sempre tá esconden(d)o uma da o(u)tra porque o o(u)tro ¹[qué(r)] ¹[Doc.: ahm] de/ o dele da frente... [Doc.: ((risos))] então às vezes **acontece da** pessoa chegá(r) a gente tá bordando de o(u)tra pessoa é aquela correria e guarda (21AC-120 – NE – 1.9)

Enquanto a ocorrência (89) é parte de uma narrativa recontada e, por isso, o evento passado justifica a flexão do verbo *acontecer de* no pretérito perfeito do indicativo, a ocorrência (90), embora parte de uma narrativa de experiência pessoal, apresenta uma sequência narrativa referente à frequência/habitualidade de ocorrência de eventos (*a pessoa chegá(r) a gente tá bordando de o(u)tra pessoa é aquela correria e guarda*), o que justifica a flexão do verbo *acontecer* no presente do indicativo.

O uso de *acontecer* com oração infinitiva em outros gêneros, em relatos de opinião, por exemplo, ocorre no presente do indicativo, também para referência a eventos habituais/genéricos, parte da argumentação do falante, como mostra a ocorrência em (91).

- (91) meu irmão mesmo tam(b)em casô(u)... a:: esposa dele tinha quatorze ano com quinze ano ela já era mãe... viveram junto até que:: porque Deus quis que meu filho faleceu... com quarenta e um ano ele faleceu... mas era... foi um casal assim dentro das possibilidade... viveram feliz... e viveram junto até que Deus separô(u)... [Doc.: uhum ((concordando))] então casaram novo mas tiveram cabeça pra ficá(r) jun::to criaram os fi::lho junto... mas muitas vezes **acontece de** casá(r) novo assim e depois de um ano dois ano... larga né?... e... e vê que num é aquilo que queria... tem o/ tem os dois lado né? (21AC-094 – RO – 1.212)

O falante, em (91), ao opinar sobre o casamento de jovens, para sustentar a sua argumentação, usa um fato geral, que pode ocorrer ou não, e esse fato é encaixado em *acontecer de* no presente do indicativo. Ao usar presente do indicativo, o falante generaliza a realização do Esco, constatando, apenas, a possibilidade de sua ocorrência. Para marcar que essa possibilidade é alta, o falante usa o advérbio de frequência *muitas vezes*, indicando que não é um fato isolado jovens casarem cedo e logo depois se separem.

Como podemos observar, o uso de *acontecer* no padrão I apresenta valor semântico bem próximo do significado da forma latina *contigescere* que deu origem à forma *contecer* em português. E, a partir deste uso de *acontecer*, decorrem os usos argumentativos do padrão II.

II) [*acontece/aconteceu que* + oração]

O uso *acontecer* + *que* é pouco discutido na literatura. Nos trabalhos consultados, nenhum apresenta uma análise conjunta das construções *aconteceu que* e *acontece que*, para que se possa verificar as possíveis semelhanças ou diferenças entre elas.

Sobre *aconteceu que*, numa visão funcionalista, Neves (2000) considera que *aconteceu que* seleciona um sujeito oracional como argumento, então estaríamos diante de uma oração

matriz de uma oração subordinada substantiva subjetiva, de acordo com a classificação dada pela Gramática Tradicional.

Quanto a *acontece que*, numa visão semântica, Gonçalves *et al.* (2008) argumentam que *acontece que* sinaliza força argumentativa e encaixa um EsCo como oração subordinada subjetiva. Os dicionaristas Houaiss e Vilar (2009) e Borba (1990) consideram que o argumento selecionado por *acontece que* apresenta uma força argumentativa de contrariar algo que tenha sido dito anteriormente, sendo *acontece* um verbo intransitivo que seleciona um sujeito oracional.

Raposo *et al.* (2013) tratam *aconteceu que* e *acontece que* como orações matrizes de uma oração completivas de sujeito. Para eles, *acontecer* introduz uma situação ou EsCo no discurso e é responsável por estabelecer a verdade da proposição expressa na oração completiva, como podemos ver nos exemplos dos próprios autores.

(92) a. [*Acontece*] [que não há nada a fazer.] (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 1850)

b. [*Não aconteceu*] [que houvesse alguma coisa a fazer] (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 1852)

De acordo com os autores, as oração completivas *que não há nada a fazer* e *que houvesse alguma coisa a fazer* são EsCos introduzidos por *acontece* e *aconteceu*, respectivamente, trazendo uma situação que tenha ocorrido ou não. Com a negação de *acontecer*, em (95b), podemos observar que o fato de *acontecer* ser negado torna a informação trazido pelo EsCo uma não-verdade.

As argumentações dos autores apresentados acima se assemelham, uma vez que todas consideram *acontece/aconteceu* como verbo intransitivo que seleciona um argumento oracional que funciona como sujeito.

Por meio das ocorrências (93) e (94), analisaremos o comportamento de *aconteceu que* e *acontece que*.

- (93) ESCRIVÃO, lendo — Diz João de Sampaio que, sendo ele “senhor absoluto de um leitão que teve a porca mais velha da casa, **aconteceu que** o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Tomás pela parte de trás, e com a sem-ceremônia que tem todo o porco, fossasse a horta do mesmo senhor. (19MP-JPR: 11)

Nesta ocorrência, datada do século XIX, *acontecer* dá ao argumento oracional selecionado por ele o estatuto EsCo realizado (*o dito acima referido leitão furar a cerca do Sr. Tomás pela parte de trás e com a sem-ceremônia que tem todo o porco, fossar a horta do mesmo senhor*).

Observamos nas ocorrências de *aconteceu que* em nossos *corpora* que as orações encaixadas sempre codificam eventos passados, marcados por diferentes tempos verbais do pretérito, o que faz reforçar a ideia de evento realizado, advinda de *acontecer*. Assim, a referência temporal da oração encaixada é dependente do tempo da oração matriz, interpretação que corrobora as análises de Neves (2000) e Raposo *et al.* (2013).

A escolha por um sujeito oracional que ocupa a posição pós-verbal é, no caso de *acontecer*, a única possibilidade, pois, em ordem pré-verbal, causaria agramaticalidade (**que o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Tomás pela parte de trás, e com a sem-ceremônia que tem todo o porco, fossasse a horta do mesmo senhor **aconteceu***). Como aponta Raposo *et al.* (2013), a escolha da posição pós-verbal reflete a tendência em português de expressar o foco informacional à direita do verbo, o que é justificável no caso de *aconteceu* que traz a informação nova ao que vinha sendo dito.

A construção *acontece que*, por apresentar estrutura semelhante a *aconteceu que*, tende a receber a mesma classificação, isto é, uma oração matriz de uma oração completiva. Mas, a partir da análise de (94), veremos que *acontece que* apresenta comportamento diferente de *aconteceu que*.

- (94) Doc.: professora e:: QUAL que é a importância que a senhora a::cha nesse tipo de pesquisa assim que que a senhora pensa desse tipo de pesquisa que a senhora realizô(u)... assim éh::...

uma pesquisa assim tão AMpla e tão interessante qual que é a importância disso pra senhora?

Inf.: bem... a importância dela apesar que possa tê::(r)... as suas fa::lhas pos/ possa sofrê(r)... uma série de críticas num é? porque testemunho Único testemunho NULO... **mas acontece que** se você... cê conSEgue... levantá(r)... um GRANde número de infor/ de inforMANtes... e as informações que eles DÃO... éh:: podem compleTÁ(R) uma vai completando a o(u)tra ou vai explicando mais o que o outro... (21AC-146 – RO – 1.369)

Em (94), o falante, num primeiro momento, apresenta o argumento de que a pesquisa é importante, mesmo considerando as falhas que, segundo ele, seriam o fato de se ter testemunho único, para, num segundo momento, trazer o argumento de que, ao mesmo tempo que contra-argumenta o que vinha sendo dito sobre ter testemunha única, acrescenta a informação sobre como seria uma pesquisa com mais informantes e o cruzamento das informações dadas por eles. *Acontece que*, juntamente com *mas*, são os responsáveis por estabelecer essa relação contra-argumentativa entre os dois enunciados.

Se *acontece* for analisado simplesmente como verbo da oração matriz que seleciona argumento oracional, ele poderia ser interpretado como verbo que expressaria a noção de realização do EsCo que ele encaixa, semelhante ao uso de *aconteceu que*. Entretanto, a conjugação de *acontecer* no presente do indicativo é um dos principais fatores que concorre para uma interpretação diferente de seu valor semântico: a de um operador argumentativo que seleciona um conteúdo proposicional. Além disso, ao observamos as ocorrências de *acontece que* nos *corpora*, constatamos que essa construção não opera ao simples encaixe de um EsCo que pode ser avaliado em termos de sua realidade, mas sim introduzem proposições que trazem para o discurso um argumento a ser considerado que, de certa forma, contrasta com argumentos anteriormente expostos. É o que podemos constatar na ocorrência (97), em que o argumento introduzido por *acontece que* (a validade de pesquisa com grande número de informantes) se contrapõe ao argumento anterior (a nulidade de pesquisa com informante único).

Observando as ocorrências de *acontece que* em nossos *corpora*, é muito comum a estrutura *mas+acontece que*, o que nos faz considerar a hipótese de que *acontece que* não

funcionaria como uma simples oração matriz que encaixa uma oração completiva, igual a *aconteceu que*, mas como um operador argumentativo que estabelece uma relação de contra-argumentação junto a um contra-argumentativo prototípico, no caso, *mas*. Baseados em Fraser (2006), consideramos que o primeiro conector é um marcador discursivo primário pertencente a uma das classes de marcadores discursivos – contrastivos (*mas*), elaborativos (*e*), inferências (porque) e temporais (então) – e o segundo conector é um membro desta classe. Aplicando essa noção de Fraser (2006), Silva (2010), numa análise dos adversativos *porém*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto* e *todavia*, mostra que, durante a fase intermediária do processo de mudança, estes itens coocorrem com o adversativo *prototípico mas*, estabelecendo conjuntamente a integração sintática e semântica. Diante do argumento de Fraser (2006) e dos resultados de Silva (2010), levantamos a hipótese, neste trabalho, de que *acontece que* representa um caso de mudança linguística, em que de oração matriz passa a funcionar como um operador argumentativo.

Além das diferenças sintático-semânticas entre *aconteceu que* e *acontece que*, eles também apresentam diferença nos gêneros ou tipos de textos em que são usados. *Aconteceu que* tende a ocorrer em gêneros e/ou tipos de textos predominantemente narrativos, como em cartas pessoais e narrativas de experiência pessoal. Já *acontece que* ocorre no gênero entrevista, em tipos de textos mais argumentativos, e, quando ocorre em outros gêneros, é usado em sequências discursivas de caráter argumentativo, como mostra a ocorrência (95) abaixo.

- (95) porque eu já havia dirigido caminhões trabalhan(d)o com o meu pai... [Doc.: uhum ((concordando))] que tem um depósito de material de construção então (inint.) eu tinha um po(u)co mais de experiência que ele... um po(u)co mais de vivência... MAS... o M. falô(u) – “ah tá pertinho” –... **mas acontece que** que o M. Num sabia... é que esses dezesseis quilômetros dez quilômetro era era era um declive... com com com::... buraco d’um lado e do o(u)tro... num tinha acostamento num tinha nada... né? (21AC-109 – NE – 1.64)

Nesta ocorrência, *acontece que* estabelece uma relação de contra-argumentação entre a fala de M. “*ah tá pertinho*” que pertence à história que estava sendo narrada e o argumento de que M. não sabia que os próximos quilômetros exigiam mais tempo. Como podemos notar, *acontece que* marca claramente a interveniência do falante na narrativa, avaliando seu conteúdo.

Podemos concluir, assim, que há uma especialização de *acontece que* em trechos argumentativos, introduzindo o argumento que vai contra ao que estava sendo dito; e de *aconteceu que* em trechos narrativos, apresentando uma sucessão de eventos considerados realizados.

Considerando apenas os dados do nossos *corpora*, não podemos confirmar com segurança a hipótese de que *acontece que* se originou de uma oração matriz que se gramaticalizou em direção a um operador argumentativo, ou ainda se essa construção surgiu a partir de *aconteceu que* ou do verbo *acontecer* como verbo pleno, pois tanto *aconteceu que* como *acontece que* apresentam usos a partir do século XIX e XX. Sendo assim, recorreremos a textos representativos do português anteriores ao século XVIII e a dicionários de português medieval para observarmos o comportamento dessas duas construções, e constatamos que *aconteceu que* apresenta usos semelhantes aos usos atuais já no século XIII, como pode ser visto em (96).

- (96) Onde **aconteceu que**, quando Erec, que de sto nom sabia rem, era já cavaleiro e se partira de seu padre pera ir aa côrte de rei Artur, uñ seraão que rei Lac foi seu irmão veer aaquêlo castelo que vos disse, os filhos de rei Dirac, que seu tio desamavam, saírom contra el e mataram-no. (13DSG)

Acontece que, segundo registros do dicionário do português medieval, aparece no século XV, como podemos ver na ocorrência em (97).¹³

¹³ A busca de ocorrência foi feita em textos pertencentes ao *Corpus Diacrônico do Português* e no *Dicionário do Português Medieval*, pertencente ao *Corpus Informatizado do Português Medieval*, desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Nova Lisboa.

- (97) Has duuidas que podem acontecer quanto toca aa materia deste sacramento ssom estas: premeiramête por quanto he dyto que ha materia he pam de trigo e vinho de vide, quando **acontece que** alguñs grãaos doutro pam sse mesturassen con ho trijgo, sse seria sacramêto. (15S)¹⁴

Em (96), o escritor narra o episódio da ida do cavaleiro Erec para a corte do Rei Artur e, enquanto isso, seu irmão foi morto pelos filhos do rei Dirac. O uso de *aconteceu que* serve para encaixar evento da morte do irmão de Erec.

Na ocorrência (97), temos um contexto em que o escritor afirma que se pode ter dúvidas quanto a matéria do sacramento, ou seja, do fato do pão ser feito de trigo e o vinho de uva. Para mostrar que, no procedimento de confecção do pão, há mistura de grãos de outro pão, o escritor coloca esta informação junto de *acontece que*. A relação estabelecida com o uso de *acontece que* é semelhante ao uso atual, pois temos, primeiramente, a informação do pão ser feito de trigo e depois, com a informação junto a *acontece que*, o escritor contraria parte do que havia sido dito, colocando que não é totalmente pura a confecção, mas, sim, uma mistura de trigo e grãos de outros pães.

Diante dessas constatações, consideramos que *aconteceu que* é um uso de *acontecer* que encaixa orações completivas, e esse uso já ocorre desde o início do português, continuando no português brasileiro E, no caso de *acontece que*, concluímos que essa construção já é usada como operador argumentativo desde o português medieval.

A partir das considerações acima, temos que *acontece que* está passando por processos de mudança linguística, em que *acontecer* não apresenta as características de verbo, deixa de marcar que algo se realiza, passando a assumir uma nova estrutura junto a partícula *que*, em que atuam como operador argumentativo que marca uma contra-argumentação.

¹⁴ A ocorrência de *aconteceu que* foi encontrada no texto *Demanda do Santo Graal* (1220) e a de *acontece que* foi no texto *Sacramental* (1488). Essa última pode ser consultada na página <http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/texto.jsp?t=d&id=21748>.

3.1.2.2. A trajetória de mudança linguística de *acontecer* e a interface com a GDF

A partir das análises das ocorrências de *acontecer*, constatamos que há dois diferentes padrões de *acontecer*, sendo um mais lexical e outro mais gramatical. O desenvolvimento do uso mais gramatical de *acontecer* como operador argumentativo ocorre a partir do uso lexical de *acontecer* como verbo pleno.

O que podemos observar é que, com o desenvolvimento dos dois padrões, ocorre um aumento de escopo estrutural proporcional ao aumento de gramaticalidade. No âmbito da GDF, de acordo com Hengeveld (2011), um elemento linguístico, ao passar por um processo de gramaticalização, apresenta um alargamento do seu escopo. Sendo assim, proporemos, por meio da interface GDF e lexicalização/gramaticalização, uma possível trajetória de mudança de *acontecer*.

Acontecer como verbo pleno, analisado no padrão I, configura o estágio inicial da trajetória de mudança do item. Neste uso, *acontecer* é um lexema que funciona como núcleo da propriedade configuracional e seleciona um EsCo como argumento externo. Devido ao fato de ser uma entidade de segunda ordem, o EsCo é localizado no espaço e no tempo e só pode ser avaliado em termos de sua realidade, e esta realidade do EsCo está estritamente ligada à semântica de *acontecer*, ou seja, *acontecer* marca a possibilidade de realização de um EsCo. O EsCo selecionado é codificado morfossintaticamente por um sintagma nominal ou por uma oração infinitiva, como podemos observar nas ocorrências (98) e (99).

- (98) quando a maré enchia o mar praticamente encostava na, no muro de nossa casa, isso nas marés fortes, né, porque existem marés fortes, que o mar sobe muito durante certas épocas de ano, do ano, né, quando coincide a junção do sol com a lua, né, com a terra, né, então naquela casa praticamente vivíamos na, na praia, nosso quintal era a praia, né, e me lembro que várias coisas **aconteceram** ali, né, na Pedra de Guaratiba. (20NURC-RIO – DID-0153)

NR (e_i: [f_i: [(f_j: aconteceram (f_j)) (e_j: várias coisas (e_j))] (f_i)](e_i))

NM: (Cl₁: [(Vw: aconteceram (Vw)) (Np: várias coisas (Np))] (Cl₁))

(99) Nunca **aconteceu de**::... de meu pai pegá(r) minha mãe assim pra batê(r) pelo menos eu nunca vi (21AC-015 – NE – 1.170)

NR: (neg e_i: [f_i: [(f_j: aconteceu (f_j)) (e_j: meu pai pegá(r) minha mãe assim pra batê(r) pelo menos eu nunca vi (e_j)] ∪] (f_i)](e_i))

NM: (Cl₁: [(Vw: aconteceu (Vw)) (Gw: de (Gw)) (Np: meu pai pegar minha mãe assim pra batê(r) (Np))] (Cl₁))

Na ocorrência (98), o EsCo *várias coisas* se encaixa em *acontecer*, tendo sua realização determinada pela semântica deste verbo. Já, em (99), um EsCo também tem a sua realização determinada por *acontecer*, mas, diferentemente do EsCo em (98), ele é encaixado em *acontecer*, por meio da preposição *de*, selecionada pelo encaixador.

A representação das duas ocorrências é semelhante no nível representacional, pois temos um EsCo selecionado para ocupar a posição de argumento externo, mas, no nível morfossintático, no caso de (98), o EsCo é codificado como um sintagma nominal (Np) e, em (99), como uma oração (Cl). Como podemos notar nas representações da ocorrência (99), a preposição *de*, por desempenhar somente função sintática de estabelecer a subordinação do oração-argumento ao verbo *acontecer*, é representada apenas no nível morfossintático como uma palavra gramatical.

O último padrão, [*aconteceu que/acontece que + oração*], de acordo com a nossa análise, agrupa dois usos diferentes de *acontecer + que*. Em *aconteceu que*, *aconteceu* se comporta como uma oração matriz que seleciona uma completiva subjetiva, introduzida por *que*. Já em *acontece que*, temos um uso mais discursivo, em que a construção *acontece que* funciona como operador argumentativo.

Acontecer em [*aconteceu que + oração*] se comporta, semanticamente, igual ao padrões I, isto é, determina a realização da completiva encaixada nele. Mas, sintaticamente, ele encaixa um episódio (ep), ao invés de um EsCo (e), como podemos ver na ocorrência abaixo.

- (100) Inf.: bom **aconteceu que**::... nós fazia academi::a né? e::... e aí nós tava tu::do::... aí nós foi na escola... o/ os... aí tinha os colega né? ((ruído)) e tinha um que gostava de brigá::(r)... e o o(u)tro tava::... tinha o irmão de::le que nós tinha encrencado ((ruído)) a bicicleta dele... porque ele tava tiran(d)o sarro ne mim... e:: aí então:: eles falô(u) pa mim falô(u) – “ah pega ele que eu... pego o o(u)tro” – aí:: surgiu a briga... mas hoje nós é colega normal. (21AC-065 – NE – 1.24-25)

NR: (f_i: [(f_j: aconteceu (f_j)) (ep_i: (e_i: nós fazia academi::a né?(e_i) (e_j: aí nós tava tu::do (e_j) (e_k: aí nós foi na escola... (e_k) (e_l: aí tinha os colega né? e tinha um que gostava de brigá::(r) (e_l) (e_m o(u)tro tava::... tinha o irmão de::le que nós tinha encrencado ((ruído)) a bicicleta dele... porque ele tava tiran(d)o sarro ne mim... (e_m) (e_n eles falô(u) pa mim falô(u) – “ah pega ele que eu... pego o o(u)tro” (e_n) (e_o surgiu a briga (e_o) (e_p hoje nós é colega normal (e_p)) (ep_i)_U] (f_i))

Nesta ocorrência, o falante encaixa em *acontecer* vários eventos, expressos por diferentes EsCos, compondo um episódio (ep). *Acontecer*, devido a sua semântica, estabelece a realização deste episódio e determina o tempo de realização dele que sempre será pretérito.

Comparando o padrão II [*aconteceu que + oração*] com o padrão I, [*acontecer + sintagma nominal*], e considerando gramaticalização como um processo em que um item apresenta um alargamento de escopo (cf. HENGEVELD, 2011), chegamos à conclusão de que *acontecer* passa por um processo de gramaticalização, em que há uma expansão do seu escopo da categoria EsCo, camada mais baixa, para a categoria episódio, camada mais alta, ambas no nível representacional.

Ainda no padrão II, o uso de *acontece que* que foi analisado como um operador argumentativo de contra-argumentação, uma vez que *acontecer* perde as características de verbo (seleção de argumentos e flexão de modo-tempo e número-pessoa), esmaece seu valor semântico de realização que influenciava a seleção de argumento e deixa de delimitar a referência temporal da unidade que ele escopa. Assim como as construções *acabar + que*, o uso de *acontece que* como operador argumentativo advém dos processos de lexicalização e gramaticalização.

O processo de lexicalização atua na formação de *acontece que* como operador argumentativo. A junção de *acontecer* na 3ª pessoa do singular com a partícula *que* entra para o inventário da língua com a função de marcar contra-argumentação, em relação a argumentos

anteriores. Formada a nova construção, inicia-se um processo de gramaticalização, em que o item passa a ganhar traços pragmáticos e, como vimos na análise, a co-ocorrência com o adversativo *mas* faz com que *acontece que* adquira, metonimicamente, o valor de contra-argumentação.

Essa passagem de verbo pleno para operador argumentativo, acompanhada de um aumento de pragmática, reflete-se na atuação de *acontecer* nas camadas e níveis da GDF. Como veremos na ocorrência (101), *acontece que* atua no Nível Interpessoal como operador de Atos Discursivos, estabelecendo relação argumentativa entre eles.

- (101) Inf.: ah::... eu vô(u) te falá(r) sobre a a... política econômica... tá?... num é uma uma economia... éh:: de empresa por exemplo va/ vamo(s) dizê(r) assim macro economia vamo(s) dizê(r)... a::... economia pa gente... pra quem tá fora política econômica pra nós que tamo(s) fora... a gente acha solução facinho pra ela...num é uma coisa por exemplo vô(u) te dá(r) um exemplo... quando:: dá um aumento do salário mínimo todo mundo fala que um salário mínimo devia sê::(r) ... mil reais oitocentos reais porque pa gente é fácil... acontece que po:: pro governo... a:: a:: situação é totalmente diferente... porque num é só só por exemplo o I.N.S.S. que num (a)güenta pagá(r) aposentado... o I.N.S.S. num agüenta pagá(r) aposentado... num é só o I.N.S.S.... você pega a as prefeitura principalmente do do norte nordeste... é todo mundo a maioria dos funcionário lá ganha um salário mínimo e a prefeitura num tem recurso pa pagá(r) mais... (21AC-119 – RO – 1.302)

NI: (M_I: [(A_I) (A_J: pro governo... a:: a:: situação é totalmente diferente... porque num é só só por exemplo o I.N.S.S. que num (a)güenta pagá(r) aposentado... o I.N.S.S. num agüenta pagá(r) aposentado... num é só o I.N.S.S.... você pega a as prefeitura principalmente do do norte nordeste... é todo mundo a maioria dos funcionário lá ganha um salário mínimo e a prefeitura num tem recurso pa pagá(r) mais): *acontece que* (A_J)] (M_I))

Em (101), A_I representa o argumento de que o povo que está fora da política quer um grande aumento de salário e A_J representa o argumento de que é difícil para o governo oferecer um aumento que agrade o povo. A relação de contra-argumentação entre A_I e A_J é estabelecida por meio de *acontece que*.

Diante do que foi exposto, podemos concluir que *acontecer* apresenta duas trajetórias de mudança, sendo uma via gramaticalização e a outra via lexicalização e gramaticalização. A primeira trajetória via gramaticalização compreende os usos de *acontecer* de verbo pleno a *acontecer* como encaixador de oração completiva e a segunda, via lexicalização e

gramaticalização, envolve *acontecer* como verbo pleno, que serve de base para a criação de um novo item *acontecer que*, e, após criado, se desenvolve como operador argumentativo.

O desenvolvimento de *acontecer* reflete-se na camadas e níveis da GDF, no sentido de ampliação da categoria semântica escopada por ele. Na primeira trajetória, *acontecer* como verbo pleno escopa um EsCo (e-complemento) e passa a escopar um episódio (ep-complemento) nos usos mais gramaticais como encaixador de oração completiva. Na segunda trajetória, *acontecer*, na construção *acontece que*, passa do Nível Representacional para o Nível Interpessoal como operador de Ato Discursivo. Abaixo ilustramos as trajetórias de mudança de *acontecer*.

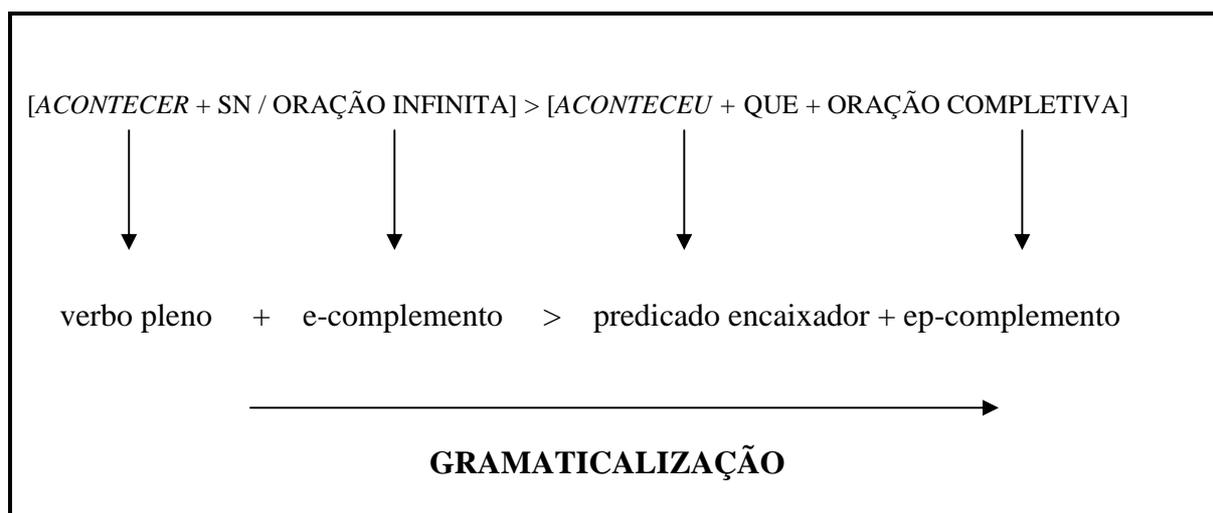


Figura 07: Gramaticalização de *acontecer* de verbo pleno a predicado encaixador

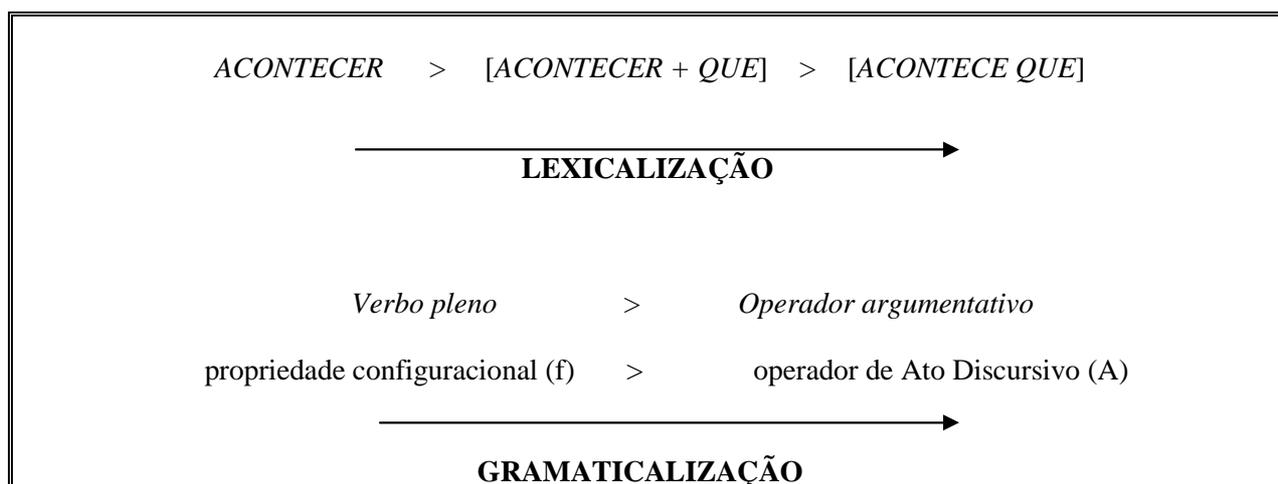


Figura 08: Lexicalização e Gramaticalização de [*acontece + que*] e sua atuação na estrutura hierárquica da GDF

Considerando somente a atuação de *acontecer* dentro das camadas da GDF, teríamos os seguintes *clines* de mudança:

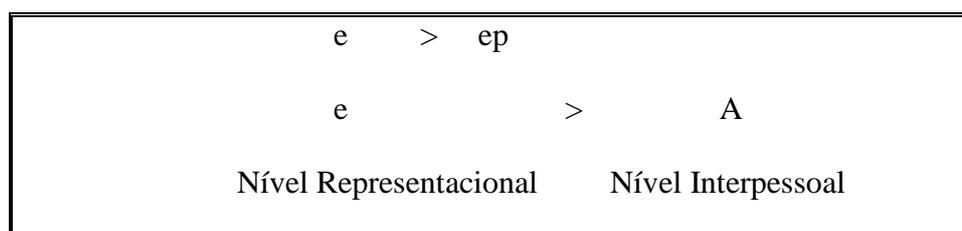


Figura 09: Comportamento de *acontecer* na estrutura hierárquica da GDF

Por meio da atuação de *acontecer* na estrutura hierárquica da GDF, fica evidente o aumento de escopo do item, o que comprova a concepção de gramaticalização defendida por Hengeveld (2011), em que o item em gramaticalização apresenta aumento de escopo. Esta comprovação coloca em xeque a hipótese clássica de Lehmann (1995 [1982]) de que um item mais gramaticalizado, por processo de morfologização, diminui o seu escopo estrutural, posição já questionada por Tabor e Traugott (1998), ao defenderem que a mudança de elementos com função mais referencial para elementos com função mais discursiva (menos referencial) é acompanhada de um aumento de escopo estrutural, constatação também

defendida por Gonçalves (2003) com a mudança de *parecer* e por Casseb-Galvão (2004) com a mudança de *diz que*.

3.1.3 Começar

O predicado *começar*, de acordo com os dicionários etimológicos consultados (MACHADO, 1952; CUNHA, 1986), advém da forma latina *cominitiare*, que significava *dar início* e que, segundo Machado (1952), surgiu no latim vulgar. Como veremos na nossa análise, este significado-fonte de início de uma atividade está presente em todos os usos encontrados em nossos *corpora*, passando por uma abstratização nos usos mais discursivos.

Travaglia (2002; 2006) divide os usos de *começar* em valores lexicais e gramaticais. Segundo sua pesquisa quantitativa, este último valor apresenta uma frequência de uso maior do que aquele, o que pode indicar que *começar* esteja se tornando um item mais gramatical. No rol dos lexicais, o autor inclui tanto os usos como verbo pleno, em que *começar* seleciona um argumento externo, que pode ser agente ou paciente da ação, quanto os usos de *começar* nas construções [*começar com*], [*começar por + infinitivo*] e [*começar + gerúndio*], em que a construção tem o significado de marcar a primeira situação de uma série. Como gramatical, o autor aponta os usos de *começar* como auxiliar de aspecto inceptivo e ordenador textual.

No decorrer de nossas análises de *começar*, dialogaremos com os trabalhos de Travaglia (2002; 2006), Dascal (1982), Boff (2003) e Bertucci (2011).

3.1.3.1. A multifuncionalidade de *começar*

Considerando o que foi exposto acima e os padrões de usos encontrados em nossos *corpora*, apresentaremos a análise de *começar* distribuída em quatro padrões: i) *começar* como verbo pleno; ii) construção [*começar com + SN / começar + gerúndio*] iii) construção [*começar a + infinitivo*], iv) construção [*começar / começando que*] como operador argumentativo.

Nos padrões II e IV, há mais de uma construção a ser descrita, devido ao fato de elas apresentarem o mesmo comportamento semântico.

I) *começar* como verbo pleno

O predicado *começar* como verbo pleno apresenta significado próximo ao da fonte latina, ou seja, ele dá ao contexto a ideia de início de um evento. A estrutura argumental selecionada por *começar* é de um ou dois lugares. Numa estrutura de um lugar, *começar* seleciona um sujeito cujo referente sofre a ação de se iniciar e, numa estrutura de dois lugares, o referente do sujeito selecionado por *começar* é o responsável por iniciar um evento. Nas ocorrências (102) e (103), podemos observar o comportamento de *começar*.

- (102) O comércio está muito ligado à própria história do Rio porque toda a cidade **começou** e se expandiu em função de uma zona portuária que foi depois se, se espalhando e gerando outras atividades subsidiárias. (20NURC-RIO – DID-0039)
- (103) Teresópolis eu, eu trabalhava em Teresópolis e morava num hotel. Agora desse hotel depois eu aluguei um apartamento, que éramos três rapazes, né? Então nós já estávamos vendo que as despesas do hotel estavam grandes, nós três resolvemos alugar um apartamento, contratamos lá uma cozinheira pra nós, né, fizemos uma sociedade, compramos lá um armário pra guardar nossas coisas, né? Foi lá que **começamos** nosso trabalho. (20NURC-RIO – DID-0153)

Em (102), *começar* seleciona apenas o argumento externo *toda a cidade*, e esse argumento é alvo da ação de *começar*. Em (103), numa estrutura de dois lugares, a ação de *dar o início* é controlada pelo referente do sujeito implícito *nós*, e o argumento interno, *nosso trabalho*, é o alvo sobre o qual recai esta ação. Em ambas as ocorrências subjaz a noção de início de um EsCo do tipo processo, ainda que o alvo possa se identificar com um indivíduo, como *cidade* em (102), no caso em questão, referência metonímica ao processo de urbanização.

Como verbo pleno, *começar* não apresenta restrições de uso em relação aos gêneros textuais, ocorrendo sempre nos trechos em que o falante ou o escritor descreve o início de um

EsCo. No caso do gênero *entrevista*, especificamente no tipo de texto *relato de procedimento*, *começar* é sempre usado para marcar o início do procedimento de elaboração de uma receita culinária, por exemplo.

O valor semântico de marcar o início de um EsCo, como veremos nos padrões a ser descritos abaixo, é a fonte para a abstratização do significado.

II) [*começar com* + SN] e [*começar* + *gerúndio*]

A análise [*começar com* + SN] e [*começar* + *gerúndio*] será realizada em conjunto, uma vez que elas desempenham a mesma função semântica de marcar o primeiro acontecimento de uma série. Além dessas construções, há também a construção [*começar por* + *infinitivo*], tipo não encontrado em nossos *corpora*, mas que, como apontado por Boff (2003), é sinônima de [*começar* + *gerúndio*], mais típica do PB, enquanto aquela, mais típica do português Europeu.

Consideremos as ocorrências de (104) e (105), para observamos o comportamento de [*começar com* + SN] e [*começar* + *gerúndio*], respectivamente.

- (104) Doc.: ah:: tá... e como é que acaba o jogo?
 Inf.: quem ti/ cada um **começa com**:: dois mil pontos e aí quando um ataca o O(u)trovai perden(d)o ponto até ficá(r) com zero (21AC-003- RP- 1.348)
- (105) **Começarei agradecendo** a VExa a fineza | do telegramma de hoje, que responde | a um pedido meu. (19CBC – carta243)

Nas duas ocorrências acima, observamos que o valor semântico de *começar* é idêntico ao do padrão I, ou seja, *começar* marca o início de uma atividade que não é explicitada, podendo, portanto, ser inferida pelo contexto. Em (104), o que *começa com dois mil ponto* é o EsCo *jogo*, recuperado por meio da pergunta do documentador, e, em (105), por se tratar de trecho de uma carta, é o EsCo *escritura da carta* que se iniciará pelos agradecimentos. Os

dois argumentos implícitos de *começar* – o jogo e a carta, respectivamente – funcionam como objeto alvo/meta do processo especificado pelo sentido de *começar*.

Em relação a [*começar* + *gerúndio*], Boff (2003), a partir das considerações de Dascal (1982), argumenta que *começar* expressa o início de uma sequência de atividades, e esse início é denotado pelo predicado expresso na forma de gerúndio, como em (105), em que *agradecendo a V.Exa. a fineza do telegrama de hoje* denota a primeira atividade das demais que o escritor mencionará durante o processo de escritura da carta. Estendendo essa análise de Boff (2003) para [*começar* com+SN], também podemos constatar que, no caso de (104), a primeira etapa do processo do jogo é a cada participante serem atribuídos dois mil pontos.

Essa constatação leva Boff (2003) a defender que o gerúndio em [*começar* + *gerúndio*] não funciona como complemento de *começar*, mas sim como adjunto. Para discutirmos essa afirmação da autora, observemos a ocorrência abaixo.

- (106) Doc.: ¹[cê co]meça por qual cômodo assim?
 Inf.: pa limpá(r) casa?
 Doc.: é
 Inf.: às vezes pelo quarto dele... **começo varren(d)o** e **passan(d)o** pano... (21AC-058- RP-1.265)

Em (106), os dois argumentos selecionados por *começar*, externo e interno, estão implícitos. O argumento externo – sujeito – é recuperado por meio da flexão do predicado em primeira pessoa do singular. Já o argumento interno – a limpeza da casa – é recuperado pela informação anterior à construção. Segundo Boff (2003), esse argumento interno pode ser explicitado por um sintagma tanto verbal quanto nominal. Sendo assim, o trecho *começo varrendo e passando pano*, com a inserção dos argumentos, seria expresso como em (107):

- (107) a. [Eu] *começo* [a limpar a casa] *varrendo* e *passando* o pano.
 b. [Eu] *começo* [a limpeza da casa] *varrendo* e *passando* o pano.

Com a inserção do argumento interno, constatamos que *começar* marca o início de uma atividade, e o gerúndio expressa o modo como será o início desta atividade, funcionando, assim, como um circunstaciador de modo. Como afirma Boff (2003, p.70-72), os sintagmas nominais selecionados por *começar*, como *a limpeza*, em (107b), seguem as mesmas restrições dos sintagmas verbais como complemento, semelhante a (107a). Em ambos os casos, indiferentemente à codificação morfossintática do complemento, se sintagma nominal (na verdade uma nominalização) ou verbal, é possível identificar as fases de desenvolvimento (começo, meio e fim) de um processo, focando-se, no caso, a fase inicial.¹⁵

Observando a construção [*começar com* + *SN*], constatamos que o comportamento é semelhante à construção com gerúndio, ou seja, *com* encaixa um sintagma nominal e juntos expressam como se dá o início de uma atividade, o que pode ser verificado por meio da ocorrência (108).

(108) o tabule(i)ro é formado pelos cinco continentes... do mundo né?... e éh o/ o objetivo do jogo é você conquistá(r) o mundo inte(i)ro... e come/ e cê **começa com** uns exército que são umas bolinha né?... (21AC-019- RP- 1.81)

Em (108), *com uns exército que são umas bolinha* é o modo como o jogo que o falante descreve se inicia.

Em relação ao surgimento dessas construções, de acordo com o levantamento dos dados, constatamos que [*começar* + *gerúndio*] apresenta usos no final do século XIX e [*começar com* + *SN*], no século XX. Este surgimento próximo das duas construções não nos permite afirmar que uma tenha surgido antes da outra e, diante disso, recorreremos a textos representativos da história da língua portuguesa. O que constatamos é que ambas apresentam ocorrências a partir do século XVII, entrando, portanto, para o PB no mesmo momento.

¹⁵ No padrão II, trataremos das restrições dos complementos de *começar* como verbo aspectual.

As semelhanças entre elas também podem ser notadas nos gêneros textuais em que ocorrem, pois, com exceção do século XIX, em que há só ocorrência de [*começar* + *gerúndio*], em peças teatrais e cartas oficiais, nos séculos XX e XXI, ambas ocorrem em todos os gêneros que compõem os *corpora* deste trabalho. Além disso observamos que o modo e tempo verbal em que *começar* ocorre também são os mesmos: presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente do indicativo.

Diante das análises acima, defendemos que as duas construções pertencentes a este padrão têm *começar* como verbo pleno e a outra parte da construção – [*com* + *SN* / *gerúndio*] – funciona como um circunstanciador que expressa o modo como se inicia determinada atividade.

III) [*começar a* + *infinitivo*]

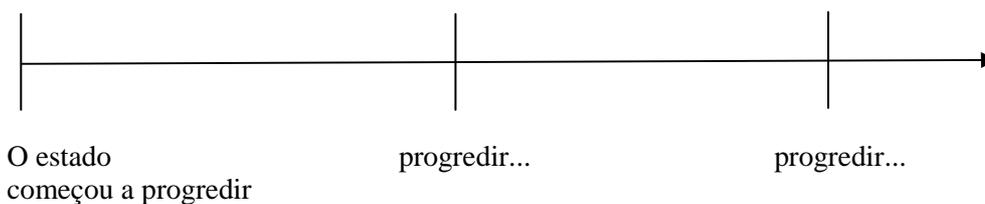
O uso de *começar* na construção [*começar a* + *infinitivo*] é discutido na literatura por Dascal (1982), Longo (1990), Longo e Campos (2002), Travaglia (2002; 2006), Wachowicz (2007), Bertucci (2011) entre outros. Embora esses autores diverjam sobre a classificação de *começar* como verbo auxiliar (Longo, 1990; Longo e Campos (2002); Travaglia (2002; 2006) ou como predicado encaixador (Dascal, 1982; Wachowicz, 2007; Bertucci, 2011), todos concordam que *começar* indica o estágio inicial da realização de um EsCo.

Os que argumentam que *começar* é um verbo auxiliar que indica Aspecto Inceptivo baseiam-se na noção de aspecto de Castilho (1968), que considera a inceptividade como uma subclasse do Aspecto Imperfectivo, uma vez que descreve uma das fases de um processo – o início, no caso. Além disso, Longo e Campos (2002), baseadas nos critérios de auxiliaridade, impossibilidade de desdobramento da oração, compartilhamento do mesmo sujeito e detematização, consideram *começar* como verbo auxiliar que marca o início da ação expressa pelo V2 que com ele se combina.

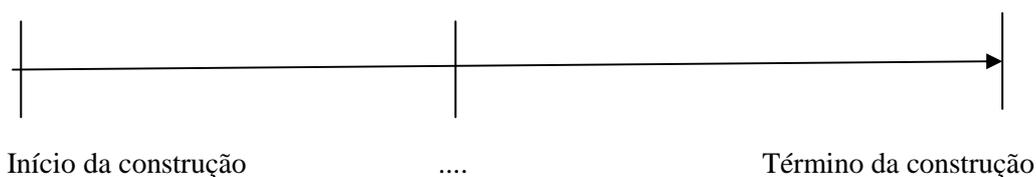
Já os que analisam *começar* como predicado encaixador defendem que ele é um aspectualizador que colabora para a semântica da perífrase [*começar a + infinitivo*], mas não passa por processo de gramaticalização, não funcionando, portanto, como um operador.

Dascal (1982) faz importantes considerações sobre o tipo de verbo infinitivo que compõe a construção [*começar a + infinitivo*]. Para ele, um verbo atélico, que não pressupõe um ponto final, como *progredir*, não terá alterações no desenvolvimento da ação, como exemplificado em (109). Já um verbo télico, que pressupõe um ponto final, terá uma fase inicial, caracterizada por *começar a*, e uma fase final, não trazendo nenhuma especificação sobre o desenvolvimento, conforme (110).

- (109) Foi o ano que talvez também o estado progre... **começou a progredir** mais (20NURC-RIO – DID-0042)



- (110) Foi quando **começaram a construir** os edifícios de apartamento, tudo isso (20NURC-RIO – DID-0042)



Embora, nas duas ocorrências acima, esteja em foco apenas a referência ao início de um processo, marcada pelo pretérito perfeito, em (109), a semântica de *progredir* não permite pressupor um processo que tenha um final delimitado. Diferentemente, em (110), o verbo *construir* permite ao ouvinte pressupor que se trata de um processo que atingirá um final.

O sentido de *começar a* impõe restrições na combinação com verbos de sentido pontual, uma vez que *começar* pressupõe necessariamente fases de desenvolvimento, como

podemos observar por meio do exemplo criado em (111). Mas há exceções quando, no contexto da construção, a combinação do tempo do verbo *começar* e o sentido do verbo pontual passa a indicar um processo, como em (112).

(111) * Eu **comecei a perder** minha bolsa.

(112) Mas com o Nicolau não houve reza que fizesse ele levantar. Preto Zeferino botou o pé na cabeça do coitado, disse uma porção de orações e nada. Eu já **estava começando a perder** a esperança. (20DG-PP: 46)

A ação de perder a bolsa, em (111), é constituído de uma única fase, ou seja, não há possibilidade de desenvolvimento da ação. Já, em (112), a construção com *começar* assume um traço multifásico, uma vez que a ideia a ser passada é a de que a esperança não é perdida momentaneamente, mas é resultado de um processo gradativo/progressivo que, rumo a extinção, tem marcado seu início, com referência às fases de seu desenvolvimento, apreensível pelo pretérito imperfeito.¹⁶

Levando em consideração os trabalhos apresentados acima e os critérios de auxiliaridade definidos no capítulo II, observaremos o comportamento de *começar a* em nossos *corpora*.

Assim como *começar* como verbo pleno, *começar a* também marca o início do desenvolvimento de um EsCo, como podemos ver na ocorrência abaixo.

(113) Hé aVossa Excelencia Constante, que | por efeito de diferentes requerimentos dos | Moradores d'esta Villa do Camam__, e com- |cervação dos seos Direitos-Publicos man- | dou o Excelentíssimo Senhor Manoel daCunha | de Menezes demolir anova-óbra d'hum | Engenho, que na Marinha d'este Rio **começava a edificar** o Padre Marcelino Francisco | de Mélllo. (18CBS – 26/07/1782)

¹⁶ Observe que, a depender da flexão temporal de *começar*, é possível uma subclassificação aspectual: com tempo perfeito, *começar* marca apenas início de um processo, sem referência ao seu desenvolvimento (inceptivo ingressivo), ao passo que, com tempo de imperfeito, além de início, é possível depreender fases de desenvolvimento do processo (inceptivo incoativo) (CASTILHO, 1968).

Nesta ocorrência datada do século XVIII, *começar a*, com uso semelhante ao encontrado no século atual, indica que o Padre Marcelino Francisco de Mello já havia iniciado a edificação de determinada obra. Como podemos observar, *começar a* é responsável por determinar as noções modo-temporais e de aspecto inceptivo. Este comportamento, segundo Cristofaro (2003), está próximo ao de um operador aspectual e, num posicionamento semelhante a esse, Smith (1997 *apud* BERTUCCI, 2011) considera que verbos aspectuais como *começar* (*to start*, em Inglês) funcionam como um morfema supra-lexical responsável por marcar parte da situação descrita pelo predicado principal.

Analisar *começar a* como operador aspectual seria assumir que ele se gramaticalizou em direção a assumir funções como auxiliar. A partir da aplicação dos critérios de auxiliaridade e das diferenças entre predicado encaixador e verbo auxiliar apresentadas por Wachowicz (2007), chegamos às seguintes conclusões em relação aos nossos dados:

i) em nossos *corpora*, há a ocorrência de material interviente entre *começar a* e o outro verbo da construção. O que se observa é que advérbios e pronomes oblíquos átonos tendem a ocupar a posição mediana no interior da construção. No século XVIII, como podemos observar na ocorrência (109), o material interviente é constituído de três palavras, o que nos mostra que, no início do PB, *começar* e o outro verbo da construção não formavam um grupo verbal bem conectado.

(114) Executada esta primeira Ordem, epondo-se todo em ordem para entrar-se na acção, **começavão logo os Castelhanos a atirarem**, por verem as nossas Embarcações aproximarem-se às suas. (18CP – carta 04)

Como podemos constatar em (114), entre V1 e V2, ocorrem o advérbio *logo* e o sujeito da construção. Essa transposição do sujeito para dentro do grupo verbal pode ser uma estratégia do escritor para realçar quem atirava nas embarcações. Nos demais séculos analisados, a inserção de pronomes oblíquos átonos entre os verbos, como em (114), é

justificável no PB, devido à tendência de marcação proclítica, ao invés de enclítica, o que significa dizer que casos como esses não representam falta de coesão dos elementos formadores da construção.

- (115) A criança vai ficar lá um determinado período, né, então deixa lá, a criança no primeiro dia come, está lá no meio das outras, aquela brincadeira toda, etc. etc. Não acontece muita coisa. Daqui a pouco, já no segundo dia, a criança **começa a se sentir** um pouco estranha naquele ambiente, **começa a se sentir** um pouco sozinha. (20NURC-RIO – DID-0097)

ii) um critério a ser considerado é a inserção de circunstante temporal e negação entre os elementos do grupo verbal. Nos nossos *corpora*, constatamos a ocorrência de circunstante temporal entre os elementos do grupo verbal, mas não encontramos casos de negação interna. Diante disso, procuramos na internet alguma ocorrência que nos permitisse analisar a negação interna. Em (116) e (117), encontram-se casos da atuação do circunstante temporal e da negação interna, respectivamente.

- (116) Inf.: é lá é grande nós trabalha numa base de umas de umas cento e cinquenta pessoa na produção... é:: no parque da:: onde tem as indústria beiran(d)o a rodovia... e é grande ela tem:: hoje tem... três pavilhão... tá aumentan(d)o mais um que vai... provavelmente **começa esse ano aumentá(r)** mais um que tá fican(d)o pequena... (21AC-059 – DE – 1.100)

- (117) Admito que doeu, que me sufocou. Admito que eu não sabia pra onde correr. Admito que me consumiu, que me corroe, que me despedaçou. Mas também admito me fez olhar pra frente e entender que tudo nessa vida tem uma razão, e que se você se machuca muito, **começa a não doer** mais tanto. (<http://pensador.uol.com.br/frase/ODU4MDM3/>)

Em (116), O circunstante temporal *esse ano* separa *começar a* do infinitivo encaixado nele. Mesmo ocorrendo no meio do grupo verbal, o seu valor temporal recai sobre a construção como um todo, ou seja, o circunstante marca que a ação de iniciar a obra de aumento de mais um pavilhão ocorrerá esse ano. Em (117), ocorrência retirada da Internet,

podemos observar que operador de negação *não* recai apenas sobre o EsCo *doer mais tanto*, com *começar a* marcando o início deste EsCo negado.

Há a possibilidade ainda de ocorrência da negação anteposta à construção, como podemos observar em (118).

- (118) Ainda não começaram a falar que Pelé perderá o reinado, mas isso não tardará.
(<https://twitter.com/delcio92/status/183813113152413696>)

A negação precedente recai sobre *começaram a falar*, marcando que *falar que Pelé perderá o reinado* ainda não é um evento iniciado.

A partir das considerações de Lobato (1975) sobre a inserção de material no interior da construção perifrástica, podemos observar que [*começar a + infinitivo*] permite tal inserção e, no caso da negação, vimos que ela pode recair somente sobre parte do grupo verbal, o que contraria a formação de perífrase [$V_{AUX} + V_{PRINCIPAL}$].

iii) de acordo com Lobato (1975) e Longo (1990), um outro critério para observar a formação de uma construção perifrástica é analisar o compartilhamento de sujeito pelos dois verbos que compõem a construção. Em (119), exemplificamos como é a identidade de sujeito entre os verbos que compõem a construção [*começar a + infinitivo*].

- (119) **SEQUESTRO LATINO**

Depois de seu desfecho na noite de sábado, o sequestro do publicitário Washington Olivetto **começou a despertar** uma discussão sobre a motivação do crime. A polícia aventa a possibilidade de haver conexões políticas no caso, notadamente com grupos de radicais esquerdistas da América Latina. (21FSP 5 fev 2002)

O sujeito *o sequestro do publicitário Washington Olivetto* é compartilhado pelos dois verbos – *começar a* e *despertar* – da construção. Junto a *começar a*, ele é responsável por definir o morfema de número-pessoa e, junto ao segundo verbo, é responsável por *despertar a discussão sobre a motivação do crime*.

Como podemos observar nos dois primeiros critérios – material interviente entre os elementos do grupo verbal e inserção de circunstante temporal e negação, *começar a* afasta a possibilidade de ser analisado como verbo auxiliar, análise que diverge dos trabalhos de Castilho (1968), Longo e Campos (2002) e Travaglia (2002; 2006). Além disso, se considerarmos as características de predicado encaixador e verbo auxiliar propostas por Wachowicz (2007) e reunidas no quadro 16 na página 74, concluímos que *começar a* reúne as características de um predicado encaixador porque:

- i) mantém o uso como verbo pleno, do qual se origina;
- ii) não há indícios de gramaticalização, uma vez que *começar a* mantém as características sintáticas e semânticas do verbo pleno, ou seja, seleciona um argumento externo que será o agente ou desencadeador da ação de iniciar e um argumento interno que terá o estágio inicial demarcado;
- iii) opera sobre um determinado intervalo de tempo que, no caso, é o intervalo inicial;
- iv) não perde transitividade e seleciona complementos temporais ou eventivos. No caso de *começar a*, ele seleciona complementos eventivos, identificados neste trabalho como EsCo.

Sendo assim, *começar a* é um predicado encaixador que seleciona um EsCo como complemento, atuando, especificamente, sobre o intervalo inicial deste EsCo.

A análise de *começar a* como um predicado encaixador que não sofreu processo de gramaticalização nos leva a pensar, num primeiro momento, que a diferença sintática de *começar a* e *começar* não traz nenhuma diferença semântica e, até mesmo, pragmática, ou seja, o falante opta por usar um complemento infinitivo ou não. Mas, ao observarmos as unidades semânticas selecionadas por *começar* como verbo pleno na estrutura de dois lugares e *começar a*, podemos ver que, como verbo pleno, *começar* seleciona um indivíduo como sujeito e um EsCo como objeto e, como predicado encaixador, *começar a* seleciona um EsCo como complemento. Comparemos, por meio das ocorrências de (120) a (122), a atuação de *começar* e *começar a*.

- (120) personalizá(r) seu carro com a roda... tamanho da roda dá po cê escolhê(r) a cor... é:: a frente de::le você muda tudo as lanterna... é:: a cor do vidro se cê qué(r) pôr desenho ne::le... se cê qué(r) pôr nitro pra ele corrê(r) várias coisas aí quando... você **começa** o jogo... você:: pega a:: você usa a seta do computador pra frente pra movimentá(r) o CARro... (21AC-037 – RP – 1.278)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começa (f_j)) (x_i: - você - (x_i))_A (e_j: o jogo (e_j))] (f_i)](e_i))

- (121) Os desafios do governo Dilma **começam a atrapalhar** os planos de Antonio Palocci (21FSP 02 mai 2011)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começam a (f_j) (e_j os desafios do governo de Dilma (e_j)) (e_k: atrapalhar os planos de Antonio Palocci (e_k))] (f_i)](e_i))

- (122) e meu pai e ela **começaram conversá::(r)** conversá::(r) e meu pai e ela acho acabaram:: assim... se interessan(d)o... UM pelo o(u)tro... (21AC-038 – NE – 1.12)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começaram (f_j)) (x_i: - meu pai e ela - (x_i)) (e_j: conversar (e_j))] (f_i)](e_i))

Valendo-nos das representações subjacentes dentro da GDF, podemos notar que, em (120) e em (122), o indivíduo selecionado como argumento externo (*você* e *meu pai e ela*) será o agente responsável por desencadear o início de um EsCo (*o jogo* e *conversar*). Diferentemente deste comportamento, em (121), *começar a* seleciona dois EsCos (*os desafios do governo Dilma*) e (*atrapalhar os planos de Palocci*), o primeiro determinando o início da realização do último. As ocorrências acima mostram que a posição de argumento externo pode ser ocupada tanto por um EsCo expresso lexicalmente (como em (121)) como por indivíduos (como em (120) e (122)). Nisso reside a diferença entre *começar* e *começar a*, pois, enquanto, em (120) e (121), há um sujeito que atua como agente do complemento do verbo, em (122) não há um agente responsável por iniciar um EsCo.

Num estudo quantitativo, Travaglia (2002) diagnostica que [*começar a* + *infinitivo*] apresenta alta frequência, se comparado com os demais usos de *começar*. Embora não trabalhem com frequência, notamos em nossos *corpora* que esta construção é recorrente em todos os séculos analisados. Mas não podemos atestar uma especialização em determinado gênero e/ou modo-tempo verbal, pois há usos de *começar a* em todos os gêneros e em

diferentes modo-tempo verbais. A única observação a ser feita é que os usos em que *começar a* seleciona um EsCo como argumento externo foram encontrados, somente, em textos opinativos, como editoriais e painel dos leitores, do século XXI.

A partir das análises depreendidas acima, defendemos que *começar a* é um predicado encaixador, responsável por marcar o aspecto inceptivo de um EsCo.

IV) [*começando que*]

O último padrão de uso de *começar a* ser discutido reúne as construções com *começar* que são usadas para relacionar porções textuais maiores. Em nossos *corpora*, encontramos as seguintes construções: [*começando que*], que apresentam o mesmo comportamento sintático-semântico, pois funcionam como operadores argumentativos para introduzir o argumento que o falante julga ser o mais importante para iniciar a sua argumentação.

Sobre o uso [*começar + que*], há na literatura alguns trabalhos como o de Bastos *et al.* (2007) e o de Gonçalves *et al.* (2008) que apontam alguns aspectos da construção [*começa que*], não encontrada em nossos *corpora*. Bastos *et al.* (2007), por meio de uma análise discursivo-funcional, analisam [*começa que*] como uma construção que toma um Ato Discursivo como complemento, sendo esse complemento um argumento que o falante julga ser o primeiro de uma série, e consideram *começar* como um predicado encaixador que teve suas marcações de número-pessoa e modo-tempo neutralizadas, em favor de uma forma não-marcada, podendo ser uma alternativa para modificadores adverbiais como “primeiramente” e “em primeiro lugar”. Já Gonçalves *et al.* (2008) consideram que há um esvaziamento semântico de *começar* em favor de um uso mais argumentativo que orienta o discurso. Construções do tipo [*começando que*] e [*começa*], encontradas em nossos *corpora*, não são discutidas nem por esses nem por outros autores que sejam do nosso conhecimento.

A fim de analisarmos o comportamento de [*começando que*], apresentamos uma ocorrência em (123) de [*começa que*], encontrada na Internet.

- (123) Se a diferença é de apenas um ponto, se os dois estão grudados na quinta e na sexta colocação, por que o Inter vai assistir sossegado à Copa, enquanto o Grêmio fica em vigília, vergado pelo peso da insatisfação geral com sua campanha? Bem, **começa que** os colorados viram meia dúzia de jogadores reservas em campo sustentando seus resultados, em metade dos jogos – ou seja, o grupo existe. Alex e Rafael Moura ressuscitaram nas mãos de Abel, Willians afirmou-se, surgiram três jovens laterais pela direita, Aránguiz revelou-se uma grande contratação e d’Ale joga o que sabe. (<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=163584>)

Na ocorrência acima, [*começa que*] introduz o primeiro argumento que o falante julga importante para responder à pergunta anterior - *se a diferença é de apenas um ponto, se os dois estão grudados na quinta e na sexta colocação, por que o Inter vai assistir sossegado à Copa, enquanto o Grêmio fica em vigília, vergado pelo peso da insatisfação geral com sua campanha?*. Observemos agora em (124) ocorrência com [*começando que*].

- (124) Inf.: eu tenho assim história que seja eu acho que éh:: pra mim é interessante NE? num é nem co/ ela num é/ até assim um fato alegre... éh::... quando::... no fato da gravidez dos meus três... filhos... e **começando que** a minha mãe não ficava grávida... minha mãe se casô(u)... demorô(u) uns... ficô(u) dois anos sem tê(r)... engravidá(r)... aí ela precisô(u) fazê(r) nove::na... promessa um monte de coisa pa tê(r) filho... aí quando eu cresci ela sempre falava pra mim que eu num ia criÁ(r).. porque como ela num num num cria::va eu também num ia tê(r) filho... aí foi eu me casei aí a gente nem... num tomei comprimido na época nada porque... ela sempre falava que eu num ia ficá(r) grávida... que eu num ia ficá(r) grávida ((fala rindo))... que eu num ia tê(r) filho e tal... aí logo que eu me casei daí um mês ou dois... eu fiquei grávida... do meu filho mais velho... (21AC-102 – NE – 1.7)

[*Começando que*], em (124), introduz como argumento a dificuldade de gravidez da mãe [*a minha mãe não ficava grávida... minha mãe se casô(u)... demorô(u) uns... ficô(u) dois anos sem tê(r)... engravidá(r)... aí ela precisô(u) fazê(r) nove::na... promessa um monte de coisa pa tê(r) filho...*] que a falante julga ser o principal argumento que fazia com que ela não esperasse uma gravidez. Baseados na análise realizada para [*acaba que*] e [*acabou que*], consideramos que também *começar*, nesse caso, perde suas características verbais e habilidade de ser centro de predicação para, junto a *que*, formar um operador argumentativo que introduz o primeiro argumento, julgado pelo falante como o mais importante. Sendo assim, estamos diante de um

novo operador argumentativo, ao invés de um predicado encaixador com formas neutralizadas, como apontam Bastos *et al.* (2008).

Estendendo esta argumentação para [*começando que*], veremos que *começando* não funciona como um predicado que encaixa um complemento por intermédio de *que*, mas, sim, como uma construção – [*começando que*] – que se cristaliza, perdendo características sintático-semânticas e, em contraponto, ganhando em pragmática, ao ser usado para orientar o discurso.

Segundo Aijmer (2007), num estudo sobre o aumento de pragmática de *the fact is (that)*, os marcadores pragmáticos que tenham se originado de orações matrizes vão perdendo as características de orações até assumirem um uso mais discursivo. Sendo assim, [*começa que*] ou [*começando que*], como analisamos nas ocorrências (123) e (124), estaria num estágio mediano, por ainda guardar resquícios sintáticos de oração matriz. Como afirma o autor, estruturas que apresentam características associadas a marcadores pragmáticos como ausência da integração são consideradas como resultados de um processo de gramaticalização.

Como podemos constatar, em todos os usos descritos acima, *começar* integra uma construção que introduzirá o primeiro e o mais importante argumento considerado pelo falante, o que nos permite avaliar que há uma persistência semântica de um traço semântico de marcar o início de um evento, advindo do significado-fonte de *começar*. Mas, diferentemente dos usos de *começar* como verbo pleno, que estabelece o início de uma atividade, [*começando que*] marcam o início de um processo de argumentação, ligando-se ao próprio evento do ato de fala ou da enunciação.

A construção [*começando que*] tende a ocorrer em textos mais opinativos, como carta de leitores ou relato de opinião, ou em trechos opinativos dentro de outros tipos de textos, encaixando um argumento que justifica o pensamento da falante, geralmente expresso na parte de avaliação da narrativa.

A ocorrência dessa construção somente no século XXI nos leva a concluir que ela representa o uso mais gramatical de *começar*, em que o significado de *começar* está se abstratizando, a fim de estabelecer relações argumentativas no nível pragmático.

3.1.3.2. A trajetória de mudança linguística de *começar* e a interface com a GDF

A partir das análises dos padrões de uso de *começar*, constatamos que esse item apresenta usos desde verbo pleno até operador argumentativo. Com exceção de [*começar com*] e dos operadores argumentativos, os demais usos já estão presentes no PB com valores semelhantes ao da sincronia atual, desde o século XVIII e XIX, o que não nos permite determinar uma trajetória de mudança linguística envolvendo esses diferentes padrões. Mas o que podemos constatar é que as diferenças sintáticas e semântico-pragmáticas entre os padrões de uso nos permitirão propor uma hipótese sobre os estágios de mudança em que cada padrão se encontra, e defenderemos, como para *acabar* e *acontecer*, que esses diferentes estágios são constituídos via processo de lexicalização ou de gramaticalização. Estas diferentes trajetórias serão relacionadas com a descrição do comportamento de *começar* nos níveis e camadas da GDF.

O padrão I, *começar* como verbo pleno, pode ser considerado o estágio inicial de todas trajetórias, uma vez que é usado no sentido lexical de marcar o início de uma atividade e seleciona complementos que podem ser EsCos. Estas características são consideradas por Heine (1993) como pertencentes ao estágio I.

Neste uso, *começar* atua como núcleo da propriedade configuracional, selecionando um ou dois complementos, como pode ser visto nas representações subjacentes abaixo de cada ocorrência.

- (125) personalizá(r) seu carro com a roda... tamanho da roda dá po cê escolhê(r) a cor... é:: a frente de::le você muda tudo as lanterna... é:: a cor do vidro se cê qué(r) pôr desenho ne::le... se cê qué(r) pôr nitro pra ele corrê(r) várias coisas aí quando... **você começa o jogo**... você:: pega a:: você usa a seta do computador pra frente pra movimentá(r) o CARro... (21AC-037 – RP – 1.278)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começa (f_j)) (x_i: - você - (x_i))_A (e_j: o jogo (e_j))] (f_i)](e_i))

- (126) com a eleição do Lula a:: o que o que que aconteceu todo mundo ficô(u) preocupa::do:: apavora::do pra vê(r) o que que ia acontecê(r)... se ia bloqueá(r) o... pouPAN::ça... a desconfiança total::... éh:: aí... **começô(u) o o governo Lula** (AC-115 – RO – 1.425)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começou (f_j)) (e_j: o governo Lula (e_j))] (f_i)](e_i))

- (127) é já **começava** o(u)tra briga... e o(u)tra ela:: é viúva né?... (21AC-036 – NE – 1.132)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começava (f_j)) (e_j: outra briga (e_j))] (f_i)](e_i))

Nas ocorrências acima, podemos ver que, como argumento externo, *começar* seleciona indivíduo (x), como em (125), ou EsCo, como em (126) e (127). Quando um indivíduo ocupa tal posição, ele desencadeia a ação de *começar* e, quando um EsCo é o argumento externo de *começar*, ele é o alvo da ação de *começar*. Como argumento interno, *começar* seleciona somente EsCo para tal posição, e este EsCo é o alvo da ação de *começar* desencadeada pelo indivíduo que ocupa a posição de argumento interno.

No padrão II, [*começar com* + SN] e [*começar* + gerúndio], de acordo com a nossa análise, *começar* apresenta o mesmo valor do padrão I. O que difere os dois padrões é que a parte da construção expressa por [*com* + SN] e pelo gerúndio funciona como modificador de EsCo, expressando o modo que ocorre um dado EsCo ou uma série de EsCo.

Assim como no padrão I, em II, *começar* atua como núcleo da propriedade configuracional e seleciona ou um indivíduo (x) ou um EsCo (e) como argumento externo. O argumento interno, mesmo que não seja explicitado, é recuperado pelo contexto. Vejamos as ocorrências abaixo.

- (128) eu não sei como explicá(r)::... bom::... nesse jogo... tem as cartas de (inint.)... as cartas de armadilhas e mágicas... pra você detê(r) um monstro... o (outro)/... seu ataque deve sê(r)... dePENde do::... do jeito que o monstro do adversário está... se está em modo... em modo de aTAque... seu ataque deve sê(r) maior... do que o ataque do o(u)tro... e quando é:: ataque... o:: adversário perde::... pontos... danificando os pontos de vida dele... o jogo **começa com uns quatro mil**::... (21AC-013 – RP – 1.113)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começa (f_j)) (e_j: o jogo): *com uns quatro mil* (e_j)] (f_i)] (e_i))

- (129) Inf.: tem eu tenho uma tia que ela trabalha:: como professora na APAE... com crianças especiais e::... e ela vem fazem(d)o vários trabalhos ela dá aula de música pra eles... e:: nesses dias ela vem desenvolvem(d)o um trabalho de teatro ela e um professor... né?... e ela **começô(u) apresentan(d)o peças pra mãe assim no dia das mães** assim e tal... (21AC-037 – NR – 1.124)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começou (f_j)) (x_i: ela (x_i))_A (e_j: o trabalho de trabalho): *apresentando peças pra mãe assim no dia das mães* (f_i)](e_i))

Em (128), *começar* estabelece o início do EsCo *o jogo* e *com uns quatro mil* funciona como modificador, determinando o modo como o jogo se inicia. Com comportamento semelhante, em (129), temos o EsCo *apresentando peças pra mãe assim no dia das mães* atuando como modificador do EsCo mencionado anteriormente *um trabalho de teatro*, ou seja, a forma como aconteceu o início do trabalho foi por meio de apresentações de peças nos dia das mães.

Embora as duas construções sejam semelhantes, observamos que o argumento externo de *começar* em [*começar* + *gerúndio*] é sempre ocupado por um indivíduo (x), como em (129). Quando um EsCo ocupa essa posição, como em (128), a construção selecionada será [*começar com*].

Como podemos constatar, neste padrão, *começar* mantém o seu valor lexical e junta-se a modificadores que determinam o modo como uma atividade ocorre.

No padrão III, [*começar a* + *infinitivo*], *começar a* foi analisado como um predicado encaixador que indica o início da atividade expressa pelo EsCo encaixado em *começar a*. A junção de *começar* à preposição *a* caracteriza um caso de lexicalização, uma vez que dessa junção resulta um novo item para língua, responsável por marcar o aspecto inceptivo de um EsCo. Além do significado de *começar* como marcador de início, segundo Raposo *et al.*

(2013), a preposição *a* veicula um valor temporal pontual, concentrando-se no limite inicial. Em nossos *corpora* observamos uma tendência de apagamento da preposição *a*. Segundo Said Ali (1966), o item que fica entre o verbo transitivo e o infinitivo-objeto tende a ser apagado, devido a sua “inutilidade”, o que nos faz supor que, com o apagamento da preposição *a*, a construção passe por um processo de alteração das fronteiras dos constituintes, em favorecimento de uma construção mais integrada do tipo $[V_{AUX} + V_{PRINCIPAL}]$.

Assim como *começar* no padrão I e II, $[começar a]$ também atua como núcleo da camada da propriedade configuracional, selecionando, apenas, um EsCo (e), como pode ser visto nas ocorrências abaixo.

(130) **SEQUESTRO LATINO**

Depois de seu desfecho na noite de sábado, o sequestro do publicitário Washington Olivetto **começou a despertar** uma discussão sobre a motivação do crime. A polícia aventa a possibilidade de haver conexões políticas no caso, notadamente com grupos de radicais esquerdistas da América Latina. (21FSP 05 fev 2002)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começou a (f_j) (e_i: o sequestro do publicitário Washington Olivetto (e_j)) (e_k: despertar uma discussão sobre a motivação do crime. (e_k))] (f_i)](e_i))

(131) A China, como o Brasil, está entre as nações isentas da obrigação de emitir menos [gases-estufa] até 2012, em nome de seu direito inquestionável ao desenvolvimento. Não se deve ignorar, tampouco, dois outros fatores de equidade tradicionalmente relevados: a população chinesa é mais de quatro vezes maior que a dos EUA, e os americanos **começaram a emitir [gases-estufa] um século antes**. (21FSP 11 nov 2006)

NR: (e_i: [f_i: [(f_j: começaram (f_j)) (x_i: os americanos (x_i)) (e_j: emitir gases-estufa um século antes (e_j))] (f_i)](e_i))

Nas duas ocorrências acima, *começar a* seleciona um EsCo como complemento e determina o tempo inicial da realização deste EsCo. Como vimos na análise deste item, o sujeito pode ser expresso por um indivíduo (x), como em (131), e por um EsCo, como em (130).

Uma possível ilustração da atuação do processo de lexicalização de *começar a* pode ser vista na figura (10).

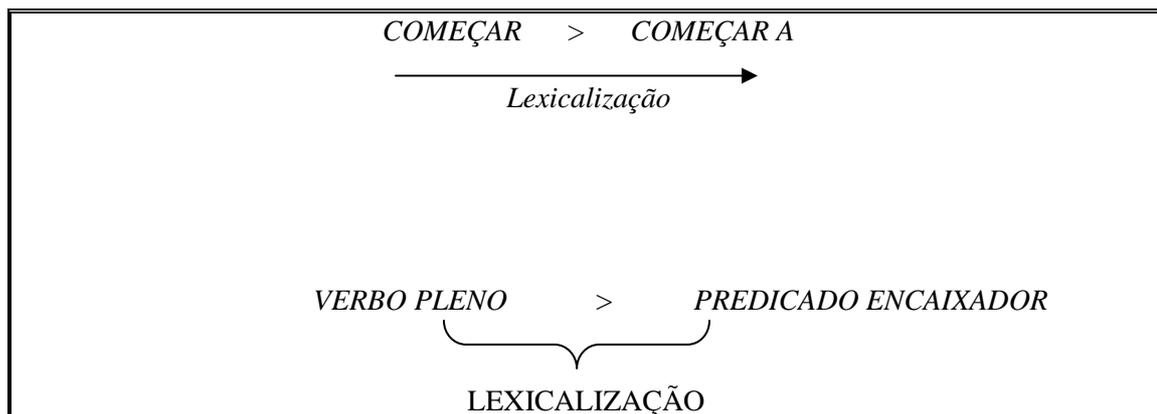


Figura 10: Lexicalização de [*começar a*]

Como podemos ver na figura acima, a passagem de *começar* para *começar a* se dá por meio de um processo de lexicalização, em que há a criação do novo lexema *começar a*, responsável pelo aspecto inceptivo do EsCo.

O último padrão, *começar* como operador argumentativo, a construção [*começando que*] introduz o argumento que o falante julga ser o mais importante. Esta construção atua como operador de Ato Discursivo, escapando o primeiro argumento de uma série de argumentos considerada pelo falante. A ocorrência (124), reproduzida aqui em (132), mostra o comportamento de [*começando que*] dentro da arquitetura da GDF.

- (132) Inf.: eu tenho assim história que seja eu acho que éh:: pra mim é interessante NE? num é nem co/ ela num é/ até assim um fato alegre... éh::... quando::... no fato da gravidez dos meus três... filhos... e **começando que** a minha mãe não ficava grávida... minha mãe se casô(u)... demorô(u) uns... ficô(u) dois anos sem tê(r)... engravidá(r)... aí ela precisô(u) fazê(r) nove::na... promessa um monte de coisa pa tê(r) filho... aí quando eu cresci ela sempre falava pra mim que eu num ia criÁ(r).. porque como ela num num num cria::va eu também num ia tê(r) filho... aí foi eu me casei aí a gente nem... num tomei comprimido na época nada porque... ela sempre falava que eu num ia ficá(r) grávida... que eu num ia ficá(r) grávida ((fala rindo))... que eu num ia tê(r) filho e tal... aí logo que eu me casei daí um mês ou dois... eu fiquei grávida... do meu filho mais velho... (21AC-102 – NE – 1.7)

NI: (M_I: [(A_I) (A_J a minha mãe não ficava grávida... minha mãe se casô(u)... demorô(u) uns... ficô(u) dois anos sem tê(r)... engravidá(r)... aí ela precisô(u) fazê(r) nove::na... promessa um monte de coisa pa tê(r) filho... aí quando eu cresci ela sempre falava pra mim que eu num ia criÁ(r).. porque como ela num num num cria::va eu também num ia tê(r) filho...): *começando que* (A_J)] (M_I))

Na ocorrência acima, há um Movimento composto de três Atos Discursivos. O segundo Ato Discursivo introduzido por [*começando que*] traz o argumento que a falante julga necessário para iniciar a sua argumentação sobre o porquê de achar que ela não teria filhos.

De acordo com nossa análise depreendida na subseção anterior, [*começando que*] é resultado de um processo de mudança linguística via gramaticalização em que a construção perde as características verbais e passa a adquirir funções mais pragmáticas, mas, como apontamos na análise, esta construção ainda se encontra num estágio mediano de gramaticalização, pois guarda resquícios da formação de oração matriz do tipo [*predicado matriz + que*]. A trajetória de mudança desta construção são representadas na figuras (11) abaixo.



Figura 11: Gramaticalização de [*começando que*]

A partir do que foi exposto nesta subseção, podemos estabelecer as diferentes trajetórias de mudança de *começar* via lexicalização e/ou gramaticalização considerando a arquitetura da GDF. As setas vermelhas representam as trajetórias de gramaticalização, as azuis, de lexicalização, as pontilhadas apontam para mudanças ainda não efetivadas na língua e, por fim, a preta retrata o uso de [*começar + gerúndio*], em que *começar* se manteve como verbo pleno e atua junto a um modificador de EsCo. Essas trajetórias de mudança refletem a

atuação de *começar* no modelo da GDF, pois os usos mais lexicais atuam na camada de propriedade configuracional, integrante do Nível Representacional, e os usos mais argumentativos atuam no Nível Interpessoal como operador de ato discursivo. Na figura abaixo, podemos comparar as trajetórias de mudança de *começar* e sua representação dentro da GDF.

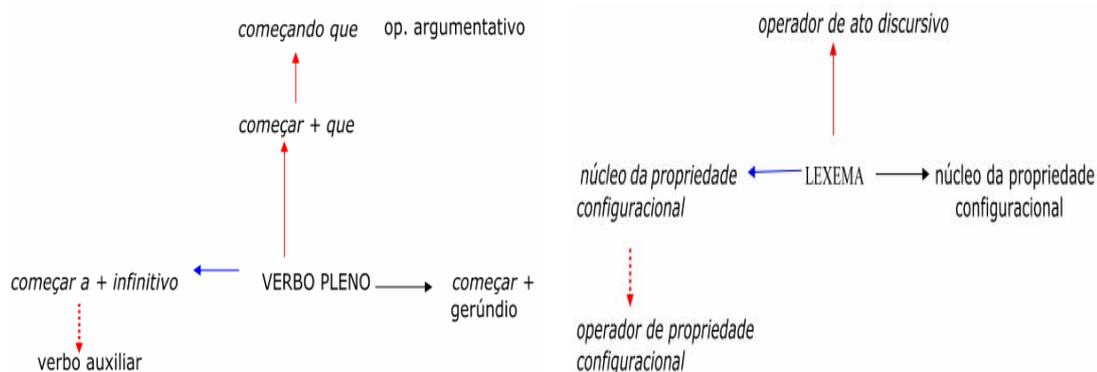


Figura 13: Trajetória de mudança de *começar* e sua atuação na estrutura hierárquica da GDF

Como podemos observar, a trajetória de mudança de *começar* também confirma a hipótese defendida por Keizer (2007; 2012) e Hengeveld (2013), de que a mudança é sempre do Nível Representacional para o Interpessoal ou das camadas mais baixas para camadas mais altas dentro do mesmo nível.

CONCLUSÕES

Na presente pesquisa realizamos um estudo da multifuncionalidade dos predicados *acabar*, *acontecer* e *começar* na história do português brasileiro. Embasados pelas teorias de Lexicalização e da Gramaticalização em interface com a Gramática Discursivo-Funcional, buscamos comprovar a hipótese de que esses predicados percorrem trajetórias de mudança que respeitam a ordem hierárquica das camadas e dos níveis de representação do modelo gramatical que nos serviu de base de descrição.

A inovação do nosso trabalho em relação a outros já existentes na literatura linguística sobre o assunto está no fato de ser o primeiro trabalho que faz uma análise conjunta desses três predicados e, sobretudo, uma análise que procura interpretar a mudança linguística de acordo com as camadas e níveis da Gramática Discursivo-Funcional.

Para atingirmos o nosso objetivo, apresentamos, no primeiro capítulo da tese, o arcabouço teórico que guiou esta pesquisa, expondo as duas teorias de mudança linguística – Lexicalização (MORENO CABRERA, 1998; LEHMANN, 2002a; BRINTON e TRAUGOTT, 2005) e Gramaticalização (HEINE *et al.* 1991; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; BYBEE, 2002, 2007, 2013), a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008) e as noções de auxiliaridade, de copularidade e de encaixamento. Ainda neste capítulo, discutimos alguns trabalhos (KEIZER, 2007, 2012; SOUZA, 2009, 2010; OLBERTZ, 2010; CASSEB-GALVÃO, 2011; HENGEVELD, 2010) que implementaram a interface mudança linguística e Gramática Discursivo-funcional para a explicação de diferentes fenômenos linguísticos de diferentes línguas, como o inglês (KEIZER, 2007, 2012), o espanhol (OLBERTZ, 2010), o português (SOUZA, 2009, 2010; CASSEB-GALVÃO, 2011) e línguas em geral (HENGEVELD, 2010).

Diante das concepções apresentadas no capítulo I, os nossos resultados serviram para reafirmar o conceito de **lexicalização** como o processo pelo qual itens ou construções entram para o léxico da língua (LEHMANN, 2002a), e de **gramaticalização**, como o processo de mudança gradual que ocorre, em determinados contextos, fazendo com que construções lexicais assumam funções gramaticais (HOPPER e TRAUGOTT, 2003). E, assim como os demais trabalhos dentro da interface mudança linguística e Gramática Discursivo-Funcional, o comportamento dos predicados estudados dentro do nível gramatical da teoria comprovou a unidirecionalidade do Nível Representacional para o Nível Interperssoal e de camadas mais baixas para camadas mais altas do Nível Representacional.

O capítulo II foi dedicado a relatar os procedimentos metodológicos desta pesquisa, começando pela composição dos *corpora*, constituídos de uma seleção diversificada de gêneros textuais escritos e falados representativos da história do português brasileiro. Os critérios que sustentaram as análises foram apresentados neste capítulo e consideramos aspectos formais e funcionais como: *valor semântico do verbo; estatuto semântico da construção encaixada; material interviente entre o verbo auxiliar e o principal; incidência de negação e circunstante temporal; identidade dos sujeitos; correlação modo-temporal e gênero textual*. Como lidamos com diferentes funções dos predicados, os critérios *material interviente entre o verbo auxiliar e o principal, incidência de negação e de circunstante temporal e identidade de sujeitos* foram exclusivos de usos com perífrases verbais do tipo [VI_{AUX} + V2_{PRINCIPAL}], para verificarmos o estatuto de auxiliar do primeiro verbo, e o critério *correlação modo-temporal* auxiliou na análise das construções [V + *que* + *oração*].

No capítulo III, último capítulo desta tese, construímos a análise de dados dos predicados. Na primeira parte da análise, descrevemos os aspectos formais, semânticos e pragmáticos de cada predicado, a partir dos critérios apresentados e discutidos no capítulo II,

que nos permitiram identificar o perfil da mudança, e, na segunda parte, relacionamos as características de mudança dos predicados com o modelo de descrição gramatical da GDF.

A primeira parte da análise dos predicados nos permitiu chegar à conclusão de que *acabar*, *acontecer* e *começar* não percorrem apenas uma trajetória, mas sim trajetórias múltiplas de mudança linguística. Todas têm o verbo pleno como origem da mudança, e o desenvolvimento de cada uma pode ser interpretado como casos de lexicalização e/ou de gramaticalização. Casos que se desenvolvem via lexicalização, como, por exemplo, [*acabar de + infinitivo*] com valor aspectual, podem servir de base para um desenvolvimento via gramaticalização, como é o caso de [*acabar de + infinitivo*] com valor de passado recente. Na segunda parte, a análise na interface mudança linguística/Gramática Discursivo-Funcional nos permitiu também comprovar a hipótese de que a mudança linguística dos predicados encontra respaldo nas camadas e níveis da Gramática Discursivo-Funcional. O que constatamos nas análises dos três predicados é que usos menos gramaticais atuam em camadas mais baixas do Nível Representacional, e usos mais gramaticais, discursivos, atuam em camadas mais altas do mesmo nível ou atingem o Nível Interpessoal, como acontece com os operadores argumentativos [*acaba/acabou que*], [*acontece que*] e [*começando que*].

Diante dos resultados encontrados, reafirmamos o postulado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.362) de que a unidade semântico-funcional representada pela estrutura encaixada no predicado é determinada pela semântica deste predicado. Em relação aos usos como operadores argumentativos, observamos que há uma persistência semântica dos usos considerados fonte da mudança nas construções [*acaba/acabou que*] e [*começando que*], mas não na construção [*acontece que*], que, em sua função mais discursiva, estabelece uma relação contrajuntiva, enquanto as demais construções, funcionando como operador argumentativo, sinalizam um Ato Discursivo que inicia ou encerra uma atividade argumentativa, aspecto que se volta para o próprio ato enunciativo.

A nossa contribuição com os estudos linguísticos se concentra, primeiramente, na descrição mais detalhada que oferecemos para o comportamento sintático, semântico e pragmático desses três predicados, sem preocupação com a frequência de uso, mas com a identificação de determinado padrão, o que nos permitiu reconhecer diferentes funções exercidas por esses predicados e propor trajetórias de mudança, via lexicalização e/ou gramaticalização, explicativas de seus funcionamentos desde verbo pleno até operador argumentativo. Em segundo lugar, a interpretação da mudança experimentada por esses predicados dentro arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional nos possibilitou corroborar tanto a hipótese de mudança defendida por Keizer (2007, 2012) e por Hengeveld (2013) como também resultados de trabalhos já existentes sobre mudança envolvendo vários outros fenômenos do português e de outras línguas (OLBERTZ, 2010; SOUZA, 2009, 2010; CASSEB-GALVÃO, 2011), o que serve para também reafirmar a adequação descritiva e tipológica da arquitetura do modelo de gramática assumido.

Diante dessas considerações, esperamos que nosso trabalho possibilite desenvolvimentos futuros, como, por exemplo, a conjugação de uma análise qualitativa e quantitativa, a descrição detalhada do surgimento de outros operadores argumentativos de base verbal, e, sobretudo, esperamos que os resultados a que chegamos contribuam com a descrição do português brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIJMER, K. The interface between grammar and discourse: The fact is that. In: CELLE, A.; HUART, R. (Eds.) *Connectives as Discourse Landmarks*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

BASTOS, S.D.G. *et al.* The Expressibility of Modality in Representational Complement Clauses in Brazilian Portuguese. *Alfa*. n.51, v.2, p.189-212, 2007.

BAKKER, D.; SIEWIERSKA, A. Towards a speaker model of Functional Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Eds.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin and New York, NY: Mouton de Gruyter, 2004, p. 325 – 64.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes Editores, 2006.

BERLINK, R.; BARBOSA, J.B.; MARINE, T.C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes históricas para o estudo da língua. *Revista da ABRALIN*, v.7, n.2, p.169-195, jul./dez. 2008.

BERTUCCI, R.A. *Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de São Paulo. 2011. 200f.

BOFF, R. O. *Em busca de uma análise sintático-semântica para construções com o verbo começar no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Paraná. 2003. 95f.

BORBA, F. S. *Dicionário grammatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRINTON, L.; TRAUGOTT, E.C., *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

_____. Cognitive processes in grammaticalization. In: THOMASELLO, M. (Ed.) *The New Psychology of Language*. vol. II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2002.

_____. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In B. D. Joseph and J. Janda (Eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

_____. Constructions at work: the nature of generalization in language. *Journal of Child Language* 34. 2007, p.692-697.

_____. Usage-based theory and exemplar representation. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013, pp. 49-69.

BYBEE, J. L., PERKINS, R., and PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the language of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CASSEB-GALVÃO, V. De predicação matriz a operador evidencial. A gramaticalização de *diz que*. *VEREDAS – Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, P. 163 – 181, jan./dez. 2004.

_____. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [□□□□□] no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 13(2), 2011, p. 305-355.

CASTILHO, A. T. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília, 1968.

CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: University Press, 2003.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DASCAL, M. Começamos a acabar de começar?. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n.3, Campinas: FUNCAMP, 1982.

DIK, S.C. *Studies in Functional Grammar*. London: Academic Press, 1980.

_____. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

_____. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FERNANDES, F.O. *Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. Relatório de Iniciação

Científica em Estudos Linguísticos – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4.ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FONSECA, A. M. H. *A perífrase verbal ir + infinitivo e o futuro do dialeto Riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, 2010, 174f.

FRASER, B. *Approaches to discourse particles*. Elsevier Science, 2006.

GABELENTZ, G. *Die Sprachwissenschaft, ihre Aufgaben, Methoden und bisherigen Ergebnisse*. Zweite, vermehrte und verbesserte Auflage, herausgegeben von Dr. Albrecht Graf von der Schulenburg. Leipzig: Chr. H. Tauchnitz, 1901 [1891].

GALVES, C.; FARIA, P. *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*. URL: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>. 2010.

GARCIA, A. S. Uma tipologia semântica do verbo no Português. *SoLetras*, ano IV, n.08, jul./dez. 2004.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Syntax: A functional-typological introduction*. v.II. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, 2003. 250f.

GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

GONÇALVES, S.C.L. *et al.* As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M.H.M.; CASTILHO, A.T. (Org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. 1.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, v.2, p.1021-1084.

- HEINE, B. *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.
- HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 1984.
- HENGEVELD, K., MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- _____. Gramática Discursivo Funcional. In: SOUZA, E. R. F. (Ed.). *Funcionalismo linguístico*. vol.1: Novas tendências teóricas. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 43-86.
- HENGEVELD, K. *Non-verbal Predication: Theory, Typology, Diachrony* (Functional Grammar Series 15). Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1992.
- _____. Cohesion in Functional Grammar. In: BUTLER, C.S.; CONNOLLY, J.H.; GATWARD, R. A.; VISMANS, R. M. (Eds.). *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar* (Functional Grammar Series 18). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997, p. 1-16.
- _____. Grammaticalization in Functional Discourse Grammar. In: *International Conference on Grammaticalization and (Inter)Subjectification*. Brussels, 2010.
- _____. The grammaticalization of tense and aspect. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.) *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 580-594.
- _____. A hierarchical approach to grammaticalization. In: *The Grammaticalization of Tense, Aspect, Mood and Modality*. University of Amsterdam – Amsterdam, 2013.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, 1991, p.17-35.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- _____. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUMBOLDT, W. Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die Entwicklung des Menschengeschlechts. In: *Werke III: Schriften zur Sprachphilosophie*. Darmstadt, 1963 [1836], p.368-757.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in FDG. *Revista Alfa*. Advances in Functional Discourse Grammar, v. 51, n. 2, 2007, p. 35-56.

_____. Functional Discourse Grammar. In: *Theoretische Zugänge zur Grammatik*. Universität Wien – Viena, 2012.

KÖNIG, E.; KORTMANN, B. On the reanalysis of verbs as prepositions. In: RAUH, G. (Ed.). *Approaches to Prepositions*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1991, p. 109-125.

KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. *Diogenes* 51. 1965, p. 55-71. Reprint: Kuryłowicz, J. *Esquisses linguistique II*. München: W: Fink, 1975.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 275-330, 1988.

_____. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como *Thoughts on Grammaticalization: a pragmatic sketch*. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v. 1.), 1995 [1982].

_____. New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Eds.). *New reflections on grammaticalization. Typological Studies in Language* 49. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2002a, p. 1-18.

_____. *Thoughts on Grammaticalization*. Second, revised edition. Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt 9. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität, 2002b.

LIMA, I.S. A língua brasileira e os sentidos de nacionalidade e mestiçagem no Império do Brasil. *TOPOI*, n.7, v.4, jul./dez. 2003, p. 334-356.

LOBATO, L. M. P. Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo: Critérios de Auxiliaridade. In: _____. *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.

LONGO, B. N. O. *A Auxiliaridade e a Expressão do Tempo em Português*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1990.

_____. Perífrases temporais no português falado. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. n.3, v.2, 2009, p. 9-24.

LONGO, B.O.; CAMPOS, O.S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs). *Gramática do Português Falado*, v. VIII, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 445-477.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge University Press: Cambridge, 1977.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e reconhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Confluência, 1952.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, N.S. *História da Língua Portuguesa: século XIX*. vol. V. São Paulo: Ática, 1988.

MATTOS e SILVA, R.V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1948 [1912].

MIRA MATEUS, M.H. *et al.* Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho, 1989.

_____. *Gramática da língua portuguesa*. 5.ed Lisboa: Caminho, 2003.

MORENO CABRERA, J. C. On the relationships between grammaticalization and lexicalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P.J. (Eds.). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins (Typological Studies in Language 37), 1998, p. 211-227.

NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEWMAYER, F. *English Aspectual Verbs*. Paris: Mouton, 1975.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (Ed.) *Language typology and syntactic description: complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 52-150, 2007.

OLBERTZ, H. *Verbal Periphrases in a Functional Grammar of Spanish*. [Functional Grammar Series 22]. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

_____. The grammaticalization of the Spanish connector *pues* – a proposal for an FDG account. *International Conference on Functional Discourse Grammar*. Lisbon, 2010.

OLIVEIRA, F; CUNHA, L.F.; MATOS, S.; GONÇALVES, A. Verbos de Operação Aspectual em PE e em PB: Semântica e Sintaxe. In: *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, Número Especial, II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, Imprensa Universitária/UFC, 2001, p. 380-385.

OLIVEIRA, M. R. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos Linguísticos*, v. 42(1), 2013, p. 148-162.

PEZATTI, E. A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado. *Alfa*, 37, 1993, p.159-178.

RAMAT, P. Thoughts on degrammaticalization. *Linguistics* 30, 1992, p. 549-560.

RAPOSO, E. B. P. *et al.* *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramento, 1966.

SIEWIERSKA, A. *Functional grammar*. London: Routledge, 1991.

SILVA, T.M. *Gramaticalização de conjuntivos adversativos na história do português*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, 2010, 177f.

SOUSA e SILVA, J.N. A língua Brasileira. *Guanabara*. 1855, Tomo III. In: *Cores, Marcas e Falas: História e sentidos da mestiçagem no Brasil*, disponível em: <www.coresmarcasefalar.pro.br>. Acesso em: 02/06/2013.

SOUZA, E. R. F. Gramática funcional: da oração rumo ao discurso. In: *Domínios de Linguagem*. Ano 2, nº 1, 2008, disponível em: <www.dominiosdelinguagem.org.br>. Acesso em: 15/05/2012.

_____. *Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, 2009. 300f.

_____. Os usos de *assim* no português falado no noroeste paulista sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. *Estudos Linguísticos*, v. 39, 2010, p. 73-88.

STASSI-SÉ, J.C. Subordinação Discursiva no Português à luz da Gramática Discursivo-Funcional. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, 2012, 194f.

TABOR, W.; TRAUGOTT, E. Structural scope expansion and grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. (Eds.). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998, p. 229 – 272.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do Português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I. e KATO, M. *Português Brasileiro*. Campinas: Editora da UNICAMP, p.35-68, 1993.

TAVARES, M. A.; KO. FREITAG, R. M. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguística*. v.6, n.1, jun. 2010, p. 103-119.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R.B. Regularity in Semantic Change. (Cambridge Studies in Linguistics 96.) Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E., HEINE, B. (Orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAVAGLIA, L.C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, 1991. 330p. + 124p.

_____. A gramaticalização dos verbos começar / passar – continuar – acabar, terminar / deixar. In: TRAVAGLIA, L.C. *Gramaticalização de verbos – Relatório de pesquisa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, Relatório de Pós-Doutorado em Linguística, 2002.

_____. A gramaticalização de verbos. In: HENRIQUES, C. C. (Org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação*. Estudos de língua e linguística. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003, p. 306-321.

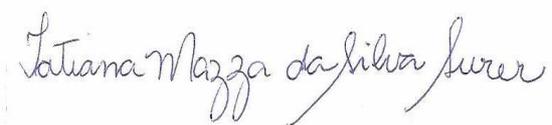
_____. A (poli)gramaticalização do verbo acabar. *Letras & Letras*. v.20, 2005, p.21 – 56.

_____. A gramaticalização do verbo *começar*. In: TRAVAGLIA, L. C. *et al.* *Linguística: caminhos e descaminhos em perspectiva*. Uberlândia, EDUFU, 2006, p. 514 – 529.

WACHOWICZ, T. C. (2007). Auxiliary and Aspectualizer Verbs: some syntactic and semantic distinctions. *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, n. 73, set/dez 2007, p. 223-234.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 06 de agosto de 2014.



Tatiana Mazza da Silva Jurer